



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA  
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

**AMANDA DE SOUZA BRITO**

**REFLEXÕES SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DO PERFECTIVO E DO  
IMPERFECTIVO NO QUADRO ASPECTUAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A  
TRANSITIVIDADE ORACIONAL**

**JOÃO PESSOA-PB**

**2016**

AMANDA DE SOUZA BRITO

REFLEXÕES SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DO PERFECTIVO E DO  
IMPERFECTIVO NO QUADRO ASPECTUAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A  
TRANSITIVIDADE ORACIONAL

Dissertação submetida ao programa de Pós – Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

JOÃO PESSOA – PB

2016

B862r Brito, Amanda de Souza.

Reflexões sobre a caracterização do perfectivo e do imperfectivo no quadro aspectual do português brasileiro e a transitividade oracional / Amanda de Souza Brito.- João Pessoa, 2016.

154f. : il.

Orientador: Denilson Pereira de Matos

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA

1. Linguística. 2. Caracterização aspectual. 3. Perfectivo e imperfectivo. 4. Binarismo. 5. Escalaridade. 6. Transitividade oracional.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

AMANDA DE SOUZA BRITO

REFLEXÕES SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DO PERFECTIVO E DO  
IMPERFECTIVO NO QUADRO ASPECTUAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E A  
TRANSITIVIDADE ORACIONAL

Dissertação submetida ao programa de Pós – Graduação  
em Linguística da Universidade Federal da Paraíba, como  
requisito para obtenção do título de Mestre em  
Linguística.

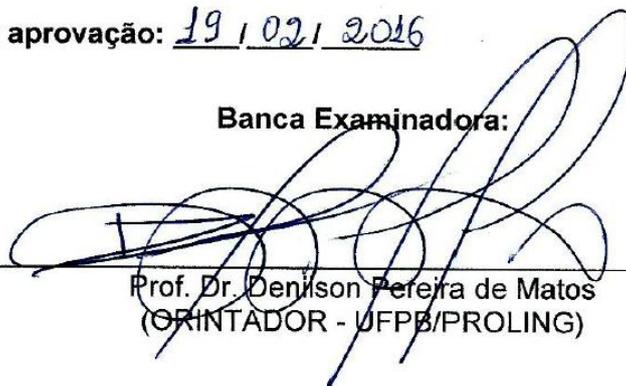
Área de Concentração: Teoria e Análise Linguística

Linha de Pesquisa: Diversidade e Mudança Linguística.

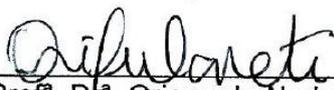
Orientador: Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos

Data da aprovação: 19/02/2016

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Denilson Pereira de Matos  
(ORIENTADOR - UFPB/PROLING)



Prof.ª Dr.ª Oriana de Nadali Fulaneti  
(EXAMINADORA - UFPB/PROLING)



Prof.ª Dr.ª Ivone Tavares de Lucena  
(EXAMINADORA/UFPB)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu agradeço a Deus por manifestar o seu suporte fundamental em minha vida através das pessoas que estão ao meu redor, de modo que a estas preciso expressar o meu agradecimento. Assim, eu agradeço primeiro aos meus pais por manifestarem seu carinho e apoio nesta jornada de pós-graduação.

Agradeço aos meus irmãos pelas diversas caronas para UFPB, evitando meus atrasos, pelos passeios de recompensa pelo cumprimento das tarefas estabelecidas pelo orientador, pela volta a mais com o carro só para eu terminar de escutar a música que estava tocando na rádio, promovendo o “desestresse”, pelo apoio financeiro para as viagens e muitas outras coisas. Agradeço à minha cunhada Mônica pelas vezes em que estive em sua casa, nas quais acordou na madrugada para afastar da cama os livros e o computador e oferecer um lençol quentinho para uma estudante cansada.

Agradeço à minha amiga de infância, Lindi, por todas as vezes que a visitei para descansar e por todas as mensagens de elogio, incentivo e cobrança. Também por todas as vezes que disse palavras que denotavam que se orgulhava de mim.

Meus sinceros agradecimentos aos integrantes do Grupo de Pesquisa Teorias Linguísticas de Base, Adilio, Edilma, Adélia, Raquel, Eneida, Francineide, Cléber, Walbérico, Jalusa e Delma, especialmente, os que já estão em minha vida há bastante tempo. Devo ressaltar meus agradecimentos a Delma pelos seus ouvidos atentos e boca sábia e objetiva.

Fico grata também pela gentileza e pelas orientações das professoras Eliane Ferraz e Oriana Fulaneti no exame de qualificação, além de reiterar meu agradecimento à professora Oriana por voltar a ler o produto da pesquisa para a defesa. Estendo tal agradecimento à professora Ivone Lucena que aceitou compor a banca nesta última fase.

Quero agradecer por último, com muito, muito carinho, o apoio de meu marido, Jaelson Farias e do meu orientador, Denilson Matos. A carreira acadêmica exige muita tenacidade e determinação. Nos momentos em que consegui manifestar estas qualidades, nem sempre estiveram associadas a um espírito tranquilo. Por

isso, sou grata ao meu marido por todas as vezes que retribuiu com gentilezas e sorrisos o meu estresse desnecessário. Trata-se de um companheiro incrível!

Devo dizer também que muitos professores podem ser ótimos quando têm bons alunos. Sem falsa modéstia, acho que eu e meu orientador já fomos uma combinação desse tipo. Contudo, nestes dois anos, por mais de uma vez, não fui o meu melhor. Mesmo assim, meu orientador foi sempre melhor, não permitiu que a pesquisa sofresse dano, incentivou-me a continuar, ajudou-me a superar as dificuldades do estudo e defendeu-me até e, principalmente, de mim mesma. Sou muito grata por tê-lo como companheiro nesta jornada acadêmica.

“Enfim, o mérito de Saussure é de nos obrigar a pensar de novo o que já foi pensado [...]. Os erros de um pensador independente são sempre cem vezes mais preciosos que os sucessos que acolhem um indivíduo desprovido de ideias.”

(H. SCHUCHARDT *apud* NORMAND, 2009, p. 19).

BRITO, Amanda de Souza. Reflexões sobre a caracterização do perfectivo e do imperfectivo no quadro aspectual do português brasileiro e a transitividade oracional. 2016. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2016.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo refletir sobre a caracterização dos aspectos perfectivo e imperfectivo para fundamentar uma análise escalar do critério de transitividade aspecto diante da perspectiva binária de Hopper e Thompson (1980). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com motivação teórica, associada à análise de exemplos. A exemplificação presente é constituída, principalmente, pela dissertação de Vanderlei (2014), intitulada “Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te”, que nos serviu de base comparativa entre as propostas escalar e binária de análise do aspecto. Colocamos como problemática da pesquisa o fato de os aspectos perfectivo e imperfectivo serem em geral definidos por oposições binárias, quando podem apresentar um conjunto de traços mais ou menos patentes. Hipotetizamos que o critério aspecto deva ser analisado segundo a atuação de um conjunto de noções caracterizadoras, indicativas de traços de perfectividade ou imperfectividade. A análise da exemplificação destacada revelou que as ações mais perfectivas e, portanto, mais transitivas, são caracterizadas pela presença das noções de pontualidade, completamento e acabamento e pela ausência de duração, enquanto as ações mais imperfectivas, menos transitivas, são caracterizadas pela presença de duração e completamento e a ausência de pontualidade e acabamento. Conclui-se a existência da possibilidade de modificações de resultados binários a partir de uma análise escalar do critério de transitividade aspecto, sinalizando a validade complementar desta última proposta como forma de aproximar o estudo do critério funcionalista das particularidades da categoria verbal no português brasileiro.

**Palavras-chave:** Caracterização aspectual; Perfectivo e imperfectivo; Binarismo; Escalaridade; Transitividade oracional.

BRITO, Amanda de Souza. Reflections on the characterization of the perfective and of the imperfective on the aspectual board of the Brazilian Portuguese and the oral transitivity. 2016. Dissertation (Master's Degree in Linguistics). Federal University of Paraíba – UFPB, 2016.

## ABSTRACT

This research has the objective of reflecting on the characterization of the perfective and imperfective aspects to support a scale analysis of the criterion of transitivity aspect that faces the binary perspective of Hopper and Thompson (1980). It is a bibliographic research, with theoretical research, associated to the analysis of examples. The present exemplification is constituted, mainly, of the dissertation of Vanderlei (2014), entitled “Oral Transitivity: reflections on the textual-discursive function of the pronouns o(s), a(s), me, te”, which were the comparative base for us between the scale and binary proposal of analysis of the aspect. We put as the issue of the research the fact that the perfective and imperfective aspects generally being defined by binary oppositions, when it can present a group of more or less obvious traces. We hypothesize that the criterion aspect must be analysed according to the acting of a group of characterizing notions, indicating traces of perfectivity or imperfectivity. The analysis of the exemplification highlighted revealed that the most perfective actions and, therefore, more transitive, are characterized by the presence of notions of punctuality, completion and finishing and by the lack of length, while the most imperfective actions, less transitive, are characterized by the presence of length and completion and the lack of punctuality and finishing. We conclude that there is the possibility modification of binary results from a scale analysis of the criterion of transitivity aspect, signaling the complementary validity of this last proposal as a form of approximating the study of the functionalist criterion of the particularities of the verbal category in Brazilian Portuguese.

**Key-words:** Aspectual Characterization; Perfective and Imperfective; Binarism; Scalar; Oral Transitivity.

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1:</b> Resultados gerais da análise das gramáticas.....	25
<b>Tabela 2:</b> Tabela gradiente de transitividade.....	64
<b>Tabela 3:</b> Tabela gradiente de transitividade para o critério aspecto.....	77
<b>Tabela 4:</b> Análise do Objeto indireto.....	100
<b>Tabela 4.1:</b> Resultados após a análise escalar do aspecto.....	100
<b>Tabela 5:</b> Análise do Objeto direto.....	132
<b>Tabela 5.1:</b> Resultados após análise escalar do aspecto.....	132

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Quadro aspectual de Castilho (1968).....	34
<b>Quadro 2:</b> Quadro aspectual de Travaglia (2006).....	36
<b>Quadro 3:</b> Quadro aspectual de Costa (1990).....	38
<b>Quadro 4:</b> Parâmetros de transitividade.....	61

## LISTA DE ESQUEMAS

<b>Esquema 1:</b> Noções aspectuais para o exemplo 1'.....	76
<b>Esquema 2:</b> Noções aspectuais para o exemplo 2'.....	82
<b>Esquema 3:</b> Noções aspectuais para o exemplo 3'.....	85
<b>Esquema 4:</b> Noções aspectuais para o exemplo 4'.....	88
<b>Esquema 5:</b> Noções aspectuais para o exemplo 7'.....	94
<b>Esquema 6:</b> Noções aspectuais para o exemplo 9'.....	98
<b>Esquema 7:</b> Noções aspectuais para o exemplo 11'.....	104
<b>Esquema 8:</b> Noções aspectuais para o exemplo 12'.....	108
<b>Esquema 9:</b> Noções aspectuais para o exemplo 13'.....	110
<b>Esquema 10:</b> Noções aspectuais para o exemplo 14'.....	113
<b>Esquema 11:</b> Noções aspectuais para o exemplo 15'.....	116
<b>Esquema 12:</b> Noções aspectuais para o exemplo 16'.....	119
<b>Esquema 13:</b> Noções aspectuais para o exemplo 17'.....	121
<b>Esquema 14:</b> Noções aspectuais para o exemplo 18'.....	124
<b>Esquema 15:</b> Noções aspectuais para o exemplo 19'.....	128
<b>Esquema 16:</b> Noções aspectuais para o exemplo 20'.....	131

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1 OS ESTUDOS SOBRE ASPECTO VERBAL NA GRAMÁTICA TRADICIONAL E NAS PESQUISAS LINGUÍSTICAS BRASILEIRAS .....</b>	<b>15</b>
1.1 O LUGAR DO ASPECTO NA GRAMÁTICA TRADICIONAL.....	15
1.2 BREVE HISTÓRICO DAS PESQUISAS SOBRE O ASPECTO.....	28
1.3 O TEMPO E O ASPECTO .....	31
1.4 A CONCEPTUALIZAÇÃO DO ASPECTO E ALGUMAS PROPOSIÇÕES DE QUADROS ASPECTUAIS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	33
<b>2 A CARACTERIZAÇÃO DO PERFECTIVO E DO IMPERFECTIVO.....</b>	<b>40</b>
2.1 A CARACTERIZAÇÃO DE CASTILHO (1968) DOS ASPECTOS PERFECTIVO E IMPERFECTIVO.....	40
2.2 REFLEXÕES SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DO PERFECTIVO E DO IMPERFECTIVO A PARTIR DAS DISCUSSÕES DE TRAVAGLIA (2006) SOBRE O QUADRO ASPECTUAL BRASILEIRO.....	42
2.3 A CARACTERIZAÇÃO DO PERFECTIVO E DO IMPERFECTIVO SEGUNDO AS ANÁLISES DE COSTA (1990).....	47
<b>3 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO E A TRANSITIVIDADE ORACIONAL DIANTE DA CATEGORIA VERBAL ASPECTO.....</b>	<b>51</b>
3.1 A CORRENTE LINGUÍSTICA FUNCIONALISTA .....	51
3.2 A TRANSITIVIDADE NA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA.....	54
3.2.1 Wallace Chafe .....	56
3.2.2 Talmy Givón.....	57
3.2.3 Paul Hopper e Sandra Thompson .....	59
3.3 ASPECTO VERBAL: REFLEXÕES SOBRE O PRINCÍPIO FUNCIONALISTA E A CATEGORIA VERBAL.....	65
<b>4 ANÁLISE ESCALAR DO CRITÉRIO DE TRANSITIVIDADE ORACIONAL ASPECTO... 69</b>	<b>69</b>
4.1 FATORES PERTINENTES À ANÁLISE DO ASPECTO EM UMA SENTENÇA .....	69
4.2 A CONCEPÇÃO FUNCIONALISTA DO ASPECTO NA ORAÇÃO DIANTE DE UMA PERSPECTIVA ESCALAR DE OBSERVAÇÃO DO CRITÉRIO .....	72
4.3 APONTAMENTOS GERAIS A PARTIR DA ANÁLISE DA EXEMPLIFICAÇÃO PROPOSTA.....	134
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>137</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>140</b>

## INTRODUÇÃO

O estudo “Reflexões sobre a caracterização do perfectivo e do imperfectivo no quadro aspectual do português brasileiro e a transitividade oracional” tem como objetivo geral refletir sobre a caracterização dos aspectos perfectivo e imperfectivo, para fundamentar uma análise escalar do critério de transitividade aspecto, diante de uma perspectiva binária.

Especificamente, objetivamos apresentar algumas discussões sobre o aspecto na gramática tradicional; expor os conceitos de aspecto e os quadros aspectuais propostos para o português; refletir sobre a caracterização dos aspectos perfectivo e imperfectivo, destacando a discussão de Travaglia (2006) sobre a formação do quadro aspectual do português brasileiro e propor uma caracterização de tais aspectos para dar fundamento a uma proposta de análise escalar da referida categoria verbal frente à posição binária de análise do critério, sugerindo a complementação deste tipo de observação.

Colocamos como problemática o fato de os aspectos perfectivo e imperfectivo serem em geral definidos como sinônimos de acabamento e inacabamento, respectivamente, quando situações perfectivas podem apresentar traços durativos e as imperfectivas podem denotar traços de pontualidade, por exemplo. Daí o fato de hipotetizarmos que o aspecto de um evento linguístico deva ser analisado segundo a atuação de um conjunto de noções caracterizadoras que serão mais ou menos patentes no processo verbal, indicando se há mais traços de perfectividade ou imperfectividade.

Consequentemente, poderiam ser identificados os traços que seriam mais pertinentes a cada constituinte desta oposição aspectual. Conscientes de que a caracterização do perfectivo e do imperfectivo pode implicar um conjunto de noções, propusemos uma análise escalar do critério de transitividade aspecto, considerando que esse tipo de proposta pode influenciar os resultados de uma análise baseada na perspectiva binária de Hopper e Thompson, o que foi possível comprovar durante a análise da exemplificação.

Por outro lado, os conceitos de situação narrada e referencial, que acreditávamos, inicialmente, que seriam relevantes para análise, foram descartáveis diante da exemplificação sem processos perifrásticos em destaque.

Salientamos ainda que, embora Travaglia (2006) elenque as razões pelas quais prefere um quadro aspectual simples, em detrimento de um quadro composto, nossa reflexão se instaura na observação de seus apontamentos no contexto de uma discussão funcionalista produtiva no âmbito da transitividade oracional, considerando a hipótese de observar exemplos sob os princípios de transitividade aspecto e pontualidade, com uma análise de transitividade que propõe escalaridade e gradação no interior das duas propriedades funcionalistas citadas e não apenas no conjunto dos dez princípios de transitividade elencados por Hopper e Thompson, segundo citação de Furtado da Cunha e Souza (2011).

Em uma perspectiva ampla, justificamos a importância deste empreendimento pela necessidade de mais estudos sobre o aspecto no português e principalmente pela necessidade de tratamento da temática sob uma perspectiva linguística centrada no uso, motivo pelo qual a observamos ressaltando as suas ligações com a transitividade oracional. Ressaltamos que a nossa pesquisa destaca a necessidade de os princípios de transitividade serem em si mesmos escalares e não apenas resultarem em escalaridade decorrente da análise do seu conjunto.

Mais especificamente, justificamos a escolha dos referidos aspectos e de sua caracterização pelo fato de se tratar da principal oposição aspectual e por vermos que é relevante contribuir para divulgar os possíveis equívocos de sua caracterização e refletir sobre eles, a fim de indicar que é preciso haver flexibilidade nas definições referentes ao perfectivo e ao imperfectivo.

A opção pela pesquisa bibliográfica decorre da motivação teórica de nosso estudo, uma vez que buscamos refletir sobre uma questão de cunho teórico, a saber, a forma como foram caracterizados os constituintes da principal oposição aspectual. Neste mesmo contexto, está o fato de indicarmos a inadequação de o princípio de transitividade aspecto ser definido pelo par acabado/não acabado, baseando-se, portanto, em um parâmetro apenas binário que não condiz com a metodologia não discreta da análise funcionalista.

Configurado como descrito acima, este estudo é primeiramente qualitativo, segundo podemos entender a partir de Flick (2013). Temos um ponto final a ser desenvolvido, ligado a refletir sobre a caracterização dos aspectos propostos, observando as implicações de uma análise escalar no contexto da transitividade oracional. Além disso, não propomos padrões fechados, inclusive pelo ambiente teórico funcionalista que escolhemos. Preferimos também uma apreciação

interpretativa dos exemplos elencados, assim como propomos uma generalização principalmente teórica e não estatística, a saber, que a categoria de aspecto seja caracterizada a partir de um conjunto de noções.

Porém, devemos salientar que acabamos por utilizar de alguma forma a pesquisa quantitativa, posto que recorremos às exemplificações do *corpus*, registrando, por exemplo, a quantidade de ocorrências.

Os exemplos destacados são constituintes do *corpus* digital do *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro* e, principalmente, da dissertação de Vanderlei (2014), intitulada “Transitividade oracional: reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te”. Justificamos a escolha e a ênfase no texto da autora por três razões: primeiro, desejamos divulgar as pesquisas realizadas no interior do grupo de pesquisa Teorias Linguísticas de Base (TLB), especificamente as voltadas para a corrente funcionalista, atrelando, quando possível e produtivo, os trabalhos dos membros do grupo.

Em segundo, destacamos a importância do trabalho de Vanderlei (2014) por diversificar a escolha dos corpora de análise nos estudos paraibanos, ressaltando o acervo do NUPPO (Núcleo de Documentação da Cultura Popular), a partir das narrativas contadas por Luiza Tereza dos Santos que, durante 6 anos (1977-1983), gravou histórias para o projeto “Jornada de Contadores de Histórias da Paraíba”. Por último, assinalamos que a exemplificação de Vanderlei (2014) serviu-nos como base comparativa entre as propostas escalar e binária de análise do aspecto, o que justifica a sua importância para o nosso empreendimento.

Quanto aos embasamentos teóricos, justificamos sua presença pela importância no quadro de estudos aspectuais do Brasil, principalmente diante do fato de não serem comuns as obras que dão atenção à categoria aspecto de forma mais completa e específica, como faz Travaglia (2006) ou Costa (1990). Além dos citados, destacam-se como embasamentos teóricos os trabalhos de Hopper e Thompson (1980), Martelotta e Areas (2003) e Furtado da Cunha, Costa e Cezario (2003).

As informações que apresentamos estão divididas em 4 capítulos: o primeiro, *Os estudos sobre o aspecto verbal na gramática tradicional e nas pesquisas linguísticas brasileiras*, sequencia a apresentação de alguns compêndios gramaticais, em conformidade com a sua abordagem da categoria aspecto, além de fazer um breve comentário crítico sobre as gramáticas citadas, acrescentando alguns apontamentos sobre a forma como o aspecto é tratado em compêndios

gramaticais que priorizam o uso da língua. Por outro lado, para demonstrar o tratamento do aspecto por parte da linguística, o capítulo mostra um breve histórico dos estudos da categoria, além de resumir e comentar os conceitos de aspecto e quadros aspectuais de Castilho (1968), Travaglia (2006), Costa (1990) e Câmara (1980). Este último, brevemente comentado.

O capítulo dois, *A caracterização do perfectivo e do imperfectivo*, discute a caracterização desta oposição, a partir das proposições de Castilho (1968), Travaglia (2006) e Costa (1990), destacando os dois primeiros, tendo em vista que a discussão que Travaglia (2006) faz dos estudos de Castilho (1968), motivou-nos a presente pesquisa.

O capítulo três, *O funcionalismo linguístico e a transitividade oracional diante da categoria verbal aspecto*, apresenta a corrente funcionalista, detalha a transitividade oracional, segundo as visões de Chafe, Givón e Hopper e Thompson e esclarece a relação que propomos entre o critério funcionalista e a categoria verbal.

Por último, o capítulo 4, *Análise escalar do critério de transitividade oracional aspecto*, explica os fatores pertinentes a uma análise escalar, mostra o estudo de 20 exemplos e expõe algumas ideias perceptíveis a partir da observação escalar do critério funcionalista.

Isto posto, comecemos nossas reflexões sobre os estudos de aspecto na gramática tradicional e no âmbito linguístico.

## **1 OS ESTUDOS SOBRE ASPECTO VERBAL NA GRAMÁTICA TRADICIONAL E NAS PESQUISAS LINGUÍSTICAS BRASILEIRAS**

Neste capítulo, apresentamos o tratamento dado à categoria verbal aspecto em alguns compêndios gramaticais brasileiros de cunho normativo e nos estudos linguísticos Brasil. No primeiro caso, descrevemos o espaço que os manuais gramaticais oferecem ao estudo da categoria, bem como a maneira segundo a qual a configuram em suas obras, acrescentando um breve comentário crítico sobre o tratamento dispensado ao aspecto.

Quanto os estudos linguísticos, proporcionamos uma observação do tratamento da categoria aspecto no âmbito linguístico, contextualizando-o através da apresentação do histórico dos estudos aspectuais e das suas relações com a categoria verbal de tempo. Por último, apresentamos algumas das principais conceituações da categoria no Brasil, além dos correspondentes quadros aspectuais.

### **1.1 O lugar do aspecto na gramática tradicional**

Ao adentrarmos aos estudos sobre aspecto verbal nos inserimos no âmbito das pesquisas que buscam a descrição do português brasileiro, centradas especificamente no estudo do verbo. Esta classe de palavras é geralmente definida como aquela que designa os processos, ações e estados, em oposição aos nomes que designam os seres e objetos, como, por exemplo, especifica Castilho (1968), ao tratar do verbo. Neste contexto, destacamos ainda a definição mais ampla de Bechara (2009, p. 209), segundo a qual “entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical.”.

Na opção de não estender as discussões sobre a definição de verbo, preferimos continuar nossos apontamentos destacando que o conceito dimensionado pelo verbo pode ser expresso por seis categorias: aspecto, tempo, modo, voz, pessoa e número. Responsáveis por atualizar um processo virtualmente

considerado no verbo, estas categorias podem ser definidas brevemente a partir das observações de Castilho (1968).

Primeiramente, tomamos o aspecto como relacionado ao desenvolvimento ou duração da ação; o tempo é a categoria que situa o processo num dado momento, referenciando-se no próprio falante, no momento em que se desenrola outro processo, em que o falante está situado idealmente, deslocando-se para o passado ou futuro; o modo indica a atitude do indivíduo em relação ao processo verbal, de forma que o encare como real ou certo, como ocorre no indicativo, eventual, como vemos no subjuntivo, ou necessário, como se dá no imperativo; a voz indica o papel do sujeito na situação expressa, isto é, se configurado como agente (voz ativa), paciente (voz passiva), ou tem ambos os papéis (voz reflexiva); a pessoa, por seu turno, indica a relação entre o falante, o ouvinte e o assunto, de maneira que sejam atribuídas primeira, segunda e terceira pessoas; por último, o número determinará a quantidade das entidades que aparecem no discurso do falante.

Destas categorias, destacaremos neste trabalho o aspecto verbal, assim como o tempo, tendo em vista as relações deste último com o aspecto. Com o exposto até aqui, temos contextualizada a categoria de aspecto em relação às demais categorias do verbo. Porém, antes de refletir sobre ela no âmbito da linguística, convém buscar ainda a sua configuração no contexto da gramática tradicional, a fim de observarmos que tratamento vem recebendo nos estudos de caráter mais normativo.

Exemplificaremos tal tratamento a partir de algumas das principais gramáticas que circulam no país. Assim, apresentamos as seguintes: a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla, a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Carlos Henrique da Rocha Lima, a *Moderna Gramática Brasileira*, de Celso Pedro Luft, a *Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa*, de José de Nicola e Ulisses Infante, a *Gramática da Língua Portuguesa*, de Pasquale e Ulisses, a *Breve Gramática do Português Contemporâneo* e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, ambas de Celso Cunha e Lindley Cintra, a *Nossa Gramática: teoria e prática*, de Luis Antonio Sacconi e a *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara.

Seguindo a ordem citada, tratemos das gramáticas de Cegalla (2000) e Rocha Lima (2011), sobre as quais comentaremos em conjunto, tendo em vista o fato de apresentarem um posicionamento semelhante diante da categoria aspecto.

A gramática de Cegalla (2000), por mais que apresente um estudo detalhado do verbo, com abrangência dos tempos verbais até a pronúncia, não tem o aspecto como entrada no sumário, tampouco possui referências diretas em outras seções do compêndio.

Esta escolha do gramático poderia ser explicada pelo que lista como categorias verbais. Ao salientar que os verbos se revestem de diferentes formas para indicar fatores de uma situação, Cegalla (2000) cita a pessoa, o número, o tempo, o modo e a voz, sem referências à categoria de aspecto, nem mesmo para efeito de diferenciação com o tempo, como subsidiariamente a categoria é citada algumas vezes. Porém, indicaremos a discussão sobre este caráter secundário do aspecto em língua portuguesa só posteriormente. O fato é que o aspecto não é colocado por Cegalla (2000) como categoria do verbo, o que explicaria a razão de o estudioso não voltar-se para a temática.

O mesmo proceder pode ser observado na gramática de Rocha Lima (2011). Não há referências ao aspecto verbal no sumário da obra, no que concerne ao verbo, tampouco em outras entradas do sumário. O aspecto também não é listado entre as categorias do verbo, nomeadas por Rocha Lima (2011) como ideias que o verbo pode expressar. Como este gramático não considerava o aspecto verbal como concepção que o verbo pode expressar, como pareceu proceder Cegalla (2000), também não faria sentido que tratasse dele como categoria.

Devemos salientar apenas que as gramáticas apresentam informações sobre o tempo verbal e só aí vemos alguma referência às ações conclusas ou inconclusas. Contudo, elas estão relacionadas aos pretéritos perfeito e imperfeito, relativos à categoria de tempo, e não aos aspectos perfectivo e imperfectivo, de forma que não configuram estudos aspectuais realmente.

Em Luft (1989), no decorrer de dois parágrafos breves, temos as primeiras asserções aspectuais, embora bastante resumidas, assim como o estudo do verbo nesta gramática. O aspecto, além de ser citado como flexão do verbo, assim como o modo e o tempo, aparece como entrada no sumário da gramática e é conceituado basicamente como a categoria verbal que “exprime a oposição término/não término ou acabado/não acabado, a duração do processo.” (LUFT, 1989, p. 131).

Note-se que o fenômeno aspectual é definido pela oposição entre acabamento e inacabamento de uma ação, referidos à duração do processo. Além disso, no compêndio gramatical são citados alguns recursos de expressão de tal

categoria do verbo e, neste momento, aparecem alguns aspectos como o incoativo<sup>1</sup> e o iterativo<sup>2</sup>, porém, eles não são explicados propriamente. O que vemos é a citação do recurso gramatical de expressão, seguida da citação de um aspecto e um exemplo correspondente.

A gramática de Nicola e Infante (1997), das que listamos, é a primeira a conter um pouco mais de informação sobre o aspecto, definindo-o como “uma carga significativa a mais: as formas verbais têm a propriedade de designar a duração do processo que indicam.” (NICOLA e INFANTE, 1997, p. 116). Observe-se que, nesta gramática, a expressão flexões verbais é colocada como equivalente a categorias verbais. Assim, são citadas as cinco categorias que colocamos anteriormente, e, por fim, trata-se do aspecto como uma carga significativa ou propriedade que o verbo tem, além das flexões. Isso mostra que, embora a categoria tenha ganhado mais espaço nesta gramática, diferente das anteriores neste sentido, não é colocada explicitamente como mais uma flexão ou categoria do verbo.

Por conseguinte, enquanto carga significativa a mais que o verbo possui, o aspecto é definido como a propriedade que o verbo tem de designar a duração de dado processo que indica. Nestas condições, dois aspectos são destacados: o imperfectivo, como aquele que designa o processo ainda inconcluso, e o perfectivo, que se refere ao processo já concluído. Observamos assim, que, basicamente, imperfectivo e perfectivo são caracterizados como durativo/inconcluso e concluído, respectivamente. *A priori*, não são indicadas subdivisões para a duração no imperfectivo ou para o perfectivo que, por considerar o processo concluído, ligou-se fundamentalmente ao resultado de uma ação.

O aspecto é colocado ainda como capaz de denotar outras características do processo verbal, o que se assemelha às noções aspectuais colocadas por alguns estudiosos da temática. Nesta parte, são citados os seguintes aspectos: incoativo, como aquele que remete ao início de um processo e seu desenvolvimento gradual; o inceptivo, relacionado ao início de uma ação; o momentâneo, relativo a uma ação que além de perfeita seja momentânea; o durativo, por sua vez, ligado a ações

---

<sup>1</sup> Assim como o inceptivo, este aspecto indica os primeiros momentos de uma situação, mas o incoativo, diferente daquele, denota a ação que indica também uma mudança. Travaglia (2006) não elenca o incoativo entre os aspectos que reconhece para o quadro aspectual do português.

<sup>2</sup> Denota a ação com duração descontínua limitada. Isto é, uma situação dura, contudo, sofre interrupções, de modo que se instaura a iteração. A indicação de um fim para a duração justifica o fato de tratar-se de duração limitada. Vejamos o exemplo de Travaglia (2006, p. 45): “Todas as noites **escovava** os dentes com cuidado.”

prolongadas; o iterativo que supõe processos que se repetem e o permansivo, com definição próxima da caracterização do perfectivo citada a pouco, isto é, um processo concluso, com efeitos que permanecem. Vale salientar que estes aspectos são exemplificados com orações ou verbos destacados.

Em comentário geral sobre a gramática de Nicola e Infante (1997), pode-se dizer que o sumário da gramática não apresenta o tratamento da categoria aspecto, mesmo que a aborde. Isso pode decorrer da apresentação de entradas mais amplas e gerais para a maioria dos assuntos elencados. O espaço reservado à categoria é subsidiário, inclusive fisicamente, uma vez que apenas meia página é destinada ao estudo do aspecto, que parece não ter o mesmo *status* de categoria verbal das demais categorias do verbo no compêndio. Por último, salientamos que, quando tratam de incoação, misturam progressividade e inepção, em detrimento de citar a mudança de estado que caracteriza o incoativo. Note-se ainda que não é especificado se utilizam aspecto momentâneo como sinônimo de aspecto pontual ou se desejam apresentar um aspecto diferente deste.

Pasquale e Infante (2008), por sua vez, também abordam a questão aspectual do verbo, mas têm um procedimento semelhante ao de Nicola e Infante (1997). Ainda que, diferentes destes, tenham posto a categoria no sumário, tratam-na como uma informação a mais expressa pelo verbo, inserindo-a nos últimos assuntos a serem discutidos na temática verbal, enquanto as demais categorias ou flexões são as primeiras citadas e aparecem em um bloco semelhante ao colocado por Cegalla (2000) ou Rocha Lima (2011).

Pasquale e Infante (2008) utilizam-se das categorias tempo e aspecto para dizer que a diferença entre os dois tempos verbais do passado é uma questão aspectual. A saber, o pretérito perfeito com a indicação de ações concluídas em um momento do passado, e o pretérito imperfeito que indica processos com limites imprecisos que sugerem desenvolvimento. Segundo Pasquale e Infante (2008, p. 201), o conceito de aspecto “se liga à duração do processo verbal”. Depreende-se disso que é definido como uma propriedade do verbo relacionada à duração ou desenvolvimento do processo expresso.

Os dois aspectos destacados são o perfectivo e o imperfectivo. O primeiro caracterizado pela conclusão e o segundo pela imprecisão de limites da ação. Acrescem duas informações sobre as situações nas quais estão empregados estes aspectos: a primeira refere-se ao fato de o aspecto perfectivo exprimir processos

localizados num ponto específico no tempo; e a segunda está ligada ao fato de o imperfectivo ter a capacidade de exprimir processos repetidos e frequentes.

Isto posto, vemos que, no essencial, a gramática de Pasquale e Infante (2008) atem-se aos aspectos perfectivo e imperfectivo, caracterizando-os respectivamente pela conclusão e imprecisão nos limites do desenvolvimento de dado processo. Embora a apresentação da categoria ocorra de forma mais sistemática que na gramática de Nicola e Infante (1997), mantém-se nas distinções aspectuais básicas, diferente destes autores que sugerem algumas noções aspectuais, por mais que nem sempre fiquem claras.

Cunha e Cintra (2001), na *Breve Gramática do Português Contemporâneo*, não sumarizam a categoria de aspecto. Contudo, assim como Luft (1989), listam-na junto com as demais categorias verbais. Além disso, dispensam mais atenção ao aspecto do que os outros compêndios que citamos até aqui. Segundo eles,

O aspecto designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la como *concluída*, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como *não concluída*, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição. (CUNHA e CINTRA, 2001, p. 265).

A oposição referente à ação concluída ou não concluída implica o tratamento do perfectivo e do imperfectivo relacionados ao completamento ou acabamento, estes apresentados na definição como noções próximas. Na citação acima, já podemos observar quatro possibilidades de aspectos: o acabado e o resultativo<sup>3</sup>, relativos à conclusão, e o durativo e o iterativo, relacionados ao processo não concluído. Ainda assim, o perfectivo e imperfectivo não são citados explicitamente como constituintes da oposição aspectual básica, embora possamos inferi-los através do exposto.

Em acréscimo, os autores citam o incoativo, o permansivo e o conclusivo como valores semânticos decorrentes do verbo ou do contexto. A partir deles são referidas oposições aspectuais, dentre as quais se destacam as constituídas pelos aspectos pontual e durativo, determinados pela maior ou menor extensão ocupada

---

<sup>3</sup> Travaglia (2006) não o considera um aspecto em si, tampouco uma noção aspectual, mesmo que esteja ligado à categoria. A resultatividade, por sua vez, indica o estado que resulta de uma situação dinâmica. A diferença entre esta noção e a permansividade consiste no estado permanecer em decorrência do término da ação em questão.

pela ação verbal; pelos aspectos contínuo e descontínuo, referentes ao processo de desenvolvimento de uma ação ter ou não continuidade e, por fim, pelos aspectos incoativo e conclusivo, o primeiro relativo à consideração da fase inicial de um processo e o segundo à fase final.

Além destes valores aspectuais, Cunha e Cintra (2001) apresentam outras oposições decorrentes da diversidade de formações das perífrases verbais que, por seu turno, tendem a expressar o aspecto acabado através do particípio e o inacabado por meio das formas de infinitivo e gerúndio.

Diante das constatações acerca dos valores aspectuais perifrásticos, o aspecto ganha mais espaço nesta gramática nas seções sobre verbos auxiliares e formas nominais. Assim sendo, o compêndio de Cunha e Cintra (2001) foi o que deu maior abrangência ao estudo aspectual, dentro do contexto normativo citado até aqui. Fato similar se dá com a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, dos mesmos autores. Neste compêndio, as informações sobre o aspecto são basicamente as mesmas. Devemos assinalar apenas o fato de o aspecto ser citado no sumário da “Nova Gramática”.

Sacconi (1994), por seu turno, segue a ideia de colocar no sumário de sua gramática uma entrada referente ao aspecto, mas não o lista como categoria do verbo, tal como procede com a voz. Inclusive, devemos apontar o fato de o gramático explicar que a “voz não é uma flexão, é aspecto verbal” (SACCONI, 1994, p. 187). Tendo em mente que o autor não esteja utilizando a palavra “aspecto” em uma acepção geral, posto que escreve a expressão “aspecto verbal”, destacamos que apresenta a voz como categoria atinente ao aspecto. Contudo, não são dadas explicações sobre a postulação desse tipo de relação entre aspecto e voz.

Atendo-nos às especificações sobre o aspecto, apontamos que Sacconi (1994, p.194) o conceitua como “a duração do processo verbal”, no que vemos uma definição que implícita principalmente a imperfectividade, em detrimento da perfectividade. A oposição perfectivo e imperfectivo não é mencionada propriamente. O gramático acrescenta que as ideias de início, curso, fim e instante estão relacionadas ao aspecto.

Em geral, a noção de duração se opõe à pontualidade. Contudo, em detrimento de citar a pontualidade, noção em que os lapsos de duração são curtos e não significativos, Sacconi (1994) prefere explicitar a informação de que todas as situações têm certa duração, sejam longas ou curtas. O verbo “dormir” pode

exemplificar as situações que continuaram após terem sido iniciadas, isto é, são longas. É possível ainda incluir a ideia de permansividade quando pensamos em verbos como “aprender” que indica a provável permanência da situação de possuir dado conhecimento adquirido. Por outro lado, verbos como “acordar” supõem menor duração.

Sacconi (1994) assinala também que o aspecto pode ser expresso por recursos variados, tais como a significação do verbo, a flexão temporal, o uso de verbos auxiliares e sufixos. Tais recursos são exemplificados na listagem que o autor faz dos aspectos que considera mais relevantes no processo verbal.

Especificamente, são oito pontos que abrangem os aspectos citados: 1) pontual ou momentâneo, referente ao processo instantâneo; 2) o durativo, o cursivo ou progressivo, que indicam que o processo está em desenvolvimento; 3) o permansivo, com o processo terminado com resultados que permanecem por algum tempo; 4) o incoativo e o inceptivo associados à ação que começa; 5) o conclusivo e o cessativo, ligados ao processo que termina; 6) o iterativo ou frequentativo, atinentes ao processo que se repete; 7) o resultativo ou consecutivo, classificando a ação que apresenta um resultado; e 8) o aspecto iminencial, relacionado à ação que está prestes a ocorrer.

Devemos sublinhar que, por vezes, mais de um aspecto é colocado por ponto, de forma que a breve explicação dada para os aspectos em questão em cada um pode não servir a todos os aspectos elencados, ou os aspectos são colocados junto com noções que nem sempre são tidas como aspectuais.

Retomemos o segundo ponto, a fim de ilustrar esses raciocínios: “**durativo, cursivo, ou progressivo** (o processo está em desenvolvimento, isto é, continua depois que se inicia).” (SACCONI, 1994, p. 195). O aspecto durativo é definido pela conceituação pertinente ao cursivo, que representa uma situação em pleno desenvolvimento ou em seu meio.

Não ocorrem explicações que restrinjam a definição ao aspecto durativo, citando, por exemplo, o fato de ele ser pertinente às situações com duração limitada, ou seja, quando se revela no enunciado um ponto específico do processo verbal, segundo mostra Travaglia (2006, p. 79) em “Ele estava nadando desde às 6 horas da manhã.”.

Ademais, a progressividade é questionável enquanto aspecto. Travaglia (2006) a relaciona entre as noções não aspectuais que geralmente são ligadas à

categoria. O autor a define como “indicação de que uma ação tem desenvolvimento gradual.” (TRAVAGLIA, 2006, p. 52), o que não é especificado na conceituação de Sacconi (1994) que acaba servindo apenas a um dos três elementos que cita no ponto 2, a saber, ao aspecto cursivo.

Essas observações se repetem para outros pontos dentre os relacionados por Sacconi (1994). Porém, consideramos suficientes as explicações sobre o ponto 2, enquanto ilustração para nossa argumentação sobre essa gramática. Mesmo com estas indicações, afirmamos a produtividade do empreendimento de Sacconi (1994), no sentido de que, de modo sistematizado, sugere uma conceituação para o aspecto e lista uma série de aspectos, bem como alguns recursos para a sua expressão.

Quanto à obra gramatical de Bechara (2009) que destacamos, vemos que distingue 10 categorias verbais: gênero, número, pessoa, estado, aspecto, tempo, voz, modo, taxis e evidência. Sem adentrar ao mérito da diferenciação desta listagem de categorias em relação às demais gramáticas citadas, optamos por enfatizar as colocações sobre aspecto, como fizemos com os demais compêndios até aqui.

Assim, destacamos primeiramente que Bechara (2009, p. 212) retoma Jakobson e define aspecto como a categoria que considera “a ação levada até o fim, isto é como conclusa (perfeita) ou inconclusa (imperfeita)”. Nisto consiste a principal oposição aspectual da qual as demais espécies de ação (durativa, pontual, iterativa, etc.) são decorrentes.

A argumentação em torno do aspecto segue pontuada em suas relações com o tempo, segundo as proposições de Coseriu. Ressaltando por agora o que se refere ao aspecto, acresce a proposição de que a categoria alude ao modo de considerar a ação verbal no tempo. As demais explicações estão ligadas ao tempo e são apresentadas em um sistema de nove subcategorias que servem à interpretação do verbo românico no contexto das duas categorias citadas, tempo e aspecto. As subcategorias são: nível de tempo; perspectiva primária; perspectiva secundária; duração; repetição; conclusão; resultado; visão e fase.

Após estas colocações, podemos comentar de forma geral que observação dos compêndios gramaticais que fizemos acima permite identificar 5 pontos de análise: o aparecimento do aspecto no sumário, a abordagem enquanto categoria do verbo, a conceituação do aspecto, a abordagem da principal oposição aspectual e a proposição dos principais aspectos do português e seus recursos de expressão. A

esquematização destes pontos permite visualizarmos o resumo do tratamento do aspecto em cada uma das gramáticas disponíveis, tal como mostra a tabela que segue:

**Tabela 1:** Resultados gerais da análise das gramáticas

Gramáticas	Pontos de análise do tratamento do aspecto				Aspectos e recursos de expressão
	Entrada no sumário	Abordagem enquanto categoria do verbo	Conceituação	Abordagem da oposição perfc./imperfec.	
Cegalla (2001)	-	-	-	-	-
Rocha Lima (2011)	-	-	-	-	-
Luft (1989)	+	+	+	+	+
Nicola e Infante (1997)	-	-	+	+	+
Pasquale e Infante (2008)	+	-	+	+	-
Cunha e Cintra (2001)	-	+	+	+	+
Cunha e Cintra (2008)	+	+	+	+	+
Sacconi (1994)	+	-	+	-	+
Bechara (2009)	+	+	+	+	-

Fonte: Própria autora.

Assinalamos em primeiro lugar que a maior parte dos compêndios que elencamos aborda o aspecto verbal, uma vez que, dentre os nove que analisamos, apenas dois não trataram da temática no estudo do verbo, de modo que comentaremos as sete obras restantes. Sublinhamos também que, mesmo que todas as gramáticas restantes apresentem uma conceituação para o aspecto, 3 delas não o consideram como uma categoria do verbo, no que vemos um tratamento subsidiário não apenas em relação ao tempo, como revela o histórico de estudos de aspecto no português, mas às demais categorias do verbo.

No que se refere à oposição perfectivo e imperfectivo, 6 das gramáticas a abordam, quando citam expressões como “ação acabada e ação não acabada” ou “ação conclusa” e “inconclusa”, pois com estas concepções abrangem as noções que estão prototipicamente associadas àquela oposição, a saber, a duração, o completamento e o acabamento. Devemos explicitar que a duração pode ser inferida dos processos inacabados e inconclusos. Para caracterizar a oposição aspectual que ressaltamos, na gramática de Luft (1989) destaca-se a noção de acabamento; em Nicola e Infante (1997) e em Pasquale e Infante (2008), as noções de acabamento e completamento estão muito próximas; nos compêndios de Cunha e

Cintra (2001) e (2008), assim como em Bechara (2009), a noção de completamento é mais patente na caracterização.

Os principais aspectos em língua portuguesa, bem como os recursos que os expressam, não são priorizados por Pasquale e Infante (2008) e Bechara (2009). Devemos acrescentar, porém, que isso não significa que sejam tratados de forma significativa pelos demais gramáticos, tendo em vista fatores como as breves colocações de Luft (1989) e alguns enganos cometidos tanto por Nicola e Infante (1997) como por Sacconi (1994) nas definições que fazem dos aspectos elencados.

Além disso, os autores que se ativeram aos principais aspectos e recursos de expressão, embora tenham recebido a mesma marcação positiva no quadro acima, não oferecem o mesmo tratamento a este ponto de análise. Por exemplo, Luft (1989) e Nicola e Infante (1997) apresentam os aspectos e recursos de forma menos detalhada que Sacconi (1994), assim como Cunha e Cintra (2001) e (2008) são menos sistemáticos que este último nesse sentido.

Note-se que propusemos uma progressão na descrição que fizemos antes, relativa ao tratamento que cada gramática deu à categoria de aspecto. Em razão disso, destacamos os compêndios gramaticais de Cegalla (2001) e Rocha Lima (2011), por não listarem o aspecto dentre as categorias do verbo, bem como a brevidade das explicações de Luft (1989). Em seguida, vê-se um tratamento um pouco mais substancial do aspecto nas obras de Nicola e Infante (1997) e Pasquale e Infante (2008), nas quais são arrolados aspectos ou noções aspectuais além da oposição perfectivo e imperfectivo.

Na progressão pretendida, citamos o trabalho de Cunha e Cintra (2001) que propõe valores semânticos acrescidos aos aspectos perfectivo e imperfectivo, além de um tratamento das perífrases, formas verbais que permitem observar com maior facilidade a atuação do aspecto no português brasileiro.

Assim como no estudo gramatical de Cunha e Cintra (2008), Sacconi (1994) sumariza a categoria de aspecto, apesar de não dar a ela o mesmo *status* das demais categorias verbais, tal como observamos em Nicola e Infante (1997) e Pasquale e Infante (2008). Ainda que o espaço dedicado ao estudo da categoria seja maior, como em Cunha e Cintra (2001) e (2008), a forma de tratar a temática segue os padrões de Nicola e Infante (1997), ou seja, temos a definição do aspecto, seguida de uma listagem de aspectos, acentuando-se o fato de Sacconi (1994) elencar um quadro aspectual maior. Note-se, entretanto, que os aspectos listados

são mais exemplificados do que conceituados. Em Luft (1989) há um processo semelhante no que concerne a listar aspectos, acompanhados de exemplos, sem priorizar explicações específicas sobre eles.

Devemos ressaltar que a sua definição de aspecto prioriza a imperfectividade, conquanto não aluda diretamente à principal oposição aspectual, uma vez que o conceito apresentado pelo gramático destaca ideias relativas ao desenvolvimento da ação e à noção de pontualidade. Ainda que a apresentação de Sacconi (1994) da conceituação aspectual seguida de uma listagem de aspectos seja positiva, conta-se negativamente a falta de menção explícita da oposição perfectivo e imperfectivo, além das poucas explicações para os aspectos listados.

Mesmo diante dessas críticas, devemos considerar positiva a apresentação de Sacconi (1994) em relação às demais gramáticas apresentadas, já que o autor citou o aspecto no sumário, reservou espaço para seu estudo, sistematizou uma conceituação da categoria, listou aspectos que poderiam constituir um quadro aspectual e elencou recursos de expressão.

Por último, o texto de Bechara (2009) revela uma perspectiva diferente das demais, propondo mesmo uma reflexão linguística sobre a categoria de aspecto em relação ao tempo, bem como sobre as noções semânticas que costumam ser apresentadas na bibliografia que foi formulada em torno do aspecto até agora.

Gostaríamos de assinalar, a título de exemplificação, que o aspecto tem sido considerado também em gramáticas que propõem reflexões sobre o uso da língua.

Nesse caso, destacamos aqui as obras *Pequena gramática do português brasileiro*, de Ataliba T. de Castilho e Vanda Maria Elias, e a *Gramática de bolso do português brasileiro*, de Marcos Bagno. A gramática de Castilho e Elias (2012) reconhece o aspecto como categoria do verbo. Inclusive, o contrário seria pouco provável, tendo em vista a importância do primeiro autor nos estudos sobre aspecto, como veremos a seguir. Outro fator que devemos anotar é a separação que estes estudiosos fazem das categorias verbais, de maneira que o aspecto seja considerado uma categoria semântica do verbo, tal como o modo e a voz.

Isto posto, discutem a categoria através da análise de uma tirinha, com os verbos observados a partir da ideia de ações que duram. Decorre dessa análise a definição de aspecto como categoria que funciona “para expressar um ponto de vista sobre o sentido do verbo: se indica duração, não duração ou resultado”. (CASTILHO e ELIAS, 2012, p. 161). A continuação da análise realizada por estes estudiosos leva

as seguintes possibilidades aspectuais: aspecto imperfectivo, que designa a ação que dura; aspecto perfectivo, referente à ação que começa e acaba; e, por fim, o aspecto iterativo, ligado à ação que se repete.

Bagno (2013), por seu turno, descreve a utilização de gerundismos e explica que o incômodo de alguns falantes com este tipo de construção linguística decorre de uma questão aspectual. A utilização dos gerundismos tende a incomodar por estarem em jogo perífrases nas quais a expressão do aspecto durativo, comum ao gerúndio, parece inadequada por figurar em contextos de ações pontuais ou perfectivas que, portanto, tendem a não implicar períodos indeterminados. O linguista acaba por concluir que o fato linguístico em questão é influenciado pela semântica do verbo.

Nossa intenção até aqui foi dar uma visão panorâmica das informações sobre o aspecto no paradigma da gramatical tradicional, principalmente. A seguir, apontamos para o estudo linguístico da categoria, a começar pelo histórico dos estudos aspectuais.

## 1.2 Breve histórico das pesquisas sobre o aspecto

Castilho (1968) indica que já os estoicos, ao estudarem os tempos, postulavam algumas denominações referentes aos valores não temporais. Optaram por dividir os tempos em dois grupos: um grupo de tempos determinados e outro de tempos indeterminados. Os tempos do primeiro grupo sofreram outra subdivisão que consistia em duas classes distintas.

A primeira comportava o presente e o imperfeito, ambos referentes à duração e atinentes ao desejo de situá-la em diferentes perspectivas temporais, a saber, o presente e o passado. A segunda classe comportava o perfeito, assinalado como aquele que expressa ações acabadas. Segundo Castilho (1968), essas reflexões aspectuais resumem as noções gregas de duração e acabamento, que não mudaram muito no decorrer do tempo quanto à compreensão do aspecto.

Já entre os latinos, destacaram-se os estudos de Varrão em seu *De Língua Latina*, do século IX, no qual já era possível distinguir a ideia de aspecto nas asserções sobre o que chamou de *tempora infecta* e *tempora perfecta*.

No âmbito da gramática comparativa, Georg Curtius insistiu nos valores temporais assinalados pelos estoicos e buscava no verbo grego a noção aspectual fortemente perceptível nas línguas eslavas. Vale salientar que foram estas línguas que, das constituintes do indo-europeu, mais conservaram a ideia de aspecto.

Castilho (1968) notifica neste sentido a importância da obra de Curtius intitulada *A formação dos tempos e dos modos em grego e em latim*, datada de 1946. Resta-nos ressaltar apenas duas reflexões em relação ao posicionamento de Curtius: em suas pesquisas, colocava o aspecto como categoria morfológica, quando vários outros estudiosos que se seguiram a ele optaram por observá-lo sob o viés semântico, descartando as possibilidades de formas morfológicas que o representassem. Acresce, em segundo lugar, a escolha do estudioso de não desvincular as categorias de aspecto e tempo, comumente colocadas em oposição, mesmo que estejam ambas relacionadas ao tempo físico.

Pode ser acrescido a esta contextualização histórica o papel das escolas linguísticas. Castilho (1968), ao citar a linguística histórica, a subdivide em duas fases relativas ao estudo aspectual: a primeira relata a descoberta em si da categoria aspecto, tendo em vista o fato de Curtius ter sido guiado por uma inspiração comparatista.

Nessa primeira fase, o que temos de concreto sobre as noções aspectuais é uma dupla oposição que consiste no presente oposto ao aoristo e estes dois ao perfeito. A razão desta dupla oposição é o fato de os dois primeiros indicarem processo em desenvolvimento ou em si mesmo, enquanto o terceiro indicaria estado. Este mesmo grupo de oposições é retomado por A. Meillet, com a extensão da caracterização do perfeito como aquele que expressa estados resultantes de estados anteriores ou mesmo de uma ação acabada.

O que se pode resumir acerca desta primeira fase é: “há uma oposição entre presente-aoristo/perfeito admitida por todos os sintaticistas; mais tarde, chegariam os estruturalistas ao mesmo resultado.” (CASTILHO, 1968, p. 30).

A segunda fase corresponde à fixação da tipologia de aspecto. Nesse momento, surgiram dificuldades, uma vez que se buscou a aproximação entre a oposição grega aoristo/presente e a oposição eslava perfectivo/imperfectivo, do que decorreu uma confusão terminológica. Destacamos que a caracterização dos aspectos perfectivo e imperfectivo já não era simplória nesta fase de fixação

tipológica. Daremos mais detalhes acerca deste impasse quando tratarmos da caracterização de Castilho (1968) sobre os aspectos em destaque.

Em busca de mais informações sobre o histórico dos estudos aspectuais, podemos atentar também para as observações de Câmara (1980) acerca do eixo que as línguas utilizam para a conjugação verbal. O linguista brasileiro explica que em semítico o eixo da conjugação é entre o processo realizado e o processo em realização, ou seja, o paradigma verbal segue os aspectos conclusivo ou permansivo e inconclusivo, correspondentes ao perfectivo e imperfectivo, respectivamente. As línguas africanas bântu e sudanesas têm semelhantemente três aspectos centrais, o cursivo, o permansivo e o resultativo.

Câmara (1980, p. 144) explica que a situação no indo-europeu deve ter sido análoga, pois “é fácil deduzir uma oposição primitiva entre os aspectos durativo, permansivo e pontual.” Como comentamos com Castilho (1968), as gramáticas helênicas reconhecem essas postulações aspectuais sob os nomes de presente, perfeito e aoristo. É interessante notar que Câmara (1980) coloca os aspectos como fundo de tela no qual foi tecida uma variedade dos tempos gregos. O paradigma grego não sofreu grandes mudanças aspectuais, posto que os contrastes primitivos ainda são perceptíveis na oposição entre o pretérito imperfecto e o aoristo.

Na conjugação latina, a distinção aspectual divide as formas verbais em *perfectum* (perfeitas) e *imperfectum* (imperfeitas). O primeiro pode ligar-se morficamente ao perfeito indo-europeu ou ao aoristo, exprimindo ação concluída ou aspecto permansivo. O segundo se aproxima do imperfecto semítico, tendo em vista a visualização do processo em sua realização.

Até a contemporaneidade podemos encontrar o aspecto como eixo da conjugação eslava, o que denota a importância desta categoria para este grupo de línguas e sinaliza a sua relevância para a análise linguística em geral.

Note-se que, até este momento, observamos dois tipos de contextualização do aspecto, um relativo à gramática tradicional e outro relacionado ao viés linguístico. A seguir, veremos os estudos da categoria aspecto em si, a começar por suas ligações com o tempo.

### 1.3 O tempo e o aspecto

O tempo e o aspecto são constituintes das seis categorias verbais que geralmente atualizam o processo virtualmente expresso pelo verbo. Segundo Costa (1990), estão ambos relacionados ao tempo físico que, em português, é expresso por elas. Assim, para falar de aspecto, devemos fazer algumas observações sobre o tempo, como categoria que lhe é paralela, dentre as demais categorias do verbo.

Costa (1990, p.17) diz que o tempo marca na língua “a posição que os fatos referidos ocupam no tempo, *tomando como ponto de partida o ponto-dêitico da enunciação*”, e pode ser expresso através de morfemas, lexemas e perífrases. Para Câmara (1980), o tempo marca a época de ocorrência de um processo verbal, tomando como referência o momento em que se fala. Portanto, trata-se de uma categoria, primeiramente, dêitica, e subjetiva, uma vez que só fará sentido para o sujeito falante na sua concepção abstrata de tempo como algo ideal que pode ser subdividido tendo como referência a própria pessoa que enuncia.

Tomando a si como referência, o falante poderá considerar os fatos como passados, simultâneos ou posteriores ao momento que vive. Logo, temos três tempos respectivamente: o passado, o presente e o futuro. Costa (1990) explica que uma linha temporal tem um ponto dêitico e pode ser subdividida segundo os três tempos citados, mas não apenas neles.

Dessa forma, em português brasileiro, temos o passado expresso pelo pretérito perfeito, pretérito imperfeito e pelo mais-que-perfeito. O futuro, por sua vez, pode ser futuro do presente ou do pretérito, por exemplo. Tempos como esses são chamados de relativos e recorrem a mais de um ponto dêitico para marcar a posição de uma situação no percurso temporal.

Mesmo que alguns estudiosos, baseados em teorias enunciativas, questionem o caráter não dêitico do aspecto, é ponto comum nas pesquisas diferenciar aspecto e tempo através da dêixis. O aspecto constitui-se como categoria de tempo não dêitica, referente à realização de um processo, seu desenvolvimento ou fases. A expressão de sua principal oposição se dá através dos aspectos que nos propusemos a discutir neste estudo.

Costa (1990) também diferencia as categorias de tempo e aspecto semanticamente, de modo que este aponta para o tempo interno em um processo, enquanto aquele indica tempo externo, isto é, a categoria de tempo. A autora postula

que as noções semânticas ligadas à categoria de tempo indicam a localização do fato em relação ao momento de enunciação. As noções semânticas aspectuais são diferentes, pois indicam duração, instantaneidade (que entendemos como pontualidade), começo, desenvolvimento e fim.

Câmara (1980), por seu turno, salienta que o tempo é o eixo da conjugação nas línguas românicas e germânicas modernas. Portanto, o português tem o aspecto como categoria subsidiária e, muitas vezes, os estudos aspectuais se restringem às pesquisas sobre perífrases, enquanto formas de expressão do aspecto que acaba sendo secundário em português brasileiro, assim como a categoria de tempo é nas línguas semíticas.

Notemos que essa diferenciação entre o paradigma da conjugação das línguas semíticas e o das línguas românicas mostra que o caráter secundário não é inerente ao aspecto. Apenas é característico de alguns grupos linguísticos, enquanto pode ser produtivo em outros. Para explicar esta diferenciação no status do aspecto entre as línguas, Câmara (1980, p. 146) postula o seguinte:

De qualquer maneira, o critério temporal na estruturação da conjugação assinala que, nas línguas ocidentais modernas, a atenção foi desviada do processo em sua execução, nos aspectos da sua duração, para situá-lo em referência ao momento em que o enuncia o falante.

Em conformidade com a ideia de a estrutura linguística mudar para acompanhar as necessidades humanas de conceptualização do mundo, se as comunidades que estavam em contato com as línguas românicas e germânicas davam menor atenção à duração ou desenvolvimento de um processo, isso acaba por ser expresso linguisticamente.

A conjugação verbal passa a ser guiada pelo que norteia a conceptualização em dado momento. No caso das línguas das quais derivou o português, passa a ser guiada pela ideia de referenciar um processo de acordo com o momento em que o falante o enuncia. Essa concepção é expressa linguisticamente pela valorização primeira do tempo na conjugação verbal.

Estes argumentos podem justificar a postura de algumas gramáticas tradicionais que citamos anteriormente, bem como a menor quantidade de estudos sobre aspecto, se comparados às pesquisas sobre a categoria de tempo.

Após a postulação destas observações sobre tempo e aspecto, listamos em seguida, rapidamente, alguns conceitos de aspecto e proposições de quadros aspectuais e delimitamos o que para nós é mais adequado.

#### **1.4 A conceptualização do aspecto e algumas proposições de quadros aspectuais para o português brasileiro**

Destacaremos aqui os conceitos de aspectos e quadros aspectuais de quatro linguistas: Castilho (1968), Travaglia (2006), Costa (1990) e Câmara (1980). Justificamos a busca e apresentação da conceptualização de Câmara pela importância de seus estudos na descrição e reflexão sobre o português brasileiro. Os três primeiros, por sua vez, constituem uma sucessão temporal nas reflexões sobre aspecto, além de suas pesquisas estarem relacionadas de alguma forma, visto que Castilho (1968) marca os primeiros estudos sobre o aspecto e coordena o trabalho de Costa (1990) aqui citado. Já Costa (1990) comenta os trabalhos de Castilho (1968), bem como o de Travaglia (2006), editado pela primeira vez em 1981.

Começamos pelo trabalho de Castilho (1968) que, por seu caráter pioneiro, toma a tarefa de dar ao leitor brasileiro uma visão geral sobre vários assuntos relacionados ao aspecto, como um histórico, um quadro aspectual, caracterização dos aspectos, definição das noções aspectuais, etc. Nesse contexto, a definição de aspecto para Castilho (1968, p. 14) “é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a ideia de duração ou desenvolvimento. É, pois, a representação espacial do processo.”.

Diante do fato de a categoria de tempo representar uma visão subjetiva que tem como ponto de referência o falante, o aspecto considera o processo objetivamente em sua duração, propondo-se a representar o processo ou desenvolvimento da ação e não referenciá-la ou localizá-la em uma linha temporal.

O quadro aspectual de Castilho (1968, p. 51) consiste no seguinte:

**Quadro 1:** Quadro aspectual de Castilho (1968)

<i>Valores</i>	<i>Aspectos</i>
1. Duração	<i>Imperfectivo</i>
	Inceptivo
	Cursivo
	Terminativo
2. Completamento	<i>Perfectivo</i>
	Pontual
	Resultativo
	Cessativo
3. Repetição	<i>Iterativo</i>
	Iterativo imperfectivo
	Iterativo perfectivo
4. Negação da duração e de completamento	<i>Indeterminado</i>

Fonte: (CASTILHO, 1968, p.51).

O quadro aspectual proposto pelo linguista consiste em uma relação entre valores e aspectos. Assim, o valor duração está relacionado ao aspecto imperfectivo que apresenta as subdivisões inceptivo, cursivo e terminativo; o valor completamento está relacionado ao perfectivo, subdividido em pontual, resultativo e cessativo; o valor repetição assinala as subdivisões iterativo imperfectivo e iterativo perfectivo; e, por último, o valor negação da duração e do completamento refere-se ao aspecto indeterminado.

Devemos atentar principalmente para as duas primeiras noções apresentadas, pois indicam a maneira como o quadro de Castilho (1968) interpreta as situações imperfectivas e perfectivas. Para o primeiro caso, vemos que as situações imperfectivas estão no contexto dos processos durativos. Os aspectos elencados por Castilho (168) decorrem do foco de uma dada situação em certa fase de sua duração, daí a abordagem do início, meio e fim.

No caso do aspecto perfectivo, estamos no contexto da noção de completamento, a qual Castilho (1968) não diferencia da noção de acabamento.

Quanto ao primeiro aspecto associado à situação completa, podemos afirmar que, embora não exista uma situação que não possa apresentar uma duração qualquer, as situações perfectivas tendem a ser pontuais por não denotarem duração significativa.

No que diz respeito aos demais aspectos atinentes ao completamento, o resultativo e o cessativo não são consensualmente tidos como aspectos. Travaglia (2006), por exemplo, discorda do fato de estes fenômenos serem colocados como aspectos ou noções aspectuais. É válido salientar que o resultado de uma ação é algo que provavelmente estará fora da ação, o que indica seu desenvolvimento não aspectual, posto que o aspecto refere-se à duração interna de um processo e ao seu desenvolvimento.

O aspecto cessativo, por sua vez, tem uma característica temporal, no que diz respeito a fazer referência a outro ponto de uma situação, de modo que um evento atual faça sentido em relação a outro que acabou. Por outro lado, o cessativo também pode ser um aspecto, quando acentua o sentido de acabado. Por esses motivos, podemos dizer que o quadro aspectual de Castilho (1968) para o perfectivo o caracteriza principalmente pela pontualidade e pelo o acabamento. Ao mesmo tempo, questionamos a colocação da resultatividade como aspecto.

Quanto à Travaglia (2006), vemos que para o linguista o aspecto é uma categoria ligada ao tempo, enquanto ideia geral e abstrata, sem necessária “indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase” (TRAVAGLIA, 2006, p. 39). Por outro lado, considerando o tempo como categoria, devemos compreender o momento em que ocorre a situação em estudo como anterior, posterior ou simultâneo à nossa fala, de modo que tenhamos passado, futuro e presente, respectivamente. Vê-se, portanto, que a categoria verbal de tempo se referencia em conformidade com o exterior em um processo dêitico.

O aspecto, diferentemente, é uma categoria verbal não dêitica que se ocupa do tempo interno à situação, definindo-se assim como uma categoria verbal de tempo (ideia geral e abstrata), por meio da qual se pode marcar a “duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação”. (TRAVAGLIA, 2006, p. 40).

Quanto ao quadro aspectual de Travaglia (2006, p. 76), temos:

**Quadro 2:** Quadro aspectual de Travaglia (2006)

Noções Aspectuais			Aspectos	
I. Duração	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada	Durativo
			b. Ilimitada	Indeterminado
		B. Descontínua	a. Limitada	Iterativo
			b. Ilimitada	Habitual
2. Não-duração ou pontualidade			Pontual	
II. Fases	1. Fases de realização	A. Por começar A'. Preste a começar (ao lado do aspecto há uma opção temporal)		Não-começado
		B. Começado ou não-começado		Começado ou não acabado
		C'. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma opção temporal) C. Acabado		Acabado
	2. Fases de desenvolvimento	A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		Inceptivo
		B. Meio		Cursivo
		C. fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		Terminativo
	3. Fases de Completamento	A. Completo		Perfectivo
		B. Incompleto		Imperfectivo
	<b>Ausência de Noções Aspectuais</b>			Aspecto não-atualizado

Fonte: (TRAVAGLIA, 2006, p. 76).

Note-se que o quadro aspectual de Travaglia (2006) é detalhado em conformidade com a sua definição de aspecto. Desta forma, traz especificidades quanto ao tipo de duração que é pressuposta em sua definição, além de trazer um número menor de noções aspectuais em relação ao quadro de Castilho (1968). Em detrimento de quatro aspectos subdivididos, temos a postulação de fases do processo ligadas aos aspectos respectivos. Vemos que isso condiz com as palavras finais de sua definição, a saber, a relação entre aspecto e as fases do processo considerado. Acresce também, positivamente, o fato de constar no quadro a possibilidade de não atualização aspectual, além da colocação do aspecto indeterminado.

Ao partimos para o conceito de aspecto, bem como o quadro configurado por Costa (1990), observamos a conceptualização aspectual dentro de uma categorização de entidades chamadas de primeira, segunda e terceira ordens. As entidades de primeira ordem são representadas por objetos físicos, seres humanos, animais irracionais e seres inanimados; as entidades de segunda ordem são

acontecimentos processos e estados e demais ocorrências que possam ser localizadas no tempo; por fim, as entidades de terceira ordem são produtos que nossa mente constrói ao exercitar o raciocínio ou capacidade de atribuir valores e formular juízos sobre algo, de forma que são abstratas.

As três entidades se diferenciam, não só pela sua natureza, mas por apresentarem localização diversa, uma vez que as entidades de primeira ordem são consideradas pela nossa mente como localizadas no espaço, enquanto as de segunda ordem são localizadas no tempo, pois apenas acontecem. As entidades de terceira ordem, exemplificadas pelas proposições, não estão localizadas no tempo, tampouco no espaço.

Em virtude da temática aspectual, são destacadas pela autora as entidades de segunda ordem. Costa (1990) propõe uma caracterização dos processos, atos, atividades, acontecimentos e estados através dos traços durativo, dinâmico, permanente e agente. Quanto ao aspecto, ficam ressaltados dentre as entidades de segunda ordem os processos, as atividades e os estados, posto que comportam o traço + durativo. Por conseguinte, são úteis à compreensão da constituição interna de uma situação e normalmente permitem a atualização da categoria aspecto.

Assim contextualizado, o aspecto é definido como “a categoria linguística que informa se o falante toma em consideração ou não a constituição interna dos fatos enunciados”. (COSTA, 1990, p. 21). A partir desta definição, podemos inferir a prioridade relativa ao aspecto imperfectivo, posto que tende a permitir a visualização do desenvolvimento interno de uma ação, em detrimento do que geralmente ocorre com o perfectivo.

De posse destas informações, vejamos a configuração do que Costa (1990, p. 38) colocou como possibilidades semânticas da categoria aspecto no português brasileiro:

**Quadro 3:** Quadro aspectual de Costa (1990)

1. <i>Aspecto</i> : categoria linguística que marca a referência ou não à estrutura temporal interna de um fato. Apresenta duas possibilidades:
1.1. <i>Perfectivo</i> : Fato referido como global. Não marcado para as nuances da constituição temporal interna.
1.2. <i>Imperfectivo</i> : Fato referido com marca de sua constituição temporal interna. Semanticamente restringido a lexemas que incluam o traço [+durativo]. Apresenta as seguintes possibilidades:
1.2.1. <i>Imperfectivo em curso</i>
1.2.2. <i>Imperfectivo de fase inicial</i>
1.2.3. <i>Imperfectivo de fase intermediária</i>
1.2.4. <i>Imperfectivo de fase final</i>
1.2.5. <i>Imperfectivo resultativo</i>

Fonte: (COSTA, 1990, p.38).

Inicialmente, notamos o fato de não se tratar de um quadro aspectual, ao menos não com a configuração dos demais citados. Em segundo, vemos a presença de definições no quadro, o que, de certa forma, constava também no quadro de Travaglia (2006), mesmo que de maneira mais pontual.

Por último, observamos que o conceito de aspecto referente à constituição temporal interna de uma situação realmente restringiu a presença de subdivisões do perfectivo, posto que este é considerado como global. Assim, não é possível indicar lapsos de tempo que permitam a análise da constituição temporal interna. Contudo, maior detalhamento é reservado ao imperfectivo que apresenta subdivisões referentes a aspectos contidos nos demais quadros anteriormente citados. São exemplos disso, os aspectos inceptivo, cursivo e terminativo.

Por último, vejamos as proposições aspectuais de Câmara (1980), que são bem mais resumidas que as três que citamos acima, porque, diferente destes estudiosos, a obra do linguista brasileiro não é um livro que trata unicamente da categoria aspecto, embora o aborde.

Feita esta advertência, vejamos primeiramente o conceito de aspecto que Câmara (1980) propõe. Para ele, o aspecto refere-se à maneira de ser da ação, o que em alemão é expresso por *Aktionsart* e foi traduzido para o português, francês e

inglês como aspecto. Guardadas as polêmicas existentes quanto à tradução do termo, Câmara (1980, p. 141) acrescenta que “trata-se, com efeito, do aspecto por que se apresenta o processo verbal do ponto de vista da sua *duração*”. Posteriormente, Câmara (1980) faz referência à análise do tempo interno no aspecto e às subdivisões da duração, uma vez que assinala a consideração do processo verbal em si, sem referenciar passado, presente ou futuro. Prefere citar as fases de desenvolvimento do processo, a saber, início, meio e fim.

Não ocorre a proposição de um quadro aspectual propriamente. Porém, a partir das reflexões de Brugmann, são listados os aspectos pontual, durativo, permansivo, inceptivo, cessativo e resultativo. O aspecto durativo foi subdividido em progressivo, cursivo e frequentativo ou iterativo.

Câmara (2009), no *Dicionário de linguística e gramática*, cita resumidamente, o incoativo, referido ao imperfectivo, tendo em vista denotar inacabamento; o conclusivo, relativo ao perfectivo e o aspecto permansivo para designar o evento que está concluído, mas permanece em seus efeitos.

Observamos que o conceito de aspecto (bem como o quadro aspectual do português brasileiro) sofre variação, em conformidade com o estudioso que o tenha pesquisado. Diante desse panorama, optamos por conceituar aspecto através da visão de Travaglia (2006), tendo em vista o caráter abrangente e crítico do seu olhar sobre os demais estudos referentes à temática, de modo que proporciona uma conceituação aspectual que acreditamos ser bastante completa e objetiva quanto às noções de aspecto que abarca.

Com essas últimas proposições de Câmara (2009), concluímos as informações específicas sobre aspecto e daremos início à apresentação das pesquisas que caracterizaram os aspectos perfectivo e imperfectivo, sobre os quais desejamos refletir.

## **2 A CARACTERIZAÇÃO DO PERFECTIVO E DO IMPERFECTIVO**

Tendo em vista o fato de objetivarmos caracterizar o perfectivo e o imperfectivo, a seguir, buscamos apreender das análises dos principais estudiosos de aspecto no Brasil algumas das características de tal oposição aspectual. Neste processo, ressaltamos os estudos de Castilho (1968), Costa (1990) e de Travaglia (2006), ressaltando este último por indicar uma problemática que permite direcionamentos escalares para o aspecto.

### **2.1 A caracterização de Castilho (1968) dos aspectos perfectivo e imperfectivo**

Retomamos primeiramente Castilho (1968) para pontuar na história dos estudos sobre aspecto verbal as discussões em torno das noções que caracterizam o perfectivo e o imperfectivo. Segundo o linguista, na fase de fixação da tipologia sobre o aspecto, surgiram algumas dificuldades relativas a uma aproximação dos estudos gregos e eslavistas, no que se refere aos dois primeiros termos da oposição grega aoristo/presente/perfeito serem relacionados à classificação eslavista perfeito/imperfeito.

Decorre disso uma confusão terminológica, pois Castilho (1968) explica que o presente grego era entendido como ação durativa que, com a aproximação proposta, equivaleria no eslavo ao imperfectivo compreendido como a ação sem consideração de término. Ao aoristo grego, que denota ação pontual, corresponderia o perfectivo eslavista, entendido como ação com consideração de término.

Como primeiro problema, vemos associadas por semelhança diferentes noções aspectuais, uma vez que, enquanto o paradigma eslavo trabalha com definições que se aproximam de acabamento/não acabamento ou completamente/não completamente, o grego trata das noções de duração e pontualidade, que podem estar em jogo no mesmo fato linguístico, mas que não podem ser colocadas em um contexto de equiparação. O segundo problema decorre do fato de encontrarmos três termos no estudo grego (aoristo/presente/perfeito) e dois nas pesquisas eslavas (imperfectivo/perfectivo), de forma que a noção perfectiva dos gregos ficaria sem correspondência.

Salientamos que esta problemática é comentada por Castilho (1968) ao listar as constatações da linguística histórica sobre o aspecto verbal, o que denota que a discussão sobre a caracterização dos aspectos aqui destacados, perfectivo e imperfectivo, data de tempos atrás nos estudos linguísticos. Neste caso, desde o estudo histórico, consolidado no século XIX, segundo a classificação de estudos linguísticos citados por Câmara (1975).

Isto posto, atentemos para a descrição de algumas das concepções de Castilho (1968) sobre os aspectos destacados. Em sua proposição de quadro aspectual para o português brasileiro, o linguista faz associações de valores e aspectos. Enfatizamos os valores duração, relacionada ao imperfectivo, e o completamento, ligado, por sua vez, ao perfectivo.

A duração fica subdividida em três partes: a duração na qual são conhecidos os primeiros momentos da ação, de forma que sejam previsíveis os próximos passos da situação em questão. Este tipo de duração é nomeada imperfectiva inceptiva, na qual são identificados um momento de começo em si mesmo, propriamente inceptivo, e um começo ao qual se segue uma mudança de estado, que denota um processo identificado como incoativo, por vezes igualado à inepção sem as devidas ressalvas citadas, segundo comenta Travaglia (2006).

Chama-se duração imperfectiva cursiva aquela na qual não é possível apreender-se o início ou o fim do processo, de modo que nota-se apenas o desenvolvimento da ação. Este tipo de duração pode ser cursiva propriamente dita ou apresentar graus de progressividade, constituindo o que Castilho (1968) nomeou duração cursiva progressiva.

O último valor de duração associado ao aspecto imperfectivo é o terminativo, referente à duração da qual se conhece o término. Neste caso, subdivisões não são mencionadas.

O perfectivo, por sua vez, está relacionado ao valor de completamento, que se define por indicar precisamente o começo e o fim do processo, separados por um lapso de tempo curto e pouco significativo. Acresce ainda à caracterização deste aspecto a utilização da expressão “ação totalmente decursa” (CASTILHO, 1968, p. 50), que aproxima o valor completamento da noção de acabamento, citada por Travaglia (2006). Assim configurado, o perfectivo está dividido em três partes: o perfectivo pontual, tido por Castilho (1968) como perfectivo propriamente dito, o perfectivo resultativo, “que indica um resultado consequente ao acabamento da

ação” (CASTILHO, 1968, p. 50) e o perfectivo cessativo, no qual decorre da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se remete ao presente.

Tendo em mente estas breves colocações sobre a caracterização de Castilho (1968) acerca do perfectivo e do imperfectivo, vejamos a partir de agora, como Travaglia (2006) retoma tais proposições na discussão da formação do quadro aspectual do português brasileiro.

## **2.2 Reflexões sobre a caracterização do perfectivo e do imperfectivo a partir das discussões de Travaglia (2006) sobre o quadro aspectual brasileiro**

Na discussão de Travaglia (2006) sobre a formação de um quadro aspectual do português brasileiro e, mais especificamente, sobre a impropriedade de um quadro de aspectos compostos, encontramos a crítica do autor acerca da caracterização de Castilho (1968) dos aspectos destacados neste trabalho, bem como podemos apreender as noções que considera úteis no que concerne ao perfectivo e ao imperfectivo, os quais exemplificam a sua defesa da impropriedade de um quadro de aspectos compostos para o português do Brasil.

Primeiramente, Travaglia (2006) retoma o fato de Castilho (1968) caracterizar o perfectivo pelo completamento, aproximado, segundo ressaltamos acima, do acabamento, uma vez que considera a ação perfectiva como totalmente decursa. Retoma ainda as colocações de Castilho (1968) sobre o imperfectivo relacionado à duração, subdividida segundo indicamos na seção anterior.

Note-se ainda o implícito exposto por Travaglia (1968): Castilho (1968) não propõe inacabamento para o imperfectivo, embora proponha acabamento para o perfectivo, de maneira que parece opor acabamento no perfectivo à duração no imperfectivo. Todavia, ao esmiuçarmos o problema sob a égide dos conceitos de situação narrada e referencial, tal como incentiva Travaglia (2006), vemos que seus exemplos implicam a noção de pontualidade, associada geralmente ao perfectivo e não ao imperfectivo. Vejamos alguns exemplos do *corpus* digital do *Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro* a fim de materializarmos este raciocínio:

- Exemplo 1: Em um exercício de relaxamento, no qual pedi para que as crianças imaginassem que abraçavam seus melhores amigos, ela **desatou a chorar**<sup>4</sup>.
- Exemplo 2: Quando a reencontrou em uma festa de uma amiga em comum, não teve dúvida: sentou ao seu lado e **desatou a falar** da vida, da coleção de problemas e neuras.
- Exemplo 3: O velho **desatou a rir**.

Devemos indicar inicialmente que os exemplos citados retomam o primeiro tipo de duração colocado por Castilho (1968), isto é, imperfectivo inceptivo propriamente dito. Entretanto, mesmo admitindo a presença de uma duração sentida pelo falante, propomos, seguindo Travaglia (2006), especificar que tal duração das situações “desatar a chorar”, “desatar a falar” e “desatar a rir”, pertence às situações narradas de chorar, falar e rir. As anteriores são situações, sim, inceptivas, contudo pontuais e pertinentes a situações referenciais, apresentadas como acabadas, inclusive pela marca gramatical do tempo verbal (pretérito perfeito).

Vale acrescentar que a situação referencial pode-se apresentar como: estado resultante de uma situação anterior, esta tida como narrada; uma situação que, realizada, implica o início ou final da situação narrada; e uma situação que, realizada, implicará o prosseguimento da narrada. Observe-se que a situação referencial tem relações diversas com a narrada, podendo vir antes ou depois e até, se realizada, implicar o prosseguimento da narrada. Desta forma, não podemos caracterizar estas situações pela ordem de ocorrência. A identificação pode ser facilitada, se pensarmos na situação narrada como o evento ocorrido e na situação referencial como uma perspectiva sobre ela, traduzida no evento de fala.

Na continuação de nossa argumentação sobre os exemplos do *corpus*, salientamos que nas expressões destacadas na citação há pontualidade, além de acabamento para as situações referenciais, no que fica clara a ausência do imperfectivo colocado por Castilho (1968). Conclui-se que o aspecto em questão seria o perfectivo acrescido da noção de inceptividade. Daí, segundo Travaglia

---

<sup>4</sup> Registramos 210 ocorrências da expressão “desatou”. A fim de aproximarmos a nossa exemplificação da que Travaglia (2006) critica em Castilho (1968), destacamos a construção desatou + a + verbo no infinitivo, decidindo transcrever acima os exemplos mais recorrentes no *corpus*, seguindo a construção linguística colocada. Considerando as expressões ressaltadas nos exemplos, temos 37, 07 e 52 ocorrências, respectivamente.

(2006), seria preciso acrescentar um aspecto composto à construção do quadro aspectual do português do Brasil.

Adicionemos a esta discussão a presença de acabamento em situações realmente durativas, ainda sob exemplificações que seguem a crítica de Travaglia (2006) diante de algumas das proposições de Castilho (1968) acerca dos aspectos que ressaltamos. Vejamos os exemplos do *corpus* analisado:

- Exemplo 4: **Contemplou**<sup>5</sup> o pedaço de plástico e metal com uma espécie de intensa fascinação.
- Exemplo 5: **Tinha estudado**<sup>6</sup> todas as correções monetárias, os acórdãos do Supremo.
- Exemplo 6: Ela afirmou que ele **esquecera**<sup>7</sup> de fechar a porta com a chave.

Considerando a definição de Travaglia (2006, p. 59) sobre processos entendidos como “situações dinâmicas estendidas, que duram através do tempo, ou seja, situações dinâmicas durativas” e o fato de estarem em questão, nos exemplos 4, 5 e 6, alguns verbos que indicam processos, não se pode questionar a presença da duração. Entretanto, corroboramos a indicação de Travaglia (2006) que questiona o conceito de Castilho (1968) no que diz respeito ao imperfectivo cursivo propriamente dito estar presente nos exemplos, posto que ele indica pleno desenvolvimento da situação e isso não ocorre.

Deve-se considerar que a duração, embora patente pelo indicativo do tipo de verbo, não está marcada gramaticalmente e que as marcas gramaticais presentes (pretérito perfeito, perífrase *ter* + participio e pretérito mais-que-perfeito, respectivamente) apontam para o acabamento, segundo notamos nas conclusões gerais sobre os recursos de expressão do aspecto.

Até agora, vimos situações colocadas como imperfectivas que mostraram acabamento. Porém, devemos notar ainda as situações que, colocadas como perfectivas, não podem excluir a presença da duração. No exemplo “Terminada a

---

<sup>5</sup> Registramos 36 ocorrências do verbo destacado no *corpus* em questão.

<sup>6</sup> Em amostra aleatória de 5.000 ocorrências, a expressão em destaque aparece 33 vezes no *corpus*. Também estão registradas 110 ocorrências da configuração *ter* + estudado e 21 ocorrências da variação tenham + estudado, assim como outras construções com o verbo *ser* e o participio em destaque no exemplo 5.

<sup>7</sup> Registramos 160 ocorrências do verbo destacado no *corpus* em questão.

festa, retiraram-se os convidados”, a classificação proposta por Castilho (1968, p. 69) determina aspecto imperfectivo terminativo, indicando, como explica Travaglia (2006), ação terminada, após certa duração. Vemos que a situação é apresentada como terminada, enquanto a duração é pressentida, já que podemos deduzir o processo através do substantivo sujeito. Mesmo havendo o término da situação, também não se pode simplesmente abstrair a duração.

Portanto, temos situações com duratividade e acabamento, assim como o contrário. Daí, o que nos perguntamos, junto com Travaglia (2006), é: Se o acabamento está presente nestas situações, inclusive quando a duração permanece, que aspecto está presente, o perfectivo ou o imperfectivo? Admitindo o imperfectivo, precisaremos explicar a presença de acabamento. Se admitirmos o perfectivo, devemos justificar a presença da duração.

Essa seria uma problemática a se resolver na escolha de um quadro aspectual simples, composto ou misto, o que não pretendemos explorar nestas reflexões. Ressaltamos, em conformidade com a caracterização aspectual a qual nos propomos que, muitas vezes, a pontualidade, contrário da duração, está associada ao perfectivo. No entanto, com a configuração que explicamos até aqui, teríamos a possibilidade de associação das noções de perfectivo e imperfectivo à pontualidade e à duração, sem fazer apenas a respectiva associação que geralmente ocorre. Isto é, poderíamos ter a possibilidade de analisar a duração no perfectivo e a pontualidade no imperfectivo.

Diante destes fatores, Travaglia (2006, p. 71) conclui a impossibilidade de “caracterizar o Perfectivo como acabado e pontual e o Imperfectivo pela duração”. Semelhantes conclusões ocorrem quando consideradas para as situações as postulações de completa e incompleta e acabada e inacabada.

No exemplo 4, quando temos “**Contemplou** o pedaço de plástico e metal...”, observamos uma situação completa, ou seja, uma situação apresentada com um todo indivisível. Notemos, contudo, que não há indicações gramaticais de que a situação tenha deixado de ocorrer, isto é, não são claras as indicações de acabamento. Há outros casos, por outro lado, em que situação pode ser colocada como completa, embora não acabada como em “João sempre **escreveu** bem” (TRAVAGLIA, 2006, p. 73), ou incompleta e acabada como em “João sempre **escrevia bem**” (TRAVAGLIA, 2006, p. 73).

Desta forma, mesmo que pareça lógico, completude e acabamento não se implicam mutuamente. Assim, estas noções também terão a possibilidade de associar-se tanto ao perfectivo quanto ao imperfectivo, independente do pensamento frequente de remeter completo e acabado apenas ao perfectivo e incompleto e inacabado ao imperfectivo.

Quanto ao quadro aspectual que discutia, Travaglia (2006, p. 75) conclui que:

a) Não se pode propor um quadro apenas de aspectos compostos; b) que os aspectos compostos são na verdade combinações de aspectos simples; c) e que se adotarmos um quadro misto de aspectos simples e aspectos compostos teremos de trabalhar com nada menos de quarenta aspectos, enquanto que um quadro de aspectos simples nos trará apenas treze aspectos; podemos concluir que a proposição de um quadro de aspectos simples é melhor para a análise aspectual por eliminar terminologia cuja existência é desnecessária.

A conclusão de Travaglia (2006) acerca do quadro aspectual do português configura-se contrária aos aspectos compostos, posto que acredita que um quadro de aspectos simples se faz econômico e pode adaptar-se aos fatos linguísticos que precisarem ser caracterizados por mais de uma noção, uma vez que os aspectos compostos seriam combinações de aspectos simples.

Independente da conclusão metodológica do estudioso, nos interessa expor o aspecto como uma categoria complexa que não pode ser caracterizada pelo acabamento ou não de uma ação, uma vez que os fatos linguísticos podem denotar situações que envolvem mais de uma noção aspectual, como vimos nesta seção. Notamos que 4 noções estão implicadas nos questionamentos acima. São elas: a **duração**, a **pontualidade**, o **completamento** e o **acabamento**. Acreditamos que elas podem subsidiar uma análise escalar do aspecto, como sugeriremos no capítulo 4.

### 2.3 A caracterização do perfectivo e do imperfectivo segundo as análises de Costa (1990)

Retomemos, em primeiro lugar, a divisão de entidades de primeira, segunda e terceira ordens que especificamos quando tratamos do conceito de aspecto em Costa (1990) em 1.4. Ressaltamos isto para salientar a ideia de Costa (1990) de que a oposição perfectivo e imperfectivo está baseada no fato de ser possível para o falante considerar ou não a constituição temporal interna de um fato, desde que ele esteja relacionado às entidades de segunda ordem. Com a consideração da constituição temporal interna, temos o aspecto imperfectivo, tido pela autora como marcado semanticamente em relação ao perfectivo, colocado como não marcado e sem duração significativa na qual se possa observar a fração de tempo presente em sua constituição.

Costa (1990, p. 30) explica o fato perfectivo dizendo que ele ocupa uma “determinada posição na linha de tempo e é visto como global, como um ponto fechado, como um todo, um conjunto, do qual não interessa referir a constituição temporal interna”. Desta forma, não são importantes o início, meio ou fim de uma ação. O imperfectivo, por seu turno, expressa a temporalidade interna desprezada no perfectivo, segundo afirma a linguista no trecho abaixo destacado:

O *imperfectivo* expressa a temporalidade interna, ou considerando-a como fragmento de tempo que se desenrola (expressão da cursividade), ou selecionando fases desse tempo interno (expressão das fases inicial, intermediária e final), ou expressando, ainda, estados resultativos que deem relevância linguística à constituição temporal interna de um processo que os antecedeu. (COSTA, 1990, p. 30).

Percebe-se que a imperfectividade é considerada primeiro no sentido da duração em si mesma, como um processo em curso. Depois, a duração é fragmentada, de modo que as fases do processo sejam passíveis de observação. Isto é, o tempo interno pode ser expresso em partes que podem referir-se ao início, meio ou final de dado processo.

Vimos que Costa (1990) recorre principalmente ao argumento da constituição temporal interna de um fato para caracterizar o imperfectivo. Essa atitude impede que a autora incorra em equívocos relativos às noções aspectuais pertinentes a

cada um deles. Segundo Comrie (1976, *apud* Costa, 1990), no *perfectivo* ocorre falta de referência explícita à constituição temporal interna da situação, porém, isso não significa que ela não exista. Assim, algumas formas *perfectivas* são usadas em situações complexas que perduram por certo período de tempo ou apresentam fases internas distintas. Em casos assim, a *perfectividade* permanece desde que a situação seja tratada como um todo, um conjunto único.

Devemos ressaltar que o aspecto em questão em dada situação estará principalmente fundamentado no fato de o falante decidir ou não enfatizar a sua estrutura temporal interna. Assim, uma mesma situação poderá ser vista, por exemplo, como um processo, de modo que sua constituição interna possa ser observada, ou como um acontecimento, um todo fechado que não apresenta duração significativa.

Quando estes fatores não são considerados, alguns equívocos de caracterização podem ser cometidos. Destacamos a seguinte exemplificação de Costa (1990, p. 32) sobre os enganos de caracterização que podem ocorrer:

Outro exemplo de caracterização inadequada é a atribuição ao *perfectivo* da expressão de fatos de curta duração, enquanto o *imperfectivo* indicaria fatos de longa duração; ou a interpretação de que o *perfectivo* é usado para descrever fatos com limites, enquanto o *imperfectivo* descreve a duração ilimitada; ou de que o *perfectivo* é usado para indicar fato pontual ou momentâneo, enquanto o *imperfectivo* indica fato durativo; ou de que o *perfectivo* expressa fato não acabado, enquanto o *imperfectivo* expressa fato acabado.

Podemos observar várias duplas de fatos que seriam tidos como referentes ao *perfectivo* e ao *imperfectivo*, respectivamente. Assim, temos situações de curta duração e de longa duração, com limites ou ilimitadas, pontuais ou durativas e situações acabadas e inacabadas. O problema de associar estas duplas aos aspectos em destaque, buscando defini-los, decorre de não ser possível fazer generalizações no caso de nenhuma das duplas citadas. Só os usos da língua poderão dar informações suficientes para que seja possível perceber qual a noção caracterizadora está presente predominantemente.

Segundo Costa (1990), se notamos duas situações simultâneas e passamos a compará-las, podemos acreditar que uma das situações apresentadas tem caráter global, é mais curta, mais pontual, ou que podemos enxergar seus limites. Da mesma forma, podemos ver a outra situação da comparação do ponto de vista da

sua constituição interna, e acreditar que é mais longa, durativa e ilimitada. A dificuldade que parece figurar neste contexto é estabelecer e definir estas noções como geralmente atinentes ao perfectivo ou ao imperfectivo.

Devemos salientar ainda que a duração não pode ser simplesmente identificada com o imperfectivo, tendo em vista que esta atitude mascararia as demais nuances pertencentes ao imperfectivo, a exemplo da expressão das suas fases internas. Identificá-lo através da duração seria como caracterizá-lo apenas pela cursividade.

Fato semelhante se dá com a noção de acabamento, associada ao perfectivo, e a de inacabamento, relativa ao imperfectivo. Quanto ao primeiro aspecto, Costa (1990) indica que ocorre uma confusão entre a referência ao ponto terminal de um fato e a sua colocação como acabado. Devemos lembrar que o perfectivo apresenta a ação como global, sem enfatizar as suas fases, o que supõe não fazer referência à fase final. Tampouco ver um fato como acabado pode ser a única noção caracterizadora do perfectivo, pois esta noção implicaria a consideração de um ponto dêitico, o que resultaria em adentrarmos à categoria de tempo que é dêitica em detrimento do aspecto.

Insistimos ainda que o perfectivo, apesar de expressar um processo como um todo e incluir o ponto terminal, não pode ser visto como somente acabado, sob pena de restringi-lo ao passado, quando existem formas perfectivas presentes e futuras. Devemos acordar que, por exemplo, um fato futuro não pode ser referido como acabado.

No intuito de terminar esta caracterização, listamos alguns fatores relacionados às restrições de imperfectividade. O primeiro fator retoma a ideia de que a constituição interna tende a ser observada em processos, atividades e estados, posto que tendem a comportar o traço + durativo. Consequentemente, o traço – durativo tende à perfectividade. O segundo fator associa a imperfectividade aos fatos verbais singulares, uma vez que a pluralização indica a iteração, a qual a autora não coloca como noção aspectual, como podemos notar no item 1.4, especificamente no que chamamos de quadro aspectual de Costa (1990).

As reflexões de Costa (1990) retomam os questionamentos de Travaglia (2006) sobre a caracterização dos aspectos perfectivo e imperfectivo e vão ao encontro da problemática que propomos neste trabalho acerca de não ser possível caracterizar o perfectivo e o imperfectivo respectivamente pelo acabamento ou não

de uma ação. Dessa forma, repetimos que é preciso recorrer à maior flexibilidade para caracterizar estes aspectos, sem priorizar generalizações. Neste sentido, nossa proposta de análise prefere utilizar mais de uma noção caracterizadora, vendo-as como traços que permitiram postular que aspectos tendem a ser mais pertinentes às situações. A partir dessas conclusões, trataremos o aspecto no contexto da transitividade oracional.

A seguir, faremos alguns apontamentos acerca da teoria funcionalista e do princípio de transitividade oracional, para explicar, posteriormente, como decidimos abordar o tratamento da questão aspectual no interior dessa corrente e mais especificamente a caracterização do perfectivo e do imperfectivo.

### 3 O FUNCIONALISMO LINGUÍSTICO E A TRANSITIVIDADE ORACIONAL DIANTE DA CATEGORIA VERBAL ASPECTO

A fim de contextualizar nossas reflexões sobre a categoria verbal aspecto e o princípio de transitividade oracional de mesmo nome, convém colocarmos em nosso trabalho informações sobre a corrente linguística funcionalista, destacando a transitividade oracional para, em seguida, delimitarmos o tipo de vínculo que propusemos entre este fundamento teórico funcionalista e a categoria verbal ressaltada.

#### 3.1 A corrente linguística funcionalista

Quando Saussure (2006) coloca a língua como principal objeto de estudo da linguística, por oposição, faz surgir a ideia de se estudar aquilo que ele não preferiu *a priori*, a saber, a fala que nos remete ao estudo da língua em uso. Temos assim, as duas principais correntes dos estudos da linguagem, o formalismo, centrado na estrutura linguística, e o funcionalismo, ocupado dos usos da língua.

O formalismo linguístico, embora seja constituído também pelo estruturalismo, tem sua expressão principal no gerativismo. As teorias funcionalistas, apesar de terem como precursor o Círculo Linguístico de Praga, ganham força com a iniciativa de linguistas que buscavam alternativas para as limitações dos estudos gerativos em relação aos fenômenos que pesquisavam. Berlinck, Augusto e Scher (2011, p. 211) definem os estudos funcionalistas da seguinte maneira:

A abordagem funcionalista vê a linguagem como um sistema não - autônomo que nasce da necessidade de comunicação entre os membros de uma comunidade, que está sujeito à capacidade humana de adquirir e processar o conhecimento e que está continuamente se modificando para cumprir novas necessidades comunicativas.

Vemos que a imanência do sistema colocada por Saussure é preterida em prol de um sistema considerado primeiramente em sua função comunicativa e nos elementos utilizados para cumprir eficazmente os propósitos comunicativos. Deste modo, a teoria funcionalista, em detrimento de categorias fechadas, busca no uso as

regularidades que configuram o sistema linguístico. Devemos esclarecer, contudo, que tal corrente não se apresenta como um bloco homogêneo.

Neves (1997, p. 55) sinaliza essa questão ao fazer referência ao pensamento de Elizabeth Bates (1987) que ressalta a heterogeneidade funcionalista ao dizer que se assemelha a um grupo de seitas que têm como ponto de concordância apenas a rejeição ao papa. Pezatti (2004, p. 167) salienta, porém, que a argumentação que vai nesta direção dá excessiva importância à figura individual de Chomsky, além de retirar o foco do que é mais caro à teoria funcionalista, isto é:

Em primeiro lugar, a concepção de linguagem como instrumento de comunicação e de interação social e, em segundo lugar, o estabelecimento de um objeto de estudos baseado no uso real, o que significa não admitir separações entre sistema e uso, tal como preconizam tanto o estruturalismo saussuriano, com a distinção entre língua e fala, quanto a teoria gerativa, com a distinção entre competência e performance.

Em detrimento de dar mais relevância a um ponto de convergência sem imanência relativa ao estudo funcional, corroboramos o raciocínio de Pezatti (2004) e preferimos também dar mais atenção às convergências teóricas que tratem do funcionalismo em si. Portanto, destaque-se a concepção de linguagem enquanto sistema de comunicação e interação, bem como o estabelecimento do uso da língua como objeto de estudo. Decorre também daí o fato de a corrente funcionalista de estudos da linguagem receber a nomeação atual de Linguística centrada no uso.

Ao comentar as características comuns às várias propostas funcionalistas, Neves (1997) ressalta ainda a primazia da língua enquanto sistema comunicativo. Além disso, detalha o que disseram Berlinck, Augusto e Scher (2011) acerca da não autonomia do sistema em relação ao usuário ao acrescer a importância de parâmetros como a cognição, o processamento mental, a interação social, a cultura, a mudança, a variação, a aquisição e a evolução.

No contexto destas convergências, existem alguns tipos de funcionalismos, estabelecidos com base no “condicionamento do sistema linguístico pelas funções externas” (FURTADO DA CUNHA, 2009, p.159). A partir deste condicionamento, três tipos de funcionalismo podem ser identificados: o conservador, “que apenas aponta a inadequação do formalismo ou do estruturalismo, sem propor uma análise da estrutura.” (NEVES, 1997, p. 55); o radical, que acredita que funções externas

determinam categorias gramaticais, em uma indicação do caráter não autônomo do sistema; e o moderado que acredita em uma interação entre forma e função. Optando por este último tipo, convém explicitarmos um pouco mais sua configuração. No funcionalismo moderado

[...] as funções externas atuam concomitantemente com a organização formal inerente ao sistema linguístico, influenciando-a em certos pontos, sem fundamentalmente definir suas categorias básicas. (FURTADO DA CUNHA, 2009, p.159).

A moderação neste caso consiste em observar o sistema linguístico, considerando que sofre pressões comunicativas. Mesmo que elas não sejam determinantes, como numa perspectiva funcionalista radical, não podem ser ignoradas quanto às influências que exercem sobre a estrutura da língua. Em vista disso, o funcionalismo moderado permite que observemos a categoria gramatical aspecto no contexto do fundamento funcionalista da transitividade oracional, mais especificamente quanto aos parâmetros aspecto e pontualidade.

Diante do objetivo de detalhar o parâmetro aspecto, devemos salientar que nossa pesquisa difere dos trabalhos funcionalistas que seguem a direção de destacar elementos do sistema linguístico para observá-los no âmbito da linguística centrada no uso ou, em outras palavras, a descrição do funcionamento de itens linguísticos determinados. Como este estudo tem motivação teórica, observaremos o uso da categoria aspecto, ressaltando as problemáticas que suscita, para sugerirmos a análise detalhada de um constructo teórico, a saber, o parâmetro transitivo em questão, também nomeado aspecto.

Desejamos salientar ainda que a perspectiva de transitividade oracional que consideramos aqui está situada no funcionalismo norte-americano. Por volta de 1975, as análises linguísticas de cunho explicitamente funcionalista começaram a se proliferar na literatura linguística norte-americana. Esta vertente, embora fundada no conceito de funcional, pertinente ao funcionalismo clássico, segundo explica Ramos (2006), faz parte do movimento que enfatiza em seus estudos as características relativas ao emprego das expressões linguísticas em contexto de uso, e é exemplificada pela abordagem transitiva oracional da qual tratamos nesta pesquisa. Os linguistas que se destacam na vertente norte-americana são Talmy Gívon,

Sandra Thompson e Paul Hopper, os quais apresentam os estudos sobre transitividade que desejamos retomar.

Diante do que colocamos até aqui, acreditamos ser pertinente pensar uma categoria verbal como o aspecto sob os termos de uma teoria com posicionamento não discreto sobre os fatos linguísticos. Daí escolhermos observar a caracterização do perfectivo e do imperfectivo sob os moldes da linguística centrada no uso, abordando esta oposição aspectual com o objetivo de ampliar a configuração atual dos parâmetros de transitividade aspecto e pontualidade.

Após os apontamentos acerca da teoria funcionalista, escolhida enquanto ponto de observação para a categoria gramatical aspecto, convém destacarmos o princípio funcionalista específico que embasou nosso estudo, isto é, a transitividade oracional.

### **3.2 A transitividade na perspectiva funcionalista**

Adiantamos na seção anterior que este trabalho instaura-se no ambiente teórico do fundamento funcionalista da transitividade oracional, buscando apresentar uma proposta de ampliação de dois parâmetros constituintes desta teoria, o aspecto e a pontualidade. Para embasar esta proposta, convém atentar para os estudos de transitividade, bem como especificar aquele ao qual nos detivemos. Por isso, vejamos a seguir algumas reflexões sobre a transitividade segundo as proposições funcionalistas.

Nossos apontamentos sobre este princípio funcionalista serão guiados principalmente pela obra “Transitividade e seus contextos de uso”, de Furtado da Cunha e Souza (2011), além de outros aportes teóricos que trazem reflexões sobre a temática. A gramática tradicional centraliza o estudo da transitividade em um elemento da oração, o verbo. Diferentemente, a teoria funcionalista observa a transitividade como um fenômeno oracional, com implicações atinentes aos níveis sintático e semântico.

Devemos primeiramente apresentar algumas proposições gerais acerca da transitividade funcionalista. Para esta corrente linguística a transitividade apresenta um componente semântico e outro sintático, além de ser influenciada por fatores pragmáticos. Neste tipo de transitividade, o trânsito de sentidos muitas vezes

associado à consideração deste fenômeno focado no verbo, passa a ser analisado do ponto de vista do grau de transferência de uma ação e dos elementos envolvidos no evento expresso, segundo explicam as autoras a seguir:

Uma oração transitiva descreve um evento que potencialmente envolve pelo menos dois participantes, um agente que é responsável pela ação, codificado sintaticamente como sujeito, e um paciente que é afetado por essa ação, codificado sintaticamente como objeto direto. Esses participantes são chamados argumentos do verbo. (FURTADO DA CUNHA E SOUZA, 2011, p. 37-38).

Vemos que o enfoque não é, por exemplo, a necessidade verbal de complementação semântica, ou seja, processos verbais que demandem complementos diretos ou indiretos. Trata-se da transferência de uma ação e seus reveses, em detrimento do trânsito de sentidos que costumeiramente está associado à transitividade. Nesse contexto, observamos que o que interessa é o que a oração transitiva descreve e não o verbo transitivo. Os participantes, semanticamente identificados como agente e paciente, são representados sintaticamente através das funções de sujeito e objeto direto, respectivamente. Percebe-se assim a presença dos níveis semântico e sintático que permeiam a concepção funcionalista de transitividade.

Furtado da Cunha e Souza (2011) definem o evento transitivo prototípico, do ponto de vista semântico, através de propriedades do agente, do paciente e do verbo que estejam envolvidos no constructo oracional que codifica dado evento. Acresce que a delimitação das propriedades relacionadas a estes três elementos deve ser observada a partir das noções de grau e escalaridade. Sintaticamente, as orações e os verbos que apresentam objeto direto são transitivas. As intransitivas, por sua vez, não possuem este complemento. Portanto, na condição de uma oração codificar um evento transitivo, o agente será sujeito, enquanto o paciente será o objeto direto.

Contudo, além desses processos que refletem fatores semânticos e sintáticos, temos ainda fatores pragmáticos que exercem influência sobre verbos potencialmente transitivos. A perspectiva através da qual o falante interpreta e codifica um evento, exemplifica a influência de tais fatores, uma vez que eventos podem ser colocados do ponto de vista de um agente responsável pela ação ou do objeto afetado por ela. Respectivamente, as orações “A multidão massacróu os

políticos com palavras” e “Os políticos foram massacrados com palavras pela multidão”, concretizam este raciocínio.

Nota-se assim, um tipo de transitividade influenciado por alguns dos vários níveis linguísticos. Explicitados estes fatores mais gerais sobre a transitividade funcionalista, desejamos realizar algumas especificações em conformidade com os estudiosos que se destacam na pesquisa da transitividade. A partir da corrente funcionalista norte-americana, Furtado da Cunha e Souza (2011) destacam as concepções de transitividade de Wallace Chafe, Talmy Givón, e Paul Hopper e Sandra Thompson. Começamos pelos pensamentos de Chafe.

### **3.2.1 Wallace Chafe**

A oração é geralmente construída em torno de um elemento predicativo, geralmente representado pelo verbo, que será acompanhado pelos seus argumentos. Entretanto, o primeiro linguista citado por Furtado da Cunha e Souza (2011) permite que visualizemos situações em que o verbo não necessita de argumentos. Para Chafe, é possível discernir duas grandes áreas no universo conceitual humano: a área do nome e a área do verbo. A área dos nomes é periférica e compreende objetos físicos e abstrações coisificadas, enquanto a área dos verbos constitui-se de estados e eventos e teria papel central na codificação.

A centralidade verbal tem justificativa em dois fatores. Primeiro, sempre há um verbo que está semanticamente presente nos enunciados em línguas naturais, o que permite ver a classe verbal como um universal linguístico. Dentro deste papel central, apresenta-se mesmo em orações sem argumentos como em “Corra!”, “Fuja!” ou “Socorro!”.

Em segundo lugar, temos a influência do semantema verbal sobre os argumentos que o acompanharão. Dessa maneira, são selecionados os nomes que tendem a acompanhar o verbo, as relações sintáticas que irão manter com tal classe, assim como o papel semântico que irão desempenhar. Em vista disso, as conclusões de Chafe sobre transitividade estão em muito relacionadas com o verbo em si. Para ele, as orações são verbos que se apresentam sozinhos ou com argumentos. Decorre disso a concepção de que a descrição da oração está próxima da descrição de todos os tipos de verbo, uma vez que são centros semânticos.

Assim, dentre os tipos verbais, temos como mais prototípico aquele em que a ação verbal é realizada por um agente. São exemplos que se afastam deste protótipo os verbos em que o sintagma nominal não desempenha esse papel semântico, como os verbos que indicam fenômenos da natureza.

Vemos que a transitividade em Chafe dá papel central ao verbo como aquele que influencia a presença e o comportamento de outros elementos na oração. Givón, por sua vez, descreve o evento transitivo prototípico por meio das propriedades semânticas do agente, paciente e verbo. Vejamos como se configura sua concepção de transitividade.

### **3.2.2 Talmy Givón**

Furtado da Cunha e Souza (2011) apresentam e explicam as propriedades relacionadas ao agente, paciente e verbo. Segundo as autoras, a agentividade postula a necessidade de um agente ativo e intencional; o afetamento refere-se à presença de um paciente concreto e afetado; por último, a perfectividade propõe um evento pontual e concluído.

Todas estas propriedades são observadas em um ambiente de gradualidade. No contexto de transitividade relacionada à transferência de uma ação, tal como colocamos primeiramente, torna-se possível uma subclassificação verbal, de acordo com a mudança física perceptível no estado do paciente envolvido no evento. No ambiente destas reflexões, são listadas algumas das modificações que podem ser sofridas pelo objeto. Por exemplo, uma mudança física no objeto, tal como ocorre em “Helena preferiu fatar as batatas” ou uma mudança superficial, como em “No domingo, ele banhou o cachorro”.

Embora não desejemos detalhar os vários tipos de mudança que podem ocorrer com o objeto, segundo as postulações de Givón, devemos citar mais seis modificações formuladas pelo autor. A saber, a mudança referente ao objeto criado, a mudança ligada ao objeto totalmente destruído, a mudança de lugar do paciente, a mudança interna, a mudança com instrumento implicado e a mudança com modo implicado.

Se considerados sintaticamente, alguns verbos que pertenceriam ao conjunto de verbos transitivos prototípicos poderiam desviar-se quanto ao grau em que a

mudança no objeto é física, óbvia, concreta e acessível à observação ou quanto à relação entre a propriedade agentividade e a função sintática sujeito.

Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 52) explicam que em exemplos como “Ela nadou o canal” nota-se que o fato de o falante codificar o evento, utilizando um objeto direto denota a mudança no objeto, apresentado como mais relevante para o evento do que seria em uma referência locativa para o evento de nadar. No exemplo, a colocação do canal como objeto direto enfatiza a conquista de atravessá-lo.

Do ponto de vista da estruturação sintática, observa-se a ordem Sujeito+ verbo+ complemento. Por outro lado, semanticamente, a mudança causada no objeto tem um grau diferenciado do que seria se considerássemos o objeto direto como referência locativa. Na movimentação de sentidos destaca-se o fato de o falante usar a referência locativa para construir o paciente da ação verbal, “o canal”, que, por sua vez, denota por extensão metafórica a conquista da travessia.

Diante destas informações, conclui-se que os desvios podem apresentar-se ao lado do verbo transitivo prototípico em duas situações:

- (i) A transitividade é uma questão de grau, em parte porque a percepção da mudança no objeto é uma questão de grau, e em parte porque depende de mais de uma propriedade.
- (ii) Quando um verbo desviante é codificado sintaticamente como um verbo transitivo prototípico, o usuário da língua interpreta suas propriedades como sendo semelhantes, análogas ao protótipo. Esse fenômeno é conhecido como extensão metafórica. (GIVÓN, 1984 *apud* FURTADO DA CUNHA e SOUZA, 2011, p. 42).

Apreendemos, portanto, que ao lado do verbo transitivo existem desvios que podem ser descritos em termos do grau da mudança do objeto ou ainda por meio do processo de extensão metafórica. Até aqui, os desvios citados estavam relacionados ao objeto direto e/ou paciente da ação. Contudo, também há desvios que envolvem o sujeito do verbo transitivo.

Nesses casos, geralmente, os verbos envolvidos são de cognição, sensação ou volição. Os verbos saber, ver, ouvir, entender e querer são exemplos de verbos que figuram neste conjunto. Tipos como eles denotam objetos sem mudanças observáveis, posto que é o sujeito-experienciador que registra as possíveis mudanças internas e cognitivas.

A extensão metafórica neste contexto se dá pelo fato de o sujeito ser agente ou experienciador, de modo que se configura como humano-animado, e sua importância no evento de fala ser alta o suficiente para ter seu campo perceptual estendido para o objeto. Decorrerá disso que, no evento em questão, o objeto seja interpretado metaforicamente como afetado pela ação verbal. Por exemplo, quando dizemos “Eu entendo seu raciocínio, temos o verbo “entender” registrando entendimento no sujeito que se torna experienciador e não necessariamente no raciocínio do interlocutor que acaba sendo interpretado como objeto afetado através do processo de extensão metafórica.

Para exemplificar os tipos de desvios que figuram ao lado dos verbos transitivos prototípicos, consideramos suficientes os dois exemplos citados sobre as funções sintáticas objeto e sujeito. Isto posto, vejamos a concepção de transitividade de Hopper e Thompson, segundo a apresentação de Furtado da Cunha e Souza (2011).

### **3.2.3 Paul Hopper e Sandra Thompson**

A perspectiva de transitividade que vamos apresentar agora, diferente das duas anteriores, não está apenas ligada às propriedades semânticas mais enfatizadas por Givón, ou às funções sintáticas enfocadas por Chafe. Hopper e Thompson, de certa maneira, englobam e sistematizam fatores de ambas as teorias. Para estes linguistas, a transitividade é uma noção contínua, escalar e não categórica, analisável no contexto de dez parâmetros de transitividade que acabam por englobar fatores referentes ao agente, ao paciente, à perfectividade, bem como às funções sintáticas. Por isso, dissemos que seus raciocínios englobam e sistematizam fatores propostos por Chafe e Givón. Essas informações podem ser ratificadas nos raciocínios de Hopper e Thompson (1980, p. 251) transcritos a seguir:

A transitividade envolve vários componentes, dentre eles, a presença de um objeto para o verbo. Esses componentes estão relacionados à eficácia de uma ação, por exemplo, à pontualidade e finalidade do verbo, a atividade consciente do agente e a referencialidade e grau de afetividade do objeto. Esses componentes co-variam entre si, de língua para língua, o que sugere que a transitividade é uma

propriedade central do uso da língua. A proeminência gramatical e semântica da transitividade parece advir de sua função discursiva característica: a alta transitividade relaciona-se ao que está em primeiro plano e a baixa transitividade ao que está em segundo plano.<sup>8</sup>

Retomamos agora, e com mais ênfase, o que indicamos no início deste capítulo acerca da transitividade vista no sentido da transferência de uma ação, e os elementos nela implicados, e não apenas no trânsito de sentidos e necessidade de complementos. As explicações de Hopper e Thompson sobre transitividade são escalares, uma vez que decorrem de um conjunto de dez parâmetros que focalizam diferentes nuances da transferência da ação. Por exemplo, o quanto a ação comprime as fases de desenvolvimento, indicando pontualidade, o acabamento da ação, a presença de um sujeito agente com intenções de realização ou mesmo o grau de afetamento que a ação que se destaca impõe ao objeto presente.

Ou seja, embora independentes, estes fatores indicam em conjunto o grau de transitividade de um evento linguístico, de modo que a escalaridade desta perspectiva funcionalista está associada a quantos parâmetros de transitividade estão presentes na oração, o que a fará mais ou menos transitiva. Saliente-se que com estas reflexões nos distanciamos da transitividade focada no verbo, segundo explica Matos (2008, p. 57) na citação que segue:

[...] A transitividade é uma questão de grau, de nível. E como tal, pode variar de situação para situação, de usuário para usuário, de texto para texto, pois a mudança de objeto se dá de forma gradiente e depende de mais de uma propriedade. Esta é uma ótica que relativiza o conceito de transitividade, entendendo o papel do verbo como parte do processo de inter-relações com os elementos que participam no texto. Nessa abordagem descreve-se a transitividade como um fenômeno complexo que envolve os componentes sintático, semântico e pragmático.

A transitividade permeia todo constructo oracional, daí o nome do princípio funcionalista que enfatizamos nesta pesquisa. O papel do verbo deixa de ser central e passa a ser constituinte, junto com outros parâmetros de análise transitiva que se inter-relacionam para delimitar o grau de transitividade da oração. Por meio dos parâmetros de transitividade propõe-se o estudo sistematizado de um fenômeno dentro dos componentes linguísticos sintático, semântico e pragmático. Para

---

<sup>8</sup> Trecho traduzido a partir de *Transitivity In Grammar and Discourse* (1980).

adentrarmos ao âmago da proposta de Hopper e Thompson, vejamos a seguir esses dez parâmetros de transitividade colocados pelos linguistas, segundo Furtado da Cunha e Souza (2011, p. 47):

**Quadro 4:** Parâmetros de transitividade

Parâmetros	Transitividade alta	Transitividade baixa
1. Participantes	Dois ou mais	Um
2. Cinese	Ação	Não ação
3. Aspecto do verbo	Perfectivo	Não perfectivo
4. Pontualidade do verbo	Pontual	Não pontual
5. Intencionalidade do sujeito	Intencional	Não intencional
6. Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
7. Modalidade da oração	Modo realis	Modo irrealis
8. Agentividade do sujeito	Agentivo	Não agentivo
9. Afetamento	Afetado	Não afetado
10. Individuação do objeto	Individuado	Não individuado

Fonte: (FURTADO DA CUNHA E SOUZA, 2011, p. 47).

Note-se no quadro acima a gradualidade dos parâmetros que determinaram a alta ou baixa transitividade, em conformidade com o número de parâmetros que o evento expresso pela oração apresentar. Logo, a oração prototipicamente transitiva conterá os dez parâmetros citados. Dediquemo-nos às definições de cada um deles para posteriormente exemplificarmos seu funcionamento através da oração transitiva prototípica. Para Furtado da Cunha e Souza (2011), os dez parâmetros são conceituados do modo como sistematizamos a seguir:

- ✓ **Participantes:** A transferência não pode ser identificada a menos que dois participantes estejam envolvidos. Exemplo: “Cristina culpou Helena”. Em “Os manifestantes conversaram sem chegar a conclusões” não identificamos participantes suficientes para marcação de alta transitividade neste parâmetro.
- ✓ **Cinese:** Do ponto de vista da transferência, é preciso que uma ação esteja sendo codificada em um evento de fala, pois estados não são tidos como transferíveis. Exemplo: “Pedro quebrou a xícara”. Em “Eu soube da nota baixa de Adriana” não identificamos uma ação que afete um objeto para que

possamos identificar transferência. Portanto, temos a marcação de baixa transitividade neste parâmetro.

✓ **Aspecto:** Uma ação que seja observada do seu ponto final, isto é, que apresente conclusão perceptível, denotando perfectividade, apresenta maior potencial de transferência do que uma ação inconclusa. Exemplo: “Eu cortei as verduras e frutas”. Em “Eu estou cortando verduras e frutas” apreende-se uma ação inconclusa, que não indica a mesma possibilidade de transferência, mostrando-se, conseqüentemente, com baixa transitividade no parâmetro assinalado.

✓ **Pontualidade:** Ações que não apresentam uma fase de transição óbvia entre seus pontos inicial e final no processo de transferência têm efeitos mais marcados sobre os pacientes do que aquelas que expressam duração. Exemplo: “Quebrar”. Em “conversar” há mais duração, o que indica um lapso maior de tempo referente à baixa transitividade.

✓ **Intencionalidade:** Quando a ação é apresentada como proposital, o efeito sobre o paciente tende a ser mais aparente. Exemplo: “O segurança indicou a passagem permitida aos convidados”. Em “A placa informava o caminho permitido aos convidados” não identificamos uma intenção na indicação da direção correta, o que indica a baixa transitividade para o parâmetro considerado.

✓ **Polaridade:** Ações que aconteceram, apresentadas como afirmativas, tem possibilidade de transferência, diferente de ações que não se concretizaram ou são apresentadas como negativas. Exemplo: “Eu preferi comer dois pães pequenos”. Em “Eu preferi não comer os pães” a negação interfere na realização da ação, marcando a baixa transitividade.

✓ **Modalidade:** Este parâmetro de transitividade diz respeito ao grau de realidade do evento codificado. Assim, ações que de fato não ocorreram, hipotéticas ou que se realizaram em um mundo não real, são menos eficazes do que a ação cuja ocorrência é tida como real. Exemplo: “Pedro e Euclides viajaram no outono”. A ação é dada como real, de ocorrência asseverada, o que permite postular um alto grau de transitividade. Em “Desligue o ventilador” vê-se a configuração imperativa que não apresenta a ação de desligar, mas uma ordem referente ao desligamento. Portanto, não é possível haver transferência, o que diminui o grau transitivo.

✓ **Agentividade:** Os participantes que têm maior poder agentivo podem efetuar a transferência de uma ação de forma mais eficaz que participantes menos agentivos. Neste caso, retomemos o exemplo citado no quinto parâmetro, a *intencionalidade*: “O segurança indicou a passagem permitida aos convidados”. Em “A placa informava o caminho permitido aos convidados” não temos o mesmo poder de ação ou mesmo persuasão. O segurança agiu sobre os demais participantes, de modo que o *status* de sua ação sobre eles difere de uma placa, que exerce ação mais informativa do que persuasiva ou mesmo imperativa, tendo em vista a posição de autoridade do agente (o segurança).

✓ **Afetamento:** O grau de transferência da ação está diretamente relacionado ao grau de completude do afetamento do paciente. Exemplo: “Eu comi a macarronada” e “Eu comi da macarronada”. O primeiro evento propõe afetamento completo do alimento pelo seu consumo total, enquanto o segundo indica afetamento parcial, isto é, apenas uma parte foi consumida. Respectivamente, temos afetamento completo e parcial, correspondentes, portanto, a alta e baixa transitividades.

✓ **Individuação:** Este parâmetro refere-se tanto à distinção entre agente e paciente quanto à distinção entre o paciente e o fundo no qual se encontra. As propriedades de substantivos individuados são: próprio, humano/animado, concreto, singular, contável e referencial/definido. Os substantivos não individuados são caracterizados pelas propriedades opostas, ou seja, comum, inanimado, abstrato, plural, incontável e não referencial. Matos (2011, p. 54) exemplifica tal parâmetro da seguinte maneira: Em “Eu bebi água do copo” se define quanta água foi bebida, isto é, a quantidade que estava no copo. Já em “Eu bebi alguma água” não ocorre nenhum tipo de definição no que diz respeito à quantidade de água ingerida. No primeiro caso, ocorre individuação referente ao substantivo “água”, o que não se dá na segunda oração constituinte da exemplificação. Em vista disso, temos marcação respectiva de alta transitividade e baixa transitividade para o parâmetro individuação.

Apresentados estes parâmetros de transitividade, desejamos chamar a atenção para os dados do quadro, a fim de ressaltar os níveis de baixa e alta transitividade. Colocamos em apontamentos anteriores que a transitividade é uma propriedade escalar. Assim, quanto mais parâmetros positivos, presentes, dentre os dez citados, o oração apresentar, mais alta será a transitividade. Da mesma forma, a marcação negativa dos parâmetros, denotando ausência, indicará baixa transitividade. Para maior sistematização dos níveis de transitividade, faz-se útil a tabela 2, de Matos (2008, p.76). Vejamos:

**Tabela 2:** Tabela gradiente de transitividade

Quantidade de Critérios	Transitividade
0 a 2	Muito baixa
3 a 4	Baixa
5 a 6	Média
7 a 8	Alta
9 a 10	Muito alta

Fonte: (MATOS, 2008, p.76).

Estão associados na tabela a quantidade de critérios e o nível de transitividade, de maneira que o evento mais prototipicamente transitivo apresentará marcação positiva para 9 a 10 parâmetros. Portanto, possuirá um nível muito alto de transitividade. O evento mais distante do protótipo terá marcação positiva para os números de 0 a 2 parâmetros de transitividade, o que postula a transitividade muito baixa.

Com a ciência dos parâmetros de transitividade e a tabela gradiente, torna-se possível vermos estes dois elementos analíticos a partir de uma exemplificação. Atentemos para o que segue.

Exemplo: “Brigando com a irmã, o pequeno Pedro a derrubou com a bola”. Nesta oração notamos a presença de dois participantes; de um verbo de ação; aspecto perfectivo, posto que se trata de uma ação concluída; o verbo denota ação pontual; o sujeito ( Pedro) teve a intenção de derrubar a irmã; a oração é afirmativa; a ação expressa um evento real e não hipotético; existe um sujeito agente; o objeto (irmã) foi afetado ( a irmã derrubada) e Pedro representa um objeto individuado, uma vez que é um substantivo próprio, referencial, humano e singular. Como todos os parâmetros de transitividade estão presentes, temos o nível de transitividade muito alto, conforme indicado na tabela de Matos (2008), o que mostra que estamos diante de um evento transitivo prototípico.

Feitos estes últimos apontamentos sobre a proposta de Transitividade de Hopper e Thompson, devemos corroborar o breve comentário comparativo de Furtado da Cunha e Souza (2011) acerca dos linguistas funcionalistas citados, apontando-lhes semelhanças e diferenças, mesmo que todos compartilhem

pressupostos como a relação entre forma e função, a maleabilidade e plasticidade da língua ou a defesa de uma Linguística baseada no uso.

Deste modo, as autoras, salientam que, em primeiro lugar, Chafe não possui uma abordagem específica para a transitividade, embora seus estudos tenham se tornado referência para as pesquisas que se detêm sobre a relação entre o verbo e seus complementos nominais.

Quanto à Givón e Hopper e Thompson, as convergências podem ser elencadas pelas seguintes proposições: 1) o estudo da transitividade relacionado aos componentes sintático e semântico; 2) o tratamento gradiente e escalar da transitividade; 3) a utilização da noção de prototipicidade *versus* desvio e 4) a consideração de aspectos comunicativos e cognitivos no contexto da transitividade.

Quanto à divergência existente entre as propostas destes três estudiosos, fica destacado o fato de Givón não configurar seus raciocínios sobre a oração como um todo, concentrando-se no objeto. Ainda que reconheça a influência de fatores oracionais no afetamento do objeto, seu foco é mantido na mudança física perceptível no estado do paciente.

Percebemos, como dito anteriormente, que a proposta de Hopper e Thompson engloba os fatores sintáticos citados com mais ênfase nos estudos de Chafe, bem como o componente semântico patente nas propriedades elencadas por Givón. Ambas as propostas aparecem sistematizadas nos dez parâmetros de transitividade acima apresentados. Diante disso, preferimos a proposta de Hopper e Thompson para o estudo da Transitividade, posto ser a mais abrangente na análise deste fenômeno. Feita esta escolha, nasce das reflexões sobre os dez parâmetros citados a problemática que desejamos explorar nesta pesquisa, e que especificaremos no próximo tópico.

### **3.3 Aspecto verbal: reflexões sobre o princípio funcionalista e a categoria verbal**

Nesta seção, desejamos expor a problemática relativa ao aspecto enquanto categoria e princípio funcionalista, ao mesmo tempo em que deixamos explicada a nossa proposta de ampliação do estudo do parâmetro de transitividade aspecto, dentro do qual consideramos contido o parâmetro pontualidade, como indicaremos

posteriormente. Assim, nossa intenção no momento é destacar a questão teórica que consideramos pertinente. Primeiramente, isolemos abaixo os apontamentos sobre esses parâmetros, segundo explicados há pouco:

- ✓ **Aspecto:** Uma ação que seja observada do seu ponto final, isto é, que apresente conclusão perceptível, denotando perfectividade, apresenta maior potencial de transferência do que uma ação inconclusa. Exemplo: “Eu cortei as verduras e frutas”. Em “Eu estou cortando verduras e frutas” apreende-se uma ação inconclusa, que não indica a mesma possibilidade de transferência, mostrando-se, conseqüentemente, com baixa transitividade no parâmetro assinalado.
- ✓ **Pontualidade:** Ações que não apresentam uma fase de transição óbvia entre seus pontos inicial e final no processo de transferência têm efeitos mais marcados sobre os pacientes do que aquelas que expressam duração. Exemplo: “Quebrar”. Em “conversar” há mais duração, o que indica um lapso maior de tempo referente à baixa transitividade.

Conscientes do que foi explicado por Furtado da Cunha e Souza (2011), quando indicaram a impossibilidade de realizar uma análise de transitividade oracional a partir do isolamento de qualquer um dos dez parâmetros elencados por Hopper e Thompson, salientamos desde já que este empreendimento não busca uma análise do constructo oracional baseada nesses princípios. Eles foram destacados a fim de fazer um questionamento de motivação teórica sobre a maneira como estão configurados. Será que tal configuração é condizente, no português brasileiro, com as características da categoria verbal aspecto, observada em sua principal oposição?

O aspecto é definido por Travaglia (2006) como uma categoria verbal de Tempo (enquanto ideia abstrata), embora não dêitica, que trata da duração de uma situação, seu desenvolvimento ou fases. A principal oposição aspectual, perfectivo e imperfectivo, codifica ações acabadas ou em andamento. Entretanto, ao tratar da proposição de um quadro aspectual para o português brasileiro, Travaglia (2006) levanta questionamentos acerca das noções caracterizadoras de cada um. Embora escolha um quadro de aspectos caracterizados por noções simples, vemos que a caracterização do perfectivo e do imperfectivo não é sempre binária, de maneira que o primeiro indique a noção de acabamento e o segundo inacabamento. Assim, torna-se necessário refletir sobre ela.

Considerando que um conjunto de noções possa estar presente na caracterização dos aspectos perfectivo e imperfectivo, acreditamos ser preciso refletir sobre um parâmetro de transitividade que veja a transferência da ação como mais ou menos transitiva em conformidade com uma noção binária em si mesma questionável, embora útil aos estudos de transitividade até aqui.

Analisando a citação acima, vemos que o aspecto perfectivo é primeiramente colocado como próximo ao perfectivo terminativo, já que a ação perfectiva é considerada em seu ponto final. Depois, percebemos que a noção que norteia a caracterização dos aspectos em questão é o acabamento que, por seu turno, determinará a transitividade como alta em caso de ação acabada. Todavia, há situações em que há tanto acabamento quanto duração, bem como ações completas e inacabadas, o que nos leva a concluir, primeiramente, que o critério em questão, como está configurado, só pode analisar uma das noções aspectuais envolvidas no processo, o acabamento.

Uma dificuldade semelhante ocorre em relação ao critério pontualidade. Vemos que a explicação deste critério aproxima-se da definição de Castilho (1968) para o perfectivo como relativo a ações que têm o início e o fim separados por um lapso pouco significativo de tempo. Assim, observamos a explicação deste critério como relativa à consideração de um perfectivo caracterizado pela pontualidade, o que deve ser analisado com parcimônia, pois mesmo em situações nas quais o aspecto seja perfectivo, não podemos desconsiderar a possibilidade de duração, algumas vezes apenas pressentida, porém presente, como podemos notar nos comentários de Travaglia (2006) sobre o imperfectivo terminativo em Castilho (1968).

Além disso, como poderíamos julgar a pontualidade de uma situação mesclada por duração, inacabamento ou incompletude? Da mesma maneira, mesmo que fosse possível analisar um exemplo segundo o acabamento, como colocar como acabada uma situação que é concomitantemente acabada e incompleta? Diante desses questionamentos, não consideramos os critérios de transitividade oracional destacados como suficientes para um estudo de aspecto verbal associado ao fundamento funcionalista da transitividade. Cogitamos assim uma possibilidade de complementação de tais critérios.

Daí, indicamos como pertinente que o princípio aspecto, em conformidade com a filosofia não discreta do funcionalismo, possa ser mais abrangente para o

tratamento de um fenômeno como a categoria de aspecto verbal e que no interior deste critério já seja observado o critério pontualidade, uma vez que pode ser analisado no âmbito da noção aspectual de mesmo nome.

Diante do exposto, nosso estudo observa a caracterização dos aspectos em questão, perfectivo e imperfectivo, com o intuito de notar as noções que mais prototipicamente estão voltadas para eles. Atente-se para o fato de que os questionamentos que fizemos nesta seção giram em torno de 4 noções: a duração, a pontualidade, o completamento e o acabamento, tal como corroboramos na caracterização do perfectivo e do imperfectivo que podemos apreender a partir das discussões de Travaglia (2006), descritas em 2.2.

Munidos destas noções, temos a oportunidade de estudar o parâmetro funcionalista sob a ótica da caracterização que configuramos, para que a escalaridade ocorra também no interior deste princípio teórico, de modo que ele possa integrar mais eficazmente os demais parâmetros transitivos, respondendo de forma mais completa à nuance da transferência da ação que está incumbido de expressar. No capítulo que segue, exemplificaremos a nossa proposta escalar de análise do critério de transitividade aspecto como uma propriedade gradativa e não apenas binária. Começaremos por esclarecer alguns fatores que se mostraram influentes na configuração de tal proposta.

## **4 ANÁLISE ESCALAR DO CRITÉRIO DE TRANSITIVIDADE ORACIONAL ASPECTO**

O capítulo que segue elenca primeiramente os fatores que influenciam a análise aspectual de dois blocos de 10 exemplos, cada um, retomados da pesquisa de Vanderlei (2014), enquanto bases que exemplificam uma proposta escalar para o critério de transitividade aspecto e que permitem a visualização da influência de uma perspectiva escalar diante de resultados binários. O capítulo é finalizado com um comentário acerca das ideias gerais perceptíveis a partir da observação realizada.

### **4.1 Fatores pertinentes à análise do aspecto em uma sentença**

A consideração de alguns tipos de situação pode guiar o estudo do aspecto em uma sentença por haver a indicação de que algumas combinações de tipos de situação com dadas flexões temporais implicam determinados resultados, desautorizando outros. Esses processos que estão ao redor do estudo aspectual denotam ainda algumas ideias que facilitam a análise em casos problemáticos que muitas vezes geram dúvidas. Por esses motivos, achamos positivo especificar quais dessas ideias nos ajudaram na análise que realizamos.

O primeiro fato que apontamos é o tempo flexional que, embora não determine aspectos, pode fazer parte da constituição de uma ação como perfectiva ou imperfectiva. Por isso, decidimos considerar este fator primeiramente para depois vermos se nossa indicação é corroborada ou desautorizada. Diante deste raciocínio, acrescentamos à nossa observação do tempo flexional as especificações sobre a telicidade do verbo.

Lembramos que o verbo télico é aquele que indica uma situação que necessariamente chega a um final ou se encaminha para um ápice ou clímax, segundo especifica Travaglia (2006). São exemplos desse tipo de verbo “nascer”, “explodir”, “engolir”, entre outros. Por outro lado, os verbos atélicos não indicam um fim necessário para o processo verbal expresso. É o caso dos verbos “cantar”, “correr”, “caminhar”, “andar”, etc.

Para auxiliar a classificação de um verbo como télico ou atélico, Travaglia (2006) diz que as situações télicas não terminam antes de chegarem a um fim

necessário, enquanto nas atéticas é possível enunciar uma frase no pretérito perfeito como verdade, mesmo que a situação expressa pelo verbo não esteja completa. Por exemplo, é possível dizer, sem estranheza, que “João leu”, mesmo que a leitura não tenha sido terminada.

Para os verbos que não são estáticos ou implicam situações que parecem ter duração inerente, como “respirar” e “viver”, Travaglia (2006) afirma que se a perífrase estar + gerúndio do verbo que se deseja investigar **não** implicar o enunciado em questão no pretérito perfeito, identifica-se um verbo télico, enquanto a implicação denotará a atelicidade. Por exemplo, se uma pessoa está saindo, não há implicação do verbo “saiu”, supondo o processo télico. Entretanto, o fato de uma pessoa estar correndo implica que ela correu em alguma medida, o que aponta para um verbo atético.

Em nossa análise, quando estivermos diante de verbos télicos ou atéticos, poderemos já ter indícios da presença ou ausência de noções aspectuais, uma vez que verbos télicos tendem à pontualidade, enquanto os atéticos indicam processos estendidos, isto é, duração.

Ressaltamos a importância da união deste conceito com o pretérito perfeito de um verbo, pois esse tempo flexional sozinho não pode determinar os aspectos pertinentes à dada situação. Assim, se houver um verbo no pretérito perfeito que também seja télico, teremos uma finalização para o processo verbal em questão. Mas, se o verbo, no mesmo tempo flexional, for atético, não teremos um final implicado. Essas combinações permitem que saibamos se a noção de acabamento está ou não presente em uma situação.

Vale notar também que Travaglia (2006) salienta que há casos em que uma situação é enunciada como completa, abstraindo-se o acabamento. Esse tipo de construção é exemplificada pelo pretérito perfeito unido a um verbo atético e nisso, vemos mais uma vez a influência da telicidade na marcação das noções aspectuais como presentes ou ausentes.

Além da telicidade, a possibilidade de propor algumas classificações para a ação verbal pode ratificar a presença de algumas noções. Segundo Travaglia (2006, p.59), é possível classificar as situações expressas pelo verbo como estáticas, quando as fases de desenvolvimento são idênticas, ou como dinâmicas “quando as fases da situação são diferentes”. Se estivermos diante de uma situação estendida, que dura através do tempo, poderemos restringir a classificação e tratar de um

processo, fazendo a especificação de atividade, em conformidade com a presença ou ausência de um agente. Contudo, se houver uma situação dinâmica momentânea ou não estendida, trataremos a ação como um evento. Diante de um agente identificado, poderemos restringir a classificação para um ato.

Por último, explicamos que os conceitos de situação narrada e situação referencial, que expusemos ao tratar da problemática da caracterização do perfectivo e do imperfectivo, não são utilizados, pois não identificamos mais de uma situação nos processos verbais que destacamos.

Assim, vejamos como se configura a análise dos exemplos de Vanderlei (2014), a partir das quatro noções que elencamos antes seguindo Travaglia (2006), ou seja, a duração, a pontualidade, o completamento e o acabamento. Lembramos que a ausência ou presença dessas noções será postulada em conformidade com a atuação desses fatores que citamos nesta seção.

## 4.2 A concepção funcionalista do aspecto na oração diante de uma perspectiva escalar de observação do critério

Em conformidade com o que explicamos no item 4.1, vejamos o primeiro exemplo analisado por Vanderlei (2014), segundo os dez princípios de transitividade oracional propostos por Hopper e Thompson.

- 1) Eu estou caçando um velho que faz três dias que ele **me** deu um bilhete para eu trazer hoje.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+ (-) <sup>9</sup>
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 41).

Considerando o parâmetro positivo (+) para a presença de um critério e negativo para a ausência (-), vemos que o exemplo analisado apresenta 9 critérios positivos e apenas um negativo, relativo à cinese. Neste caso, vale retomar que a transitividade, segundo os pressupostos de Hopper e Thompson, está no âmbito da transferência de uma ação e não no trânsito de sentidos. Portanto, note-se que o ato de “dar” que o agente empreende não tem *status* de ação transferível ou com potencial de afetar um objeto ou outro participante, daí a marcação negativa que indica a ausência do critério cinese.

Conquanto a indicação da ausência de ação sugira a inexistência de um agente, acreditamos que não a implica necessariamente. Com isso, preferimos registrar que a cinese negativa esteja relacionada ao não afetamento do objeto, influenciando a marcação negativa deste critério. Não faremos a mesma indicação

<sup>9</sup> Salientamos que, quando a nossa análise sobre determinado critério de transitividade diferir da de Vanderlei (2014), colocaremos entre parênteses, ao lado da indicação da autora na tabela, o sinal que indica o nosso posicionamento.

para a agentividade, uma vez que é possível identificar um o agente, “ele”, para ação de “dar” que, classificada como ato, como veremos na sequência da análise do exemplo, supõe a existência de um agente.

Devemos esclarecer que os critérios de transitividade são embasados em ações prototípicas. Por isso, podemos falar da ação de “dar”, mesmo que a cinese seja negativa, sem que isso constitua uma contradição. Essa configuração para o verbo justifica-se no fato de “dar” não ser uma ação prototípica como “cortar”, por exemplo, na qual identificamos o potencial prototípico de transferência da ação, bem como a possibilidade de afetamento do objeto.

É importante assinalar que a não ocorrência de uma ação com potencial de afetamento justifica a ausência do critério de mesmo nome, bem como a sua consequente marcação negativa. Ressalte-se, por conseguinte, uma retificação para a marcação positiva deste critério na tabela acima.

Com isso em mente e seguindo a tabela 2 citada, a Tabela Gradiente de Transitividade de Matos (2008), a análise de Vanderlei (2014) classifica o exemplo 1 como de alta transitividade, posto que 8 critérios são marcados como presentes.

De acordo com o nosso objetivo de observar de modo escalar o critério de transitividade aspecto, o dissociaremos dos dez outros citados para efeito de análise. Destacaremos também o critério pontualidade, que pertenceria ao mesmo traço transitivo, uma vez que é uma noção aspectual.

Com isso, no exemplo 1, temos a marcação positiva para a presença dos parâmetros de transitividade aspecto e pontualidade. Como o critério aspecto postula que a ação conclusa, por apresentar maior potencial de transferência, é mais transitiva, o verbo considerado denota marcação positiva para a transitividade. Entendemos que Vanderlei (2014) analisa a ação expressa como conclusa do ponto de vista de seu completamento, além de não desautorizar que seja vista como sinônima de acabada, o que supõe o ponto de vista da realização da ação. Com suas observações, estaremos no âmbito mais geral da perfectividade, tida como mais transitiva.

A mesma autora considera não haver lapsos significativos de duração nos processos verbais, de modo que podemos vê-los como pontuais. Como as ações com esta característica são mais facilmente transferíveis, o critério de transitividade pontualidade também foi marcado como presente.

Pode-se perceber que o aspecto, para a conceituação de transitividade de Hopper e Thompson, está no contexto do acabamento e do completamento da situação, ambos com sentidos bastante parecidos e em emprego binário. A pontualidade não é tratada no interior do aspecto, contudo, como princípio separado.

Para configurar uma análise escalar do aspecto, sugerimos julgá-lo a partir das quatro noções que vimos envolvidas na problemática da caracterização do perfectivo e do imperfectivo, a saber, a duração, a pontualidade, o completamento e o acabamento. Para isso, vamos rever o exemplo 1<sup>10</sup>:

1') Eu estou caçando um velho que faz três dias que ele me<sup>11</sup> **deu** um bilhete para eu trazer hoje.

Gramaticalmente, tendemos a concordar com a análise do exemplo como perfectivo, já que se vê a flexão temporal indicativa do pretérito perfeito, comumente associado à perfectividade e à pontualidade. O teste de telicidade sugere um resultado semelhante, uma vez que o enunciado “Ele está me dando um bilhete”, no qual identificamos a perífrase está + o verbo “dar” no gerúndio, não implica que o bilhete em questão tenha sido efetivamente dado ou, em outras palavras, não implica o verbo “dar” no pretérito perfeito. Diante disso, podemos encarar o processo verbal como télico, isto é, tende a um fim necessário, como é pertinente às situações com o aspecto perfectivo. Como os verbos télicos apresentam as situações como pontuais, confirma-se a tendência à pontualidade.

Por não haver estados pontuais, a situação expressa em “dar” é dinâmica, embora as fases sejam sentidas como coincidentes em decorrência da pontualidade. Enquanto situação dinâmica não estendida, ou seja, momentânea, pode ser identificada como evento e não processo. Saliente-se que a marcação de presente para o critério de agentividade permite ainda restringir a análise do evento para um ato.

Quanto à noção de completamento, podemos indicar a apresentação da situação como completa, isto é, um todo no qual o começo, o meio e o fim mostram-se juntos. A ação perfectiva unida à telicidade do verbo ratifica esta informação,

<sup>10</sup> Indicaremos por apóstrofo (') os exemplos analisados segundo a nossa proposta escalar de análise do critério aspecto.

<sup>11</sup> Registre-se que, ao retomarmos os exemplos de Vanderlei (2014) segundo nossa proposta de análise, retiramos o negrito que marcava o pronome para favorecer os destaques que preferimos.

assim como indica o acabamento, uma vez que o perfectivo de uma ação télica implica que um ponto final foi alcançado na ação expressa.

Tendo em vista o fato de haver apenas uma situação em questão no verbo que destacamos, não precisamos retomar os conceitos de situação narrada e situação referencial para a interpretação de 1', e confirmamos a análise de Vanderlei (2014) para os critérios aspecto e pontualidade.

Mesmo atestando o resultado relativo à perfectividade, tendo em vista a marcação positiva dos parâmetros aspecto e pontualidade, desejamos estar atentos ao método que o antecede, isto é, a teoria binária de Hopper e Thompson, utilizada na análise de Vanderlei (2014). Na referida pesquisa, o aspecto e a pontualidade foram vistos em termos de completamento e não completamento (sinônimos de acabamento e não acabamento) e pontual e durativo, respectivamente.

A nossa proposta instaura-se como uma ação anterior à que postula se o que está em jogo é a perfectividade ou a imperfectividade, na medida em que primeiro consideramos as noções aspectuais mais notórias no que tange à classificação do perfectivo e do imperfectivo.

Os apontamentos sobre a telicidade, os processos, as situações narrada e referencial, etc., feitos no comentário sobre a análise de Vanderlei (2014) dos critérios aspecto e pontualidade no exemplo 1, já embasaram a classificação interna e escalar que se segue. Sendo assim, vamos marcar parâmetros positivo ou negativo para as noções de duração, pontualidade, completamento e acabamento em 1', a fim de estabelecer quais delas tendem a ser mais proeminentes no exemplo.

Primeiramente, marcamos o parâmetro positivo (+) para a pontualidade, em decorrência dos seguintes fatores: telicidade verbal; identificação da ação como um todo; identificação do constructo verbal como um evento (e mais especificamente ato); e presença de marcas gramaticais de pontualidade como o tempo flexional pretérito perfeito. Conseqüentemente, a duração tem marcação negativa (-), posto que 1' é mais pontual do que durativo.

Para o completamento e o acabamento, também retomaremos os mesmos fatores de classificação. Desta maneira, vê-se uma situação completa e acabada. A expressão em destaque em 1' é apresentada pelo falante como um todo indivisível, visto que a ação não aparece em seu decorrer ou fases. Por conseguinte, o completamento tem marcação positiva (+).

O acabamento, por sua vez, possui marcas gramaticais que o respaldam, além de a telicidade do verbo indicar que a situação tende a um fim necessário, motivo que permite tratar de acabamento em 1'. Portanto, marcamos parâmetro positivo para o acabamento (+). Estas conclusões sobre as quatro noções ficam esquematizadas do seguinte modo:

**Esquema 1:** Noções aspectuais para o exemplo 1'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	-	-
Pontualidade	+	+
Completamento	+	+
Acabamento	+	+

Fonte: Própria autora.

A partir do quadro 1, temos a marcação negativa (-) para a duração, e marcação positiva (+) para as noções de pontualidade, acabamento e completamento. Munidos desta análise prévia, podemos observar que a ação em 1' é mais pontual, conclusa e acabada do que durativa. Diante disso, podemos buscar o conjunto binário perfectivo e imperfectivo e ressaltar a tendência do exemplo ao aspecto perfectivo.

Sendo as ações mais facilmente transferíveis aquelas mais perfectivas, no quadro geral dos dez critérios de transitividade, o critério aspecto apresenta-se com parâmetro (+), isto é, presente, tal como o traço de pontualidade, incluso no conjunto das noções aspectuais.

Assim como nos propusemos a analisar o critério aspecto de maneira escalar, no conjunto dos dez critérios utilizados por Vanderlei (2014), também desejamos submeter a nossa proposta não binária de observação do critério aspecto à gradiência de transitividade, configurada em níveis na tabela de Matos (2008) e retomada por Vanderlei (2014) no fechamento da análise de cada enunciado que destacou. Neste intento, indicamos o nível de transitividade para o trabalho escalar com o critério aspecto em conformidade com a atuação ou presença das noções aspectuais com as quais estamos lidando.

Porém, precisamos fazer uma ressalva antes de prosseguir. Vemos que a tabela de Matos (2008) indica o nível de transitividade de acordo com a quantidade de critérios presentes, indicados pela marcação positiva (+). Em nossa proposta, o mesmo não pode ocorrer. Note-se que mesmo que a noção de duração seja marcada como presente, não poderia ser contada em um padrão que indicasse mais transitividade, porque exprime ações com menos potencial de transferência, por isso, menos transitivas.

Observe-se que a nossa análise em 2', a seguir, marca a duração e o completamento como presentes. Poderíamos, contudo, indicar algum nível de transitividade, com base na marcação positiva destes critérios, conscientes de que um deles, a duração, é conflitante com o conceito de ação transitiva? Devemos esclarecer que em 2', a marcação positiva para a duração não pode ser contada como algo que concorre para a transitividade, como se dá com os critérios de Hopper e Thompson que, marcados positivamente, logo como presentes, indicam maior nível de transitividade na tabela de Matos (2008). Diante disso, a noção de duração só pode ser contada como parâmetro que concorre para a transitividade quando marcada como ausente, negativa. Feita esta ressalva, a nossa tabela gradiente de transitividade configura-se do seguinte modo:

**Tabela 3:** Tabela gradiente de transitividade para o critério aspecto

Quantidade de Noções	Transitividade
1	Baixa
2	Média
3	Alta
4	Muito alta

Fonte: Própria autora.

Segundo pontuamos, no quadro de noções aspectuais de 1' estão presentes 3 noções aspectuais, a saber, a pontualidade, o completamento e o acabamento, o que indicaria que a ação tende ao perfectivo e é, portanto, mais transferível e, conseqüentemente, mais transitiva. Na tabela gradiente de transitividade para o aspecto, o nível seria de alta transitividade.

Vele lembrar que a marcação negativa (-) para a duração, também concorre para a transitividade. Em decorrência disso, as quatro noções mostram que a ação é mais perfectiva, transferível e, por conseguinte, mais transitiva. Assim, conclui-se para 1' que o nível de transitividade é muito alto para o critério aspecto especificamente.

Salientamos que a nossa análise do aspecto chegou a resultados semelhantes aos de Vanderlei (2014), visto que confirmamos a tendência perfectiva do exemplo em questão. No que se refere à tabela gradiente de transitividade de Matos (2008), a marcação positiva dos critérios aspecto e pontualidade confirma o nível de transitividade. Considerando a retificação relativa ao afetamento, temos ainda 8 critérios de transitividade presentes, o que confirma a marcação deste fenômeno em nível alto, como na proposta de Vanderlei (2014).

Não convém comparar o resultado de transitividade muito alta da tabela gradiente de transitividade para o aspecto com o resultado de transitividade alta da tabela gradiente de Matos (2008), já que a tabela deste pesquisador tem essa conclusão baseada em 10 critérios, enquanto a nossa tem os resultados baseados em um deles, o aspecto, buscando propor a reavaliação de uma metodologia apenas binária de sua análise e interpretação.

Acreditamos assim que, para 1', a nossa proposta não diverge do resultado final de uma análise pautada na teoria de Hopper e Thompson, que também seria a perfectividade. Então, qual é a vantagem desta proposição mais detalhada de análise transitiva? Chegar às conclusões considerando todas as noções que estão em jogo na caracterização do perfectivo e do imperfectivo, estabelecendo a dimensão da ação de cada uma, de modo a listar as mais patentes, observando se tendem ao aspecto perfectivo ou imperfectivo e, conseqüentemente, aos níveis mais alto ou mais baixo de transitividade. Eis a maneira de propor escalaridade interna para o estudo do critério aspecto.

Isto posto, vejamos como se configura uma análise escalar para o aspecto a partir do exemplo 2 de Vanderlei (2014):

2) Eu lhe fiz um bem e você **me** fez mal.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+ (-)
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 41).

No exemplo 2, a configuração da transitividade de Vanderlei (2014) é semelhante à que encontramos para o exemplo 1. Dentre os dez critérios de transitividade considerados, 9 têm parâmetro positivo para a transitividade. A exceção, mais uma vez, ocorre no critério cinese, visto que não fica evidente que a ação empreendida tenha *status* de ação transferível. Assim, em 2, o verbo “fazer” não expressa ação da mesma maneira que verbos como “empurrar” em “Eu empurrei o carro” (MATOS, 2010, p. 52), por exemplo. Com 9 critérios de transitividade marcados positivamente, o exemplo 2 atingiria um nível muito alto de transitividade.

Contudo, neste exemplo, optamos pelo mesmo raciocínio que apresentamos em 1 sobre o afetamento, de modo que não marcamos este critério como presente, tendo em vista que a cinese negativa tende a restringir o afetamento. Além disso, não é possível apontar no exemplo uma modificação que materialize o afetamento de maneira que seja identificável para uma análise, o que decorre também do fato de não estar em questão uma ação prototípica, tal como “quebrar”, por exemplo.

Assim como no exemplo 1, preferimos em 2 desconsiderar o possível raciocínio de que a agentividade é ausente, em virtude da cinese ter o mesmo *status*. Tal posição justifica-se por podermos identificar um agente, “você”, bem como por ficar mais patente a influência da cinese sobre o critério afetamento. Essas indicações mudam o nível de transitividade citado para alto e não mais muito alto, pois apenas 8 critérios são marcados como presentes.

Já na análise dos critérios aspecto e pontualidade, nota-se que ambos são marcados positivamente, segundo a perspectiva binária ambientada no

completamento e no acabamento. Retomemos o exemplo 2 para ver como estão sistematizadas as noções aspectuais que antecedem as proposições de perfectividade ou imperfectividade:

2') Eu lhe fiz um bem e você me **fez** mal.

Em primeiro lugar, indicamos o tempo flexional pretérito perfeito como aquele que marca em geral as situações completas, bem como as ocorridas de forma momentânea. Esse fator confirma, *a priori*, a marcação positiva de Vanderlei (2014) para os critérios aspecto e pontualidade.

Contudo, ao analisarmos a telicidade no exemplo, encontramos um resultado diferente. O teste de telicidade indicaria a oração gerundiva “Eu estou lhe fazendo um bem e você me fez um mal”. Sabemos que o resultado télico depende da primeira oração gerundiva não implicar outra oração com o mesmo verbo no pretérito perfeito. Entretanto, o fato de o indivíduo estar fazendo um bem não implicar que o tenha feito seria contraditório, motivo pelo qual não temos telicidade. Por outro lado, estar fazendo um bem implica a realização da boa ação em alguma medida, o que supõe a atelicidade do verbo.

Estamos diante de uma marca gramatical de pretérito perfeito que expressa em geral a perfectividade e a pontualidade, geralmente associadas ao evento télico. Todavia, o verbo “fazer”, segundo o teste, apresenta-se atélico, portanto, nos remete à duração.

Para a situação acima descrita, na qual “fez” é perfectivo do verbo atélico “fazer”, Travaglia (2006, p. 58) salienta que “não existe implicação de que algum ponto final tenha sido alcançado”. Com este raciocínio, o perfectivo + verbo télico indica que a situação acabou. Porém, o mesmo não é verdadeiro para a situação em que estão associados perfectivo + verbo atélico. Essa tendência à duração também pode ser confirmada quando consideramos “fazer” como uma situação dinâmica, do tipo processo, e mais especificamente como atividade, tendo em vista a presença de um agente.

Continuamos até aqui com a presença de fatores que indicam perfectividade e imperfectividade. Vale salientar, todavia, que o fato de a situação ser apresentada como completa faz parte dos casos em que a língua faz abstração da oposição acabado e não acabado por não marcar a situação para nenhum dos aspectos

constituintes deste par opositivo. Neste conjunto de casos, Travaglia (2006) localiza verbos atélicos no pretérito perfeito do indicativo, como vemos em 2'. Poderíamos cogitar que a abstração da oposição acabado e não acabado está relacionada à atelicidade presente. Do exposto, nota-se o aspecto completo, bem como nuances de duração decorrentes de atelicidade.

No entanto, Travaglia (2006) estabelece casos em que há conclusão e duração, em detrimento da pontualidade por vezes associada a esta primeira noção. Segundo o autor, o perfectivo parece estar mais naturalmente ligado à pontualidade por apresentar a situação como completa. Mesmo que isso seja verdadeiro, a realidade maior é a possibilidade de que as formas perfectivas façam abstração da duração mais do que apresentem a situação como pontual, segundo indicam exemplos como “**Procurei, procurei**, mas não encontrei meu livro” (TRAVAGLIA, 2006, p. 97). Com esta possibilidade de encontrar o perfectivo e o durativo para a mesma situação, se faz desnecessário postular duas situações, a narrada e a referencial.

Em resumo, para determinarmos os aspectos presentes em 2', devemos considerar que a situação é apresentada como completa; que a duração presente é abstraída, mais do que se faz referência à pontualidade; e que não ocorre marcação para o acabamento. Quanto ao conjunto de noções que determinam a escalaridade para o critério aspecto, concluímos que a duração tem marcação positiva (+), embora seja abstraída; que a pontualidade aquiesce frente à duração, tendo, portanto, marcação negativa (-); que o completamento tem marcação positiva (+) já que a situação é apresentada como um todo indivisível e que o acabamento tem marcação negativa (-), uma vez que se trata de um verbo atélico no pretérito perfeito, caso em que a língua faz abstração da oposição acabado e não acabado. Estes dados podem ser sistematizados da seguinte maneira:

**Esquema 2: Noções aspectuais para o exemplo 2'**

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	+	-
Pontualidade	-	-
Completamento	+	+
Acabamento	-	-

Fonte: Própria autora.

Com duas noções aspectuais marcadas positivamente, duração e completamento, e duas noções marcadas negativamente, a pontualidade e o acabamento, podemos notar que há tanto perfectividade quanto imperfectividade em 2'. Mesmo assim, a imperfectividade prevalece, posto que a marcação da pontualidade e do acabamento como ausentes associa-se à presença de duração. Com isso, das 4 noções que observamos, apenas uma, o completamento, remete à ação perfectiva.

Segundo a tabela gradiente de transitividade para o aspecto que propusemos, o nível de transitividade é baixo, pois, das 4 noções consideradas, apenas o completamento concorre para a transitividade, em detrimento das demais que indicam o aspecto imperfectivo.

Em suma, a imperfectividade mostra que a ação é menos acabada, motivo pelo qual é menos transferível e conseqüentemente menos transitiva. Essa análise é incompatível com o que Vanderlei (2014) propõe para o critério aspecto, marcado positivamente, ou seja, mais perfectivo e, por isso, com uma ação que seria mais facilmente transferível e transitiva.

O mesmo ocorre com a pontualidade que, marcada positivamente por Vanderlei (2014), aparece com marcação negativa em nossa análise, visto que temos um caso de duração abstraída, em vez de pontualidade real. Diante do fato de chegarmos a conclusões diferentes das de Vanderlei (2014) quanto a ambos os critérios que a estudiosa analisa, concluímos que o critério aspecto, neste caso, não pode ser classificado somente de modo binário.

Considerando a retificação que fizemos para o critério afetamento, 8 critérios estariam presentes no estudo da transitividade do exemplo 2. Entretanto, com a baixa transitividade para o critério aspecto, o que implica o mesmo resultado para a

pontualidade, restam 6 critérios positivos para a transitividade e não mais os 8 citados. Segundo a tabela gradiente de transitividade de Matos (2008), o nível de transitividade sofre alteração de alto para médio.

Isto posto, vejamos o exemplo 3 de Vanderlei (2014):

3) E ela **me** fez todo afago pensando que eu fosse o marido dela.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 42).

O exemplo 3 apresenta a marcação positiva para 8 dos dez critérios de transitividade. Apenas a cinese e o afetamento do objeto têm parâmetro negativo (-). Para a marcação negativa da cinese, que seja considerada a mesma explicação dada em 2'.

O afetamento do objeto, por seu turno, recebe marcação negativa por não haver em 3 qualquer mudança física no paciente, tendo em vista não estar em questão uma ação que possibilitasse uma mudança mínima, já que se pode supor que o afago citado, provavelmente, não poderia ter esta função. Seguiremos em 3 o mesmo raciocínio de restringir a ação da cinese ao afetamento, concordando com a presença de agentividade, comprovada pela identificação do agente, “ela”, que é confirmada pelo registro da situação como atividade. Tendo 8 critérios marcados positivamente, o exemplo 3 tem alto nível de transitividade, seguindo Matos (2008).

No que diz respeito à análise que propomos para o critério de transitividade aspecto, os resultados são muito semelhantes aos que obtivemos em 2', tendo em vista tratar-se do mesmo verbo. Vamos repetir o exemplo:

3') E ela me **fez** todo afago pensando que eu fosse o marido dela.

Note-se que o tempo flexional é o mesmo que figura em 2'. Daí o fato de estar implicada a tendência ao completamento, decorrente da marca gramatical. Também aqui a tendência à perfectividade proveniente do completamento é contrariada pela atelicidade do verbo "fazer", segundo testamos antes. Acresce ainda o fato de a associação de um verbo atélico ao pretérito perfeito não indicar o acabamento como necessário para uma situação. Nesse contexto, vimos os casos em que a língua faz abstração da oposição acabado e não acabado, de maneira que a noção de acabamento não pode ser analisada.

Quanto à pontualidade, foram citados em 2' os casos em que a língua associa o completamento do perfectivo à duração, preterindo a pontualidade. A duração existe, embora abstraída, e se torna mais real do que a apresentação da situação como pontual. As noções aspectuais têm para 3' a mesma marcação que tiveram para 2' e pelos mesmos motivos. Por conseguinte, temos a seguinte marcação: duração (+); pontualidade (-); completamento (+) e acabamento (-). O esquema aspectual se constitui o mesmo do exemplo anterior:

### Esquema 3: Noções aspectuais para o exemplo 3'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	+	-
Pontualidade	-	-
Completamento	+	+
Acabamento	-	-

Fonte: Própria autora.

Diante do quadro acima, o nível de transitividade do critério aspecto apresenta-se baixo, uma vez que apenas um critério, o completamento, concorre para que ação seja mais acabada, por isso, transferível e mais transitiva.

A partir destes apontamentos, apreende-se uma divergência em relação à marcação de Vanderlei (2014) que calcula que o aspecto e a pontualidade estão presentes no exemplo 3, que é mais um caso no qual a análise binária do aspecto não se mostra suficiente.

Com a marcação de ausente para a pontualidade e o aspecto, os 8 critérios anteriormente listados reduzem-se para 6, modificando o nível de transitividade na tabela gradiente de transitividade de Matos (2008) de alto para médio, assim como se deu em 2'.

Vejamos o que nos reserva o exemplo 4 de Vanderlei (2014):

4) Dormiu. Mas ele não me tocou.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	+
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	-
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 42).

Atente-se para a segunda oração do exemplo. São 8 os critérios que marcam a transitividade no exemplo analisado por Vanderlei (2014), com exceção para os critérios polaridade e afetamento do objeto. Diferente dos trechos que vimos antes, este tem cinesia positiva (+), expressando a ação de “tocar”. Porém, embora exista uma ação passível de ser transferida, ela é negada.

As ações não ocorridas não podem ser transferidas, de maneira que denotam polaridade negativa (-), indicando a diminuição no nível de transitividade. Além disso, a negação também expressou o não afetamento do paciente, posto que se invalidou a possibilidade de mudança física no objeto. Decorre daí a menor transitividade para a oração quanto a este critério. Ainda assim, os 8 critérios positivos revelam alta transitividade na tabela gradiente de Matos (2008). Repetindo o exemplo 4, observemos como se comportam estes resultados, diante de uma visão escalar sobre o critério aspecto.

#### 4') Dormiu. Mas ele não me **tocou**.

Assim como Vanderlei (2014), concentremo-nos na segunda oração, enfatizando o verbo “tocou”.

Primeiramente, verificamos que o tempo flexional é o pretérito perfeito, que tende aos contextos perfectivos, assim como à telicidade. Vejamos se a observação da telicidade corrobora essa tendência ao perfectivo. Para 4', o teste de telicidade afirma que uma oração como “Ela está tocando no sapato sujo” implica a oração “Ela tocou no sapato sujo”, no sentido de que houve toque, ainda que a ação de tocar não esteja finalizada. Por isso, vemos que o verbo em análise é atélico. Em outras palavras, a utilização do verbo “tocar” no pretérito perfeito não se torna inadequada, mesmo que o final da ação não tenha sido atingido, segundo nota-se na oração gerundiva. Esse tipo de verbo indica que a situação é mais durativa, portanto, menos pontual, posto que não haveria coincidência das fases.

Como é possível identificar fases não homogêneas, a situação é dinâmica, do tipo processo. Além disso, a indicação do agente “ele”, afirmada na marcação positiva para a agentividade, permite restringir a análise de processo para uma atividade. Note-se que a observação do exemplo parece denotar pontualidade, mesmo neste contexto durativo. Justificamos essa impressão pelo fato de ser maior a realidade de situações com duração abstraída do que aquelas que são de fato

pontuais. Ressalte-se, portanto, que o exemplo tem marcação positiva para a duração e negativa para a pontualidade.

Poder-se-ia argumentar a inexistência do processo, posto que se vê uma oração com polaridade ausente, isto é, a ação expressa foi negada. Contudo, ele foi enunciado como existente, o que é ratificado pela cinesa que está marcada positivamente. Isso não significa dizer que a negação é desconsiderada, já que ficou registrada na polaridade negativa.

Vale salientar que, mesmo durativa, a situação é enunciada como completa, pois é apresentada “como um todo único, inalisável, com começo meio e fim englobados juntos”. (TRAVAGLIA, 2006, p. 77). Além disso, o verbo atético, unido à ação perfectiva, não aponta para o fim necessário da situação, no que podemos notar mais um caso em que a língua faz abstração da oposição acabado e inacabado e permite que a situação seja apresentada como completa, mesmo que não esteja acabada. Apreenda-se, por conseguinte, as marcações positiva e negativa para o completamento e o acabamento, respectivamente.

Como só temos uma situação em jogo, não precisamos nos remeter aos conceitos de situação narrada e situação referencial para atentarmos para a atuação das noções aspectuais em 4’.

A partir destas conclusões, as 4 noções que propusemos para a análise escalar do critério aspecto podem ser marcadas da seguinte maneira: a duração tem marcação positiva (+) por se tratar de uma oração que apresenta um verbo atético, isto é, indica uma situação sem um fim necessário. Além disso, a situação dinâmica é um processo, caracterizado especificamente como uma atividade; com estas indicações de duração, mesmo que abstraída, apontamos para a consequente marcação negativa (-) para a pontualidade; como estamos diante de uma situação apresentada como um todo, o completamento, por sua vez, tem marcação positiva (+); por último, o acabamento tem marcação negativa (-), posto que o exemplo traz um verbo atético, acrescido de um pretérito perfeito, situação em que não há indicação de um fim necessário para a ação considerada. A esquematização dessas informações configura-se a seguir:

**Esquema 4: Noções aspectuais para o exemplo 4'**

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	+	-
Pontualidade	-	-
Completamento	+	+
Acabamento	-	-

Fonte: Própria autora.

O quadro indica que, analisado de maneira escalar através das 4 noções citadas, o critério aspecto pode ser marcado negativamente, divergindo da análise de Vanderlei (2014). Sendo a ação mais imperfeita, é também menos passível de transferência. Portanto, a transitividade é menor.

Salientamos que a noção de pontualidade foi marcada negativamente, autorizando que se faça o mesmo com o critério correspondente, no que vamos mais uma vez de encontro às proposições de Vanderlei (2014).

Segundo a tabela gradiente de transitividade para o critério aspecto, apenas uma noção está concorrendo para a transitividade, o completamento, o que indica o nível baixo para tal fundamento funcionalista.

Como nossa análise não binária do aspecto não corrobora a de Vanderlei (2014), os dados relativos à tabela gradiente de transitividade de Matos (2008) caem dos 8 critérios, indicativos do alto nível de transitividade, para 6, de modo que temos o nível médio para o exemplo 4'.

A seguir, veremos como analisar o exemplo 5 a partir da perspectiva de escalaridade interna para o critério aspecto. Retomemos o exemplo de Vanderlei (2014):

5) Ô Fulana, você **me** prepare uma roupa que eu vou à missa da Serra do Sino.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	+ (-)
3. Aspecto do verbo	-
4. Pontualidade do verbo	-
5. Intencionalidade do Sujeito	-
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+ (-)
8. Agentividade do sujeito	-
9. Afetamento do objeto	+ (-)
10. Individuação do objeto	-

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 42).

O exemplo referido possui 4 critérios de transitividade marcados positivamente e o mesmo número marcados negativamente. Esta análise de critérios implicaria um nível médio de transitividade na tabela de Matos (2008). Entretanto, em decorrência da influência do modo imperativo na exemplificação 5, convém revermos inicialmente 3 critérios indicados como presentes na análise de Vanderlei (2014). Assim, devemos começar pela necessidade de marcar o critério modalidade da oração como ausente, posto que não se trata do modo indicativo.

Em segundo lugar, consideremos a cinese. Se observarmos, por exemplo, o verbo “preparar”, notaremos que no contexto imperativo existe uma ideia de futuro, que implica a inexistência da ação pedida ou ordenada na enunciação. Assim, embora se mencione “preparar” no enunciado, nada relativo à preparação em si mesma ocorreu. Diante disso, não é possível identificar uma intenção no preparo de algo, para que seja afirmada a existência de uma ação passível de transferência, tendo em vista o fato de ocorrer intencionalmente. Desta forma, sugerimos que a cinese seja marcada como ausente.

Devemos salientar em acréscimo que, em não havendo uma ação, não podemos indicar que algum objeto afetado foi expresso, o que implica a ausência do afetamento também. Dessarte, dos cinco critérios colocados como presentes restaram os participantes e a polaridade. Em vista disso, apenas 2 critérios de transitividade aparecem efetivamente. Na tabela de transitividade de Matos (2008) esse número de critérios indica um nível muito baixo de transitividade.

Dadas estas explicações, assinalamos, por outro lado, a adequação da análise de Vanderlei (2014) quanto aos demais critérios de transitividade, dentre eles, o aspecto e a pontualidade. No contexto de uma oração imperativa, não é possível a atualização aspectual<sup>12</sup>. Segundo Travaglia (2006), as flexões verbais do imperativo estão essencialmente relacionadas à modalidade que é um fator de restrição da atualização do aspecto, já que no contexto em que se expressa dada atitude do falante com relação àquilo que enuncia, a análise da duração de uma situação ou suas fases ficaria prejudicada.

Além disso, embora a oração imperativa seja enunciada em tempo presente, a sua realização, se ocorrer, será no futuro, tempo este que também restringe a atualização do aspecto, posto que não é possível analisar as fases ou a duração de um evento não ocorrido. Conclui-se, a partir da modalidade e do tempo futuro, relacionados ao modo imperativo, que não há atualização aspectual em 5. Por conseguinte, consideradas as retificações que fizemos, os critérios de transitividade presentes em 5 são apenas 2 e o nível de transitividade continua muito baixo.

Veremos que a situação que descrevemos em 5 assemelha-se à que ocorre no exemplo 6, transcrito a seguir:

---

<sup>12</sup> Em contextos de modo imperativo, a atualização do aspecto pode acontecer em situações específicas, a partir do auxílio de recursos de expressão. Travaglia (2006, p. 140) cita o exemplo “**Esteja trabalhando** quando eu chegar aí ou você verá uma coisa!”. Segundo o autor, estão presentes os aspectos imperfectivo, não acabado, cursivo e durativo, marcados por ação da perífrase.

6) Mande a dona da casa **me** dar um copo d'água que eu estou morrendo de sede.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	-
4. Pontualidade do verbo	+ (-)
5. Intencionalidade do Sujeito	+ (-)
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+ (-)
8. Agentividade do sujeito	+ (-)
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 42).

Na análise de Vanderlei (2014), 7 critérios são marcados como presentes, indicando alto nível de transitividade na tabela de gradiência transitiva de Matos (2008). Tendo em vista que mais uma vez o exemplo apresenta modo imperativo, sugerimos algumas alterações para tal análise transitiva. Começamos pela marcação de ausente no critério modalidade da oração, em virtude da atuação do modo imperativo que impede a necessidade de situação real, pertinente à presença deste critério. Igualmente, não é possível discernir intenções relacionadas ao processo de “dar”, pois se trata de uma situação que ainda não ocorreu, uma vez que o exemplo está no tempo futuro, implícito em situações imperativas.

Diante da impossibilidade de identificar intenções, o critério intencionalidade está ausente no exemplo 6. Por último, sugerimos que a agentividade tenha a mesma marcação de ausente que identificamos, já que o sujeito não pode se constituir agente de uma ação que ainda está no contexto da possibilidade de ocorrência.

Por sua vez, a pontualidade, que é uma noção aspectual, deve acompanhar a marcação negativa que o aspecto recebe, mostrando que ambos estão ausentes, enquanto critérios que concorrem para a transitividade. As razões que justificam a ausência de ambos os critérios são as mesmas que citamos em 5 para explicar a não atualização do aspecto em orações com modo imperativo.

Conclui-se que a análise de transitividade baseada em dez critérios tem 3 critérios presentes no exemplo 6, o que supõe a baixa transitividade na tabela gradiente de transitividade de Matos (2008), e não é questionado pela nossa análise

escalar do aspecto, posto que não ocorre atualização aspectual no exemplo referido. Com isso, vamos à análise da sétima exemplificação.

7) Ô meu filho, comadre fada **me** disse que nessa viagem você ia ser muito feliz.

Crítérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 43).

Na análise de Vanderlei (2014), 8 critérios de transitividade são marcados como presentes, mostrando alto nível de transitividade na tabela de Matos (2008). Os dois critérios marcados negativamente são a cinese e o afetamento, pois a ação de “dizer” não expressa uma ação prototipicamente transferível para outro participante, como faria a ação expressa pelo verbo “rasgar”, por exemplo. Consequentemente, não possibilita o afetamento prototípico do objeto, de modo que este critério também é tido como ausente.

Vê-se que os critérios aspecto e pontualidade estão presentes na análise de Vanderlei (2014). Observaremos em seguida se a nossa proposta escalar supõe os mesmos resultados para tais traços de transitividade. Começemos por repetir 7:

7') Ô meu filho, comadre fada me **disse** que nessa viagem você ia ser muito feliz.

Podemos assinalar antes de tudo que o verbo em destaque está no pretérito perfeito e que este tempo flexional em geral está relacionado às situações perfectivas. Por outro lado, a análise da telicidade do verbo não está direcionada para o mesmo raciocínio, tal como podemos perceber ao testar a telicidade através da perífrase estar + gerúndio.

Segundo esse teste, um enunciado como “comadre fada está dizendo que nessa viagem ia ser muito feliz” implica a verdade da afirmação de que algo foi dito, ainda que o enunciado não tenha sido completado em decorrência de uma eventual interrupção, segundo a ideia de duração associada ao gerúndio pode fazer transparecer. A possibilidade de veracidade da implicação citada indica a atelicidade do verbo “dizer”, afirmando que não se supõe um fim necessário para a ação expressa neste verbo.

Como as situações atélicas geralmente não são pontuais, já podemos indicar a presença de duração, em detrimento da pontualidade que é menos atuante na situação de “dizer”. Nesse contexto, é importante lembrar os casos em que, em vez de uma apresentação pontual, temos na realidade duração abstraída, daí a possibilidade de confundir estas noções, caracterizando como pontual um caso durativo, como tende a ser 7'. Em conformidade com este pensamento estão a colocação da situação como: dinâmica, mesmo com a duração abstraída e a conseqüente menor clareza na observação das fases; como processo, posto que apresenta duração e não pontualidade; e, por último, como atividade, em decorrência da agentividade presente.

Vejamos ainda que, como em 2', o exemplo 7' relata uma situação com pretérito perfeito, “disse”, associado a um verbo que se apresenta como atélico. Vimos que, nesta configuração, não há indicação de acabamento para a ação que o enunciado expressa, o que sugere mais uma vez a presença de duração, enquanto o acabamento não é ressaltado.

Como o verbo no exemplo mostra as fases do processo como um todo, pode-se notar o completamento, mesmo que a situação não esteja acabada. Por isso, 7' constitui-se mais um caso em que a expressão linguística pode marcar uma situação como completa, ao mesmo tempo em que realiza a abstração da oposição acabado e não acabado, eventos nos quais estão incluídas as formações com pretérito perfeito e verbos que funcionam como atélicos. Ressalta-se que não há necessidade de utilizar os conceitos de situação narrada e situação referencial, porque só existe uma situação em questão.

Observa-se que a atelicidade principiou por revelar a ação verbal destacada em 7' com marcação positiva (+) para a duração, o que foi corroborado pelas caracterizações de processo e atividade, por exemplo. Portanto, a pontualidade tende à marcação negativa (-), visto que processos e atividades acarretam a

presença de certa extensão. A abstração da oposição acabado e inacabado, além de implicar a duração, adianta a justificativa da marcação negativa (-) para o acabamento, mesmo que a situação tenha sido apresentada como completa, como um globo, marcando o completamento positivo (+). Segue o esquema que compreende estes resultados em 7':

**Esquema 5:** Noções aspectuais para o exemplo 7'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	+	-
Pontualidade	-	-
Completamento	+	+
Acabamento	-	-

Fonte: Própria autora.

Embora o completamento esteja marcado como presente, as demais noções aspectuais que concorrem para a perfectividade apresentam parâmetros negativos. Ademais, a duração presente concorre para a imperfectividade, de maneira que são três as noções que indicam imperfectividade, diante de uma, o completamento, que ressalta o aspecto perfectivo. Assim, na tabela gradiente de transitividade para o aspecto, esse critério de transitividade tem nível baixo, diferindo do resultado obtido por Vanderlei (2014) por não se adequar à interpretação tão somente binária da proposta de Hopper e Thompson.

Os 8 critérios de transitividade presentes para o exemplo 7 em Vanderlei (2014) ficam reduzidos a 6, uma vez que a pontualidade está incluída na marcação final de ausente para o critério aspecto. Apreende-se, por conseguinte, que a ação torna-se menos transferível ou menos transitiva, diante da consideração escalar do aspecto. Logo, o nível de transitividade na tabela de Matos (2008) cai de alto para médio.

O exemplo 8 supõe as mesmas análises, como podemos perceber nos apontamentos que seguem.

8) Princesa, o que foi que você **me** disse? Você disse que casava comigo quando o Príncipe Louro chegasse?

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 43).

A análise de transitividade realizada por Vanderlei (2014) tem os mesmos resultados que o exemplo imediatamente anterior. Além disso, o verbo relacionado ao pronome é o mesmo, igualmente flexionado. As diferenças de sujeito e complemento verbal não modificam os resultados da análise aspectual, de forma que chegamos aos mesmos dados obtidos em 7 para o aspecto, além dos mesmos níveis de transitividade, uma vez que os oito critérios indicativos de alta transitividade, mais uma vez, serão reduzidos a 6, por influência da perspectiva escalar de análise do aspecto, passando a indicar nível médio de transitividade.

Por esses motivos não consideramos produtivo repetir a análise de 7' neste texto, embora optemos por manter o exemplo 8, em prol de organizar esta exemplificação de nossa proposta em torno do primeiro bloco de exemplos destacados por Vanderlei (2014). O bloco configurado pela autora é uma base comparativa para a tabela analítica final, constituída por todos os resultados da visualização escalar dos exemplos. Com esta justificativa, passemos ao exemplo 9.

9) Compadre **me** deu aquele volume, disse que era muito dinheiro e era papel de jornal.

Cr�terios/Tra�os	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	+
3. Aspecto do verbo	- (+)
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da ora�o	+
7. Modalidade da ora�o	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+ (-)
10. Individua�o do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 43).

O estudo de Vanderlei (2014) para o exemplo 9 sustenta a marca o de presença para 9 cr terios de transitividade, de modo que, na tabela gradiente de Matos (2008) o nível de transitividade   muito alto. Nessa interpreta o para os princípios de Hopper e Thompson, antes de considerar os parâmetros relativos ao aspecto, sugerimos uma retifica o na marca o de presença para o afetamento, já que a a o de “dar” o “volume”<sup>13</sup> não pressupõe necessárias modifica es para o objeto em si. Provavelmente, as modifica es relativas ao volume citado serão externas a ele, como, por exemplo, mudança de local, responsável ou dono.

A não identifica o de afetamento do objeto, ao menos não o prototípico, ou seja, aquele que decorre da a o do sujeito, evidencia a menor transitividade para o exemplo estudado. A mudança imediata que decorreria da marca o negativa (-) para o afetamento   a queda do nível transitivo para alto, em detrimento de muito alto. Mas isso não se d , visto que gostaríamos de sugerir também que o aspecto seja colocado como presente, posto que a situa o tende ao maior completamento e acabamento, do que imperfectiva.

Desta maneira, a a o   mais facilmente transferível e, em decorrência disso, mais transitiva. Com essas duas sugestões sobre o afetamento e o aspecto, os 9 cr terios marcados como presentes por Vanderlei (2014) continuam vigentes, já que apenas retiramos a marca o de ausente do aspecto e a colocamos no afetamento. O nível de transitividade na tabela gradiente de Matos (2008) continua o mesmo.

<sup>13</sup> Entendemos que “volume” tem o significado semelhante ao de “pacote” neste contexto oracional.

Vejam se uma abordagem não binária do aspecto confirmará esta retificação deste critério. Isto posto, retomemos o exemplo 9.

9') Compadre me **deu** aquele volume, disse que era muito dinheiro e era papel de jornal.

Mais uma vez encontramos-nos diante de uma flexão verbal de pretérito perfeito, “deu”, associado em vários casos ao perfectivo. Neste exemplo, a telicidade do verbo corrobora essa associação, posto que a estrutura perifrástica com verbo “estar” acrescido do gerúndio do verbo “dar” não implica necessariamente um enunciado com o pretérito perfeito do verbo “dar”. Em outras palavras, o enunciado “Compadre está me dando aquele volume” não implica o enunciado “Compadre me deu”, o que, segundo Travaglia (2006) é uma forma de indicar a telicidade relacionada ao verbo.

Como os verbos télicos tendem às situações pontuais, podemos observar que 9' tende a apresentar a noção de pontualidade como presente, de forma que os lapsos de duração não são significativos. Essa ideia pode ser ratificada pela apresentação da situação como dinâmica, do tipo evento e, conseqüentemente ato, visto que agentividade tem marcação positiva (+). Por conseguinte, a noção de duração inclina-se para a marcação de ausente, negativa (-).

Como a situação é apresentada como um todo, um bloco, sem destaque para qualquer uma de suas fases, o complemento pode ser marcado como presente, assim como o acabamento. Para justificar este acabamento presente, voltemos a nossa atenção para o fato de o pretérito perfeito estar unido a um verbo télico, o que indica que um ponto final foi alcançado para o evento expresso. Esse fator reafirma a presença menos patente da duração.

Como há apenas uma situação em questão, não convém buscarmos para esta análise os conceitos de situação narrada e referencial. Então, recapitulemos a marcação das 4 noções que destacamos: a duração tem marcação negativa (-), ausente, posto que a telicidade, em união com a flexão verbal, denota que ocorre pontualidade, tal como afirma a situação dinâmica, caracterizada como evento e ato. Portanto, a pontualidade tem marcação positiva (+), indicando a presença da noção. O complemento, por sua vez, tem marcação positiva (+), posto que a situação é apresentada como todo. E, por último, o acabamento é marcado positivamente (+)

diante do conjunto pretérito perfeito e verbo télico que sugere que a situação teve um final alcançado. O esquema de atuação das noções para 9' é o seguinte:

**Esquema 6:** Noções aspectuais para o exemplo 9'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	-	+
Pontualidade	+	+
Completamento	+	+
Acabamento	+	+

Fonte: Própria autora.

A configuração de três noções presentes, pontualidade, completamento e acabamento, acrescidas da marcação de ausente para a duração, indica o nível de transitividade muito alto na tabela gradiente para o aspecto. Diante disso, para 9', não há divergência entre a nossa proposta escalar para o aspecto e a análise realizada por Vanderlei (2014), sob o parâmetro binário de Hopper e Thompson. Realmente, o aspecto indica que a ação é mais acabada e pontual. Em virtude disso, tende a ser mais transferível e, por conseguinte, mais transitiva. Concluímos que 9', assim como 1', denota o que seria um evento aspectualmente prototípico para a presença de transitividade.

Como último constituinte de nossa exemplificação neste primeiro bloco, notemos o exemplo 10' seguir:

10) O que a senhora e o padre **me** disseram, eu fiz.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 43).

A análise de Vanderlei (2014) para o exemplo 10 retoma o estudo que realizamos para 7' e 8'. Note-se que são 8 critérios presentes, indicativos do nível alto de transitividade. Os demais comentários iniciais sobre a análise da autora também são válidos para 10.

No que diz respeito à análise aspectual, embora o verbo, desta vez na 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito, pareça corroborar o nível de transitividade referido, a atelicidade do verbo “dizer” o contraria, salientando a presença da duração em detrimento de pontualidade e acabamento, já que a atelicidade restringe a apresentação da situação como aquela que supõe que um fim possa ser alcançado. Acresce que o fato de a situação ser apresentada como um todo nos remete à presença do completamento.

Por isso, mais uma vez, o exemplo delineia a presença de apenas uma noção aspectual, o completamento. A ausência das demais, tal como a presença da duração, inclina-se à ação menos acabada, menos transferível e, em virtude disso, menos transitiva. Estes dados denotam o baixo nível de transitividade para o aspecto, contrariando a perspectiva apenas binária de Hopper e Thompson, apresentada por Vanderlei (2014).

Com o aspecto marcado negativamente, o mesmo vai acontecer com a pontualidade. Em decorrência disso, os 8 critérios anteriormente presentes ficam reduzidos a 6, e o nível alto de transitividade diminui para médio. Tendo em vista as diferenças entre as análises binária e escalar, assinalamos a possibilidade de observar de modo gradiente o critério transitivo de aspecto, antes de determinar se as noções predominantes em um enunciado revelam uma ação mais perfectiva ou mais imperfectiva. Essa atitude pode detalhar a perspectiva de observação da transitividade à medida que pormenoriza o funcionamento de um dos seus critérios.

Após considerarmos o primeiro dos dois blocos de exemplos pesquisados por Vanderlei (2014), aquele referente à transitividade oracional relacionada aos pronomes com função de objeto indireto, destacamos a sua tabela de resultados gerais, repetida em seguida com algumas modificações decorrentes da análise escalar do aspecto. Vejamos ambas as tabelas:

**Tabela 4:** Análise do Objeto indireto<sup>14</sup>

Ex.:	Partic.	Cinese	Aspecto do Verbo	Punctualidade do verbo	Inten. Do Sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade sujeito	Afetamento do objeto	Indiv. do objeto	Total
1	+	-	+	+	+	+	+	+	(-)	+	<b>(8)</b>
2	+	-	+	+	+	+	+	+	(-)	+	<b>(8)</b>
3	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>8</b>
4	+	+	+	+	+	-	+	+	-	+	<b>8</b>
5	+	(-)	-	-	-	+	(-)	-	(-)	-	<b>(2)</b>
6	+	-	-	(-)	(-)	+	(-)	(-)	-	+	<b>(3)</b>
7	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>8</b>
8	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>8</b>
9	+	+	(+)	+	+	+	+	+	(-)	+	<b>9</b>
10.	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>8</b>
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>(8)</b>	<b>(8)</b>	<b>9</b>	<b>(8)</b>	<b>(8)</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 48).

**Tabela 4.1:** Resultados após análise escalar do aspecto<sup>15</sup>

Ex.:	Partic.	Cinese	Aspecto do Verbo	Punctualidade do verbo	Inten. Do Sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade sujeito	Afetamento do objeto	Indiv. do objeto	Total
1	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>8</b>
2	+	-	(-)	(-)	+	+	+	+	-	+	<b>(6)</b>
3	+	-	(-)	(-)	+	+	+	+	-	+	<b>(6)</b>
4	+	+	(-)	(-)	+	-	+	+	-	+	<b>(6)</b>
5	+	-	-	-	-	+	-	-	-	-	<b>2</b>
6	+	-	-	-	-	+	-	-	-	+	<b>3</b>
7	+	-	(-)	(-)	+	+	+	+	-	+	<b>(6)</b>
8	+	-	(-)	(-)	+	+	+	+	-	+	<b>(6)</b>
9	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>9</b>
10.	+	-	(-)	(-)	+	+	+	+	-	+	<b>(6)</b>
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	

Fonte: Própria autora.

<sup>14</sup> As indicações de presente ou ausente que sugerimos a respeito da análise de transitividade de Vanderlei (2014), sob os dez critérios de Hopper e Thompson, foram já incluídas na tabela de análise 4 e indicadas através de parênteses.

<sup>15</sup> Na tabela 4.1, as indicações entre parênteses marcam os resultados que, em análise escalar para o aspecto, divergiram da análise binária de Hopper e Thompson, exemplificada pela análise de Vanderlei (2014).

Vemos que na tabela 4 a transitividade é principalmente de nível alto, tendo em vista que os exemplos 1, 2, 3, 4, 7, 8 e 10 revelam 8 critérios de transitividade cada um. Acresce ainda uma indicação de transitividade muito alta em 9. Os exemplos 5 e 6, por sua vez, denotam 2 e 3 critérios de transitividade, respectivamente, de modo que diferem dos demais por apresentarem níveis baixos de transitividade, o que, como observamos, decorreu da influência do modo imperativo. Contudo, os altos níveis de transitividade que indicamos sofrem algumas modificações, quando reavaliamos o aspecto. Note-se as indicações entre parênteses na tabela 4.1.

Das 7 indicações de alta transitividade que elencamos no parágrafo anterior, 6 sofrem modificações após serem submetidas à nossa proposta de análise escalar. Nestas, tal proposta não corroborou os resultados binários da análise de Vanderlei (2014) para o aspecto e a pontualidade, tornando a ação menos perfectiva e transferível. Com isso, o nível de transitividade caiu de alto para médio, o que significa que a mudança na metodologia a partir da qual chegamos à marcação de presença ou ausência do critério aspecto pode modificar também os resultados da análise de transitividade. Isso indica que o estudo escalar do fundamento funcionalista transitividade pode ser relevante para o estudo do critério.

Consideramos pertinente ressaltar que, dentre os dez exemplos constituintes deste primeiro bloco de análise de Vanderlei (2014), os processos verbais que destacamos se repetiram. Em 1, 6 e 9 ocorre o verbo “dar”. No caso de 6, ele aparece na forma nominal de infinito e nas demais apresenta-se na 3ª pessoa do pretérito perfeito. Também em 2 e 3 há a repetição do verbo “fazer”, ambos na 3ª pessoa do pretérito perfeito. Por último, citamos as repetições do verbo “dizer” que aparece em 7, 8 e 10, aqueles na 3ª pessoa do pretérito perfeito e este na 3ª pessoa do plural do mesmo tempo flexional.

Diante dessas repetições, poder-se-ia argumentar que a exemplificação seria questionável, porque escassa, em razão de não haver dez exemplos realmente, mas apenas 5. A saber, “tocou” que ocorre em 4, “preparar” que aparece em 5 e os três que citamos no parágrafo anterior repetidos, isto é, “dar”, “fazer” e “dizer”. Poderia ser questionável também o fato de que 5 e 6 são imperativos, motivo pelo qual restringem a análise aspectual.

Daí, existem duas dificuldades na exemplificação que está servindo de base para as nosso questionamento de uma análise apenas binária do aspecto: a primeira

seria a repetição nos exemplos que acaba por imprimir resultados analíticos semelhantes para os excertos; a segunda refere-se à diminuição no número de exemplos analisados em decorrência de dois deles, 5 e 6, restringirem a análise por estarem no modo imperativo, que não permite atualização aspectual, o que nos remete à 8 exemplos, em detrimento dos dez constituintes do bloco 1.

Por esses motivos, preferimos acrescentar à nossa investigação, o segundo bloco de análise de Vanderlei (2014) que aborda os pronomes com função objetiva direta. Assim, vamos ao exemplo de número 11.

11) Rei meu senhor, vou lhe dizer. Naquela viagem que você fez, a negra daqui **me** chamou para eu ir para o açude para ajudar ela com o pote.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 44).

Na análise de Vanderlei (2014), 8 dos dez critérios de transitividade estão marcados como presentes. Como o verbo “chamar” não revela uma ação com potencial de transferência de um participante para outro, a cinese tem marcação negativa. Note-se que uma ação sem potencial de transferência não pode afetar outro participante. Logo, o afetamento também é marcado como ausente. Como apenas estes dois critérios têm marcação negativa, o nível de transitividade é alto, segundo a tabela de Matos (2008). Agora, isolemos 11 para observar o comportamento aspectual neste exemplo:

11') Rei meu senhor, vou lhe dizer. Naquela viagem que você fez, a negra daqui me **chamou** para eu ir para o açude para ajudar ela com o pote.

O tempo flexional de pretérito perfeito em “chamou” encaminha a interpretação para a perfectividade, assim como a telicidade do verbo. Observe-se que, se submetermos o verbo ao teste de telicidade, com o verbo estar + gerúndio, o enunciado “A negra daqui está chamando” não implica necessariamente a mesma frase com o verbo no pretérito perfeito. Pode ser estranho cogitar tal implicação, já que o enunciado no pretérito perfeito, “A negra daqui chamou”, não parece verdadeiro diante do mesmo enunciado no gerúndio.

É diferente de quando analisamos o verbo “fazer” em 2' e 3', uma vez que era possível identificar que em alguma medida a ação em questão havia sido feita, e, portanto, implicava o verbo “fez”, atético, que aparecia no exemplo. Sabemos que o teste de telicidade indicado por Travaglia (2006) sugere que a não implicação da oração com o verbo no pretérito perfeito supõe que o processo verbal é tético.

Como os verbos téticos estão, em geral, relacionados às situações pontuais, podemos dizer que a ação expressa em 11' não se estende e que é possível enunciá-la como um todo de fases coincidentes, nas quais os lapsos de duração não são significativos na forma como o enunciado é apresentado. Assim, é possível assinalar que a noção de pontualidade está presente em 11'. Por outro lado, a duração recebe marcação negativa, já que a situação não é tratada em sua extensão ou constituição interna.

Embora as fases do evento sejam coincidentes, elas não são idênticas, de modo que a situação pode ser caracterizada como dinâmica, do tipo evento, em decorrência da pontualidade. Ademais, a presença de um sujeito agente, “negra”, propõe a marcação positiva para a agentividade, o que nos permite restringir a classificação de evento para um ato.

Devemos ressaltar que o processo verbal é colocado como um todo indivisível, um bloco que não enfatiza uma fase específica. Por isso, a situação pode ser observada como mais completa, isto é, com a marcação positiva para a presença de completamento. Neste caso, esta noção coincide com o acabamento, que também está presente, como aponta a união do pretérito perfeito com um verbo tético.

Como não precisaremos lidar com os conceitos de situação narrada e situação referencial, posto que só há uma situação em questão, vamos ao resumo das noções que analisamos. Primeiramente, o verbo télico aponta para a marcação negativa (-) da duração, pois seus lapsos não são significativos, visto que as fases da situação são coincidentes. Disto decorre a marcação positiva (+) para a pontualidade. A mesma marcação positiva (+) se dá para o completamento, decorrente da apresentação da situação como um todo, assim como para o acabamento que tem a marcação de noção presente, positiva (+), comprovada pelo pretérito perfeito unido a um verbo télico. A esquematização desses parâmetros configura-se como segue:

**Esquema 7: Noções aspectuais para o exemplo 11'**

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	-	+
Pontualidade	+	+
Completamento	+	+
Acabamento	+	+

Fonte: Própria autora.

Vemos que 3 das noções analisadas receberam marcação positiva (+) acrescida da indicação de ausente para a duração, o que interpretamos como fator que corrobora a tendência à perfectividade. Diante disso, 4 fatores estão marcados positivamente, assinalando o nível muito alto de transitividade na tabela gradiente de transitividade para o aspecto.

Com estes resultados, vemos que nossa análise ratifica a de Vanderlei (2014) para o critério aspecto e, conseqüentemente, para a pontualidade. Portanto, confirmamos o seu ponto de vista sobre a ação ser mais perfectiva e, por conseguinte, mais transferível e transitiva. Desse modo, a nossa análise escalar convergiu para o mesmo resultado que análise binária indica. Então, permanecem assinalados os 8 critérios indicados por Vanderlei (2014), assim como o alto nível de transitividade, apontado na tabela de Matos (2008).

Agora, investiguemos o exemplo 12 para observar se revela resultados diversos ou semelhantes:



12) Ô Genival, que felicidade para nós! Tu **me** tiraste de um sofrimento muito grande.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 44).

No exemplo 12, Vanderlei (2014) analisa o excerto como mais transitivo que o anterior, postulando a presença de 9 critérios de transitividade. Parece-nos lógico acreditar que a cinese negativa implicaria o mesmo *status* para o afetamento. Contudo, preferiremos acompanhar a análise de Vanderlei (2014), sem as retificações que fizemos em 9, quando lidamos com a mesma situação. No exemplo 9' ação não prototípica de “dar” implicou o não afetamento do objeto, “o volume”, pois não houve no enunciado nenhuma indicação de afetamento no objeto.

Diferentemente, em 12, embora não exista um verbo de ação que permita marcar a presença da cinese, temos a afirmação de que o agente modifica o outro participante da oração, tirando-lhe de um sofrimento. É verdade que não há o afetamento prototípico que é passível de observação em enunciados como “Eu cortei a maçã”. Mas, a afirmação de não afetamento para o exemplo 12 não seria verdadeira na mesma medida que é para o exemplo 9, no qual não se especifica qualquer tipo de afetamento. Por isso, optamos por concordar com a análise de Vanderlei (2014) para 12. Assim, a permanência dos 9 critérios de transitividade evidencia um nível muito alto de transitividade na tabela de gradiente de Matos (2008).

Consideremos a seguir, se é possível acompanhar a análise da autora para o critério aspecto. Retomemos a exemplificação.

12') Ô Genival, que felicidade para nós! Tu me **tiraste** de um sofrimento muito grande.

No exemplo 12', o verbo "tirar" encontra-se na 2ª pessoa do singular, indicando o provável aspecto perfectivo. Neste caso, a felicidade do verbo corrobora este raciocínio, uma vez que o teste desta propriedade do verbo aciona o enunciado "Tu estás me tirando de um sofrimento muito grande" que não implica necessariamente o enunciado com o pretérito perfeito, isto é, "Tu me tiraste de um sofrimento". Se ocorresse tal implicação, estaríamos diante de um verbo atélico, porém, como ela não se dá, podemos concluir que se trata de um verbo télico.

Também, observamos que o "sofrimento" se apresenta como um bloco, de modo que não podemos dizer que o enunciado com gerúndio implica finalidade em alguma medida, como seria com o teste feito a partir do verbo "caminhar", atélico. Este verbo implica o enunciado com pretérito perfeito, ou seja, aciona que houve caminhada, mesmo que não finalizada.

Como os verbos télicos são em geral pontuais, marcamos positivamente a presença da noção de pontualidade para 12'. Isso significa tratar de um processo com fases diferentes, embora coincidentes, e sem duração relevante. Como as fases podem ser coincidentes, mesmo que não idênticas, trata-se de uma situação dinâmica, do tipo evento. O sujeito "tu", que podemos especificar como "Genival" a partir do contexto frasal, materializa a presença de um agente e permite a classificação da situação como ato. Esses apontamentos denotam a menor atuação da duração que está presente quando temos situações dinâmicas do tipo processo que, portanto, têm duração estendida e significativa na apresentação do enunciado.

Assim como 11', a situação no exemplo em pauta é apresentada como um todo, o que nos faz perceber que o evento é mais completo. Note-se que em 12', o evento, além de completo, é acabado, posto que se vê o perfectivo de um verbo télico.

Sem precisar considerar os conceitos de situação narrada e referencial, tendo em vista o que citamos para a análise de 12', o resumo da atuação das noções aspectuais sugere a marcação negativa (-) para a duração, em decorrência de o evento não ter lapsos significativos de duração, ou seja, ser mais pontual. Sendo assim, a pontualidade está presente e recebe marcação positiva (+). Saliente-se que além de fases coincidentes, a situação é apresentada com suas fases de

desenvolvimento em globo, o que denota a marcação positiva para o completamento. O acabamento também recebe marcação (+), tendo em vista a união de um pretérito perfeito e um verbo télico. O esquema de noções aspectuais para 12' configura-se como propusemos logo a seguir:

**Esquema 8:** Noções aspectuais para o exemplo 12'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	-	+
Pontualidade	+	+
Completamento	+	+
Acabamento	+	+

Fonte: Própria autora.

Com a marcação negativa (-) para a duração, acrescida da marcação positiva para as 3 demais noções aspectuais, a configuração do quadro de 12' tende totalmente para a perfectividade, chegando ao nível muito alto na tabela gradiente de transitividade para o aspecto. Desta maneira, a nossa análise escalar do aspecto confirma a análise de Vanderlei (2014), baseada na perspectiva binária de Hopper e Thompson, concordando que o aspecto e também a pontualidade estão presentes. Decorre desse resultado, a perfectividade do exemplo, além de seu potencial de transferência e maior transitividade. Assim, continuam afirmados os 9 critérios de transitividade assinalados pela autora, tal como a transitividade muito alta na tabela gradiente de Matos (2008).

Vamos ao exemplo 13 de Vanderlei (2014).

13) Vocês são umas faladeiras! Bela **me** tratou muito bem.

Cr�terios/Tra�os	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da ora�o	+
7. Modalidade da ora�o	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individualiza�o do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 44).

Para o exemplo 13, Vanderlei (2014) identificou a presença de 8 cr terios de transitividade. Apenas a cinese e o afetamento têm marca o negativa, pois o verbo em questão não   de a o e não denota uma a o com potencial de transferência para afetar outro participante. Os 8 cr terios presentes apontam para o alto nível de transitividade na tabela gradiente de Matos (2008). Quanto ao cr terio aspecto, analisemos seu comportamento diante da atua o das no es aspectuais que elencamos, começando por repetir 13.

13') Vocês são umas faladeiras! Bela **me** tratou muito bem.

Embora estejamos diante de um verbo no pretérito perfeito, como nos dois exemplos anteriores, a telicidade não ratifica a perfectividade. Quando se diz algo como "Bela está me tratando bem", de certo modo, isso implica o enunciado "Bela me tratou bem", pois tal tratamento aconteceu em alguma medida, mesmo que não completamente. Esta implica o permite ver o processo em questão como atélico, segundo o teste de telicidade. Como os verbos atélicos tendem às situa es durativas, marcaremos a no o de dura o como presente, enquanto a pontualidade tem marca o negativa (-), ausente, já que a dura o enfatizar  uma das fases do desenvolvimento, não permitindo a coincidência das fases que caracteriza o evento pontual.

Diante de uma situa o durativa, pode-se entender que há diferentes fases, o que nos mostra que a situa o   dinâmica. Por haver dura o, há também a caracteriza o de processo e de atividade, esta última decorrente da marca o de

presente para a agentividade. Afirmamos ainda que a impressão de pontualidade pode decorrer da apresentação da duração como abstraída.

Esse tipo de apresentação da duração proporciona que a situação seja apresentada como um todo, sem a ênfase em uma das fases. Dessa forma, podemos marcar o completamento como presente, diferentemente do acabamento que, em um contexto de pretérito perfeito e verbo atélico, tem marcação negativa (-), isto é, ausente. Construções linguísticas desse tipo não indicam que um fim foi alcançado. Acresce ainda que as estruturas linguísticas com pretérito perfeito e verbo atélico tendem aos casos em que a língua apresenta a situação como completa e abstrai a oposição acabado e inacabado.

Como só há uma situação em questão, podemos nos abster de análises baseadas nos conceitos de situação narrada e situação referencial.

Com estas informações sobre o exemplo 13', postulamos que a duração está presente, sendo indicada pela atelicidade do verbo e classificações consequentes; a pontualidade tende à ausência, pois os lapsos de duração são significativos e a impressão de pontualidade pode ser explicada pela abstração da duração; como a situação é apresentada como globo, mesmo sendo durativa, tem completamento marcado positivamente.

Por último, o acabamento está ausente, visto que a flexão de pretérito perfeito acrescida de verbo atélico indica que o final de um processo não foi alcançado, além de fazer parte dos casos de abstração da oposição pertinente a esta noção. Vejamos estas noções esquematizadas:

#### **Esquema 9:** Noções aspectuais para o exemplo 13'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	+	-
Pontualidade	-	-
Completamento	+	+
Acabamento	-	-

Fonte: Própria autora.

Mesmo que tenhamos a atuação positiva de duas noções, a duração e o completamento, apenas esta última concorre para a transitividade. Então, das 4

noções aspectuais, três indicam menor potencial de transferência. Por isso, entendemos que a ação é menos transitiva no âmbito do critério aspecto, assim como na pontualidade. Por conseguinte, identificamos o baixo nível de transitividade na tabela gradiente de análise escalar para aspecto.

Esse resultado diverge das indicações de presença que Vanderlei (2014) faz para os critérios aspecto e pontualidade. Isso quer dizer que a nossa análise escalar chegou a resultados diversos dos atinentes à perspectiva binária de Hopper e Thompson. Os 8 critérios de transitividade que citamos inicialmente ficaram reduzidos a 6 e, em virtude disso, o nível alto de transitividade reduz-se para médio na tabela gradiente de Matos (2008). Feitas estas observações acerca do exemplo 13', note-se a seguir as considerações sobre o exemplo 14.

14) Esse rapaz de coragem **me** desencantou e veio atrás de mim.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Chinês	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 45).

O estudo de Vanderlei (2014) para este excerto assemelha-se ao que investigamos a pouco em 12. Acentuam-se 9 critérios de transitividade. Daí o nível muito alto de transitividade na tabela gradiente de Matos (2008). Quanto à marcação positiva para o afetamento frente à marcação negativa para a chinesa, justificamos aqui a nossa concordância com o trabalho de Vanderlei (2014) através dos argumentos citados em 12. Isto posto, vejamos com maior detalhamento os critérios aspecto e pontualidade, tidos por Vanderlei (2014) como presentes. Retomemos o exemplo 14.

14') Esse rapaz de coragem me **desencantou** e veio atrás de mim.

Começamos por adiantar que este é mais um caso de pretérito perfeito e verbo télico. Afirmamos isto a partir da não implicação do enunciado acima, diante de uma frase como “Esse rapaz de coragem está me desencantando”, inserida nos parâmetros do teste indicado por Travaglia (2006). Ressalte-se que o fato de uma pessoa estar se desencantando não implica necessariamente a situação finalizada indicada pelo verbo no pretérito perfeito, o que mostra, tal como supõe o teste, que o verbo em questão é télico. Em decorrência da confirmação de um verbo télico, sabemos que estamos diante de uma situação pontual.

Em outras palavras, os lapsos de duração não são significativos e as fases do desenvolvimento, embora diferentes, não são enfatizadas, já que são apresentadas como coincidentes. Com lapsos de duração pouco significativos e coincidência das diferentes fases, a noção de pontualidade recebe a marcação positiva, em detrimento da duração que tende a estar ausente e ter a conseqüente marcação negativa (-). Devemos salientar que a pontualidade evidencia uma situação dinâmica, do tipo evento e, por último, ato, tendo em vista a agentividade positiva que pode ser remetida ao sujeito materializado em “Esse rapaz de coragem”, segundo podemos ler em 14'.

Assim como nas demais situações que apresentamos neste segundo bloco de exemplos, a situação expressa em “desencantou” é mais completa, o que se compreende como um conjunto coeso das fases de desenvolvimento. Daí, concluímos que a noção de completamento está presente e recebe marcação positiva (+). O acabamento, da mesma forma, recebe a marcação positiva (+), uma vez que o perfectivo de um verbo télico aponta para uma situação com o final alcançado.

Atente-se para a abstração dos conceitos de situação narrada e situação referencial na análise que fizemos, posto que só há uma situação em observação no verbo, em detrimento de processos perifrásticos. Concluímos que, diante desses argumentos, o exemplo 14' é menos durativo, mais pontual, mais completo e mais acabado. Isso nos leva ao seguinte esquema de atuação das noções aspectuais:

**Esquema 10:** Noções aspectuais para o exemplo 14'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	-	+
Pontualidade	+	+
Completamento	+	+
Acabamento	+	+

Fonte: Própria autora.

O quadro nos mostra que 3 noções estão presentes, a pontualidade, o completamento e o acabamento, relativas ao perfectivo. Como a marcação negativa para a duração concorre para a perfectividade, dizemos que as 4 noções do quadro indicam que o evento é mais perfectivo. Com esta característica, a ação é mais transferível e mais transitiva.

Como a marcação positiva para o aspecto supõe o mesmo para a pontualidade, ressaltamos que o resultado da nossa análise escalar não é diferente da perspectiva binária utilizada de Vanderlei (2014). Portanto, os 9 critérios apontados pela autora continuam vigentes para nós, mesmo após análise escalar, legitimando o nível muito alto de transitividade na tabela de Matos (2008). Com esta última colocação sobre 14', vamos ao exemplo 15.

15) Graças a ele, que **me** caçou com muito trabalho eu fui desencantada.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 45).

Salientamos primeiramente que, em nossa análise, para o processo verbal “caçar”, ao qual nos remeteremos, consideraremos o sentido de “procurar”<sup>16</sup>, que pode ser notado no processo de busca, comprovado pelo restante do enunciado. Isto posto, ressaltamos que, no quadro de critérios de transitividade para o exemplo 15, Vanderlei (2014) assinala 8 critérios como presentes e, conseqüentemente, um alto nível de transitividade, segundo Matos (2008). Os critérios ausentes são a cinese e o afetamento, posto que não temos um verbo de ação que indique transferência.

Para o exemplo 15, além da inexistência de ação justificar o não afetamento, podemos nos referir especificamente à ação de procurar para indicar que esse tipo de atividade não necessariamente causa modificações naquilo que se busca. Daí a marcação negativa (-) para o afetamento. Partindo da perspectiva binária de Hopper e Thompson, Vanderlei (2014) chegou à marcação positiva (+) para os critérios pontualidade e aspecto. Retomemos o exemplo para verificar se chegamos às mesmas conclusões, observando de maneira escalar.

---

<sup>16</sup> Devemos ressaltar que “caçar” é uma expressão usada no interior da Paraíba, geralmente, com o sentido de “procurar”.

15') Graças a ele, que me **caçou** com muito trabalho eu fui desencantada.

Assim como nos demais casos do segundo bloco de Vanderlei (2014), 15' apresenta um pretérito perfeito. Contudo, esse tempo flexional não está acompanhado de um evento télico. O teste de telicidade revela que um enunciado semelhante a "Ele está me caçando" implica o mesmo enunciado com o verbo no pretérito perfeito "Ele me caçou", o que denota a atelicidade do verbo em questão.

Como estamos diante de um verbo atélico, a situação de "caçar" revela duração, como ocorre na maioria dos verbos atélicos. Comprovamos esse raciocínio com o fato de se tratar de uma situação que supõe fases diferentes, isto é, uma situação dinâmica. Visto que a situação dinâmica é durativa e tem agentividade presente, indicamos as classificações de processo e atividade, respectivamente. Por esses motivos, a noção de duração possui a classificação de presente (+), enquanto a pontualidade recebe a marcação de ausente (-), pois as fases de desenvolvimento não são coincidentes, ainda que o processo seja apresentado de forma global, assinalando a presença da noção de completamento.

Note-se ainda que a junção de um pretérito perfeito e um verbo atélico aponta para uma situação sem um final alcançado, em outras palavras, uma situação não acabada. Por isso, o acabamento não está presente em 15', corroborando a marcação positiva para a duração.

Gostaríamos de fazer três acréscimos: primeiro, para justificar a impressão de pontualidade que uma forma verbal como "caçou" poderia causar, salientamos que estamos diante de um caso de duração abstraída; segundo, para justificar a ausência de acabamento em uma situação completa, relembramos os casos em que a língua apresenta um processo com a presença de completamento e abstrai a oposição acabado e não acabado, tal como se dá em processos com construções perfectivas atélicas, os quais 15' exemplifica; e, terceiro, justificamos a ausência dos conceitos de situação narrada e situação referencial pela existência de uma única situação em tal exemplo.

Em resumo, comprovamos que, diante de uma situação que é atélica e dinâmica, bem como da abstração do acabamento, a noção de duração pode ser marcada como presente, positiva (+), embora abstraída, em detrimento da pontualidade que recebe marcação de ausente, negativa (-), já que não aparece em situações atélicas. Quanto às duas noções restantes, frente à construção linguística

que traz um pretérito perfeito e um verbo atélico, a situação tem completamento positivo (+) e abstração do acabamento, o que denota a marcação negativa para esta noção (-). Vejamos o esquema de atuação das noções em 15’:

**Esquema 11:** Noções aspectuais para o exemplo 15’

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	+	-
Pontualidade	-	-
Completamento	+	+
Acabamento	-	-

Fonte: Própria autora.

Das 4 noções analisadas, apenas o completamento tem marcação de presente, o que nos leva ao baixo nível de transitividade na tabela gradiente de para o aspecto. Dessarte, podemos afirmar que 15’ tende à imperfectividade e indica menor potencial de transferência e, por isso, menor transitividade.

Em virtude disso, observamos que a nossa análise escalar do aspecto não indica a marcação positiva para este critério, bem como para a pontualidade. Assim, em 15’ não há correspondência entre a proposta binária utilizada por Vanderlei (2014) e a nossa proposta escalar. Isso implica dizer que os 8 critérios considerados presentes pela autora, reduzem-se a 6. Logo, o nível de transitividade na tabela gradiente de Matos (2008) torna-se mediano e não alto, como foi apontado inicialmente.

A seguir, no exemplo 16, adiantamos que o verbo “pegar” proporciona um resultado voltado para a perfectividade, diferente do que vimos em 15’. Continuemos a análise do segundo bloco de Vanderlei (2014), observando os fatores que concorrem para um resultado perfectivo.

16) É porque eu fui dormir muito tarde, o sono **me** pegou.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+ (-)
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 45).

Para o exemplo 16, Vanderlei postula 9 critérios de transitividade como presentes, acentuando um nível muito alto de transitividade na tabela gradiente de Matos (2008). Como o verbo “pegar” não indica necessariamente uma ação transferível, a cinese recebe marcação de ausente, conquanto não ocorra influência da cinese no afetamento, já que esse critério está presente, segundo Vanderlei (2014). Como de fato ocorre uma mudança no estado de atenção do enunciador, causada pelo sono, optamos por acompanhar a análise de Vanderlei (2014) para o afetamento.

Escolhemos também manter a interpretação da estudiosa para a agentividade. Diante do sujeito “sono”, sabemos que a marcação positiva para a agentividade poderia ser questionada, mas acreditamos que, no evento de fala, ele foi apresentado como agentivo. Em decorrência disso, vamos corroborar a presença de um agente.

Por outro lado, sugerimos que o critério intencionalidade do sujeito seja considerado ausente, tendo em vista que, mesmo que possamos considerar “o sono” como sujeito oracional, em virtude da natureza deste agente, pode ser estranho afirmar a existência de intenções por parte dele. Com essa sugestão de retificação, a transitividade passa de muito alta para alta, posto que 8 critérios são tidos como presentes, em vez dos 9 iniciais.

Feita esta ressalva sobre o critério intencionalidade, vamos repetir 16 para observarmos a configuração aspectual.

16') É porque eu fui dormir muito tarde, o sono me **pegou**.

Assim como nos exemplos anteriores, o exemplo 16' apresenta um pretérito perfeito, neste caso, acompanhado por um verbo télico. Afirmamos isso porque o enunciado gerundivo “O sono está me pegando” não implica outro enunciado como “O sono me pegou”, visto que o primeiro indicaria sonolência e não que o indivíduo teria realmente dormido, como é possível entender a partir do segundo. Uma vez que não ocorre a implicação da situação de dormir, tal como indica o teste de telicidade, o verbo em questão é télico, tendendo, portanto, à pontualidade. Vê-se que “pegou” não impõe lapsos significativos de duração, mas coincidência das fases de desenvolvimento.

Embora tenhamos uma situação dinâmica como em 15', em decorrência da presença da pontualidade, em detrimento da duração, ela é do tipo evento e ato, tendo em vista a possibilidade de identificar “o sono” como agente no enunciado. Como consequência dessas ideias, consideramos que a noção de pontualidade está presente, enquanto a duração está ausente.

Além disso, a situação é apresentada sem ênfase em qualquer uma de suas fases, isto é, é enunciada como um globo, denotando a presença da noção de completamento. Acresce também a mesma marcação para o acabamento, já que em 16' ocorre o perfectivo de um verbo télico.

Dado que 16' apresenta uma situação única, não precisaremos retomar os conceitos de situação narrada e referencial. Passemos ao resumo de atuação das noções em 16'.

Como estamos diante de um evento télico, a tendência é a coincidência de fases e a pouca relevância dos lapsos durativos. Por isso, marcamos a duração como ausente, negativa (-), enquanto a pontualidade mostra-se presente, positiva (+). O fato de a situação ser colocada como um todo e a presença do perfectivo de um verbo télico justificam as marcações positivas (+) para o completamento e o acabamento, respectivamente. Por conseguinte, o esquema de noções aspectuais tem a seguinte configuração para 16':

**Esquema 12: Noções aspectuais para o exemplo 16'**

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	-	+
Pontualidade	+	+
Completamento	+	+
Acabamento	+	+

Fonte: Própria autora.

Observa-se que o exemplo afirma a presença das 4 noções aspectuais, posto que a marcação negativa da duração concorre para a transitividade. Em vista disso, o nível de transitividade na tabela escalar para o aspecto é muito alto, corroborando a marcação positiva de Vanderlei (2014) para o aspecto e a pontualidade, numa convergência de resultados das análises escalar e binária. Mantida a perfectividade indicada por Vanderlei (2014), o evento de “pegar”, nos critérios destacados, é mais transferível e, por isso, mais transitivo. Com os 8 critérios citados inicialmente ratificados, também mantém-se a alta transitividade apontada na tabela de Matos (2008).

O exemplo 17, por outro lado, difere deste resultado. Observemos.

17) Eu vou atrás das três princesas, filhas do rei. Eu pego aqueles dois camaradas que **me** enganaram.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 46).

No exemplo 17, Vanderlei (2014) propõe a presença de 9 critérios de transitividade, apontando um nível muito alto na tabela gradiente de Matos (2008).

Corroboramos a marcação negativa para a chinesa, pois é condizente com a inexistência de uma ação transferível, o que não influencia o afetamento presente, posto que há algum afetamento implicado na ação de enganar, ainda que não seja aquele que ocorre mais prototipicamente com este critério. Acreditamos que se dá o mesmo em exemplos como 12 e 14, também pertencentes a este bloco.

Retomemos 17 e vejamos se a marcação positiva (+) para o aspecto e a pontualidade também ocorre em uma observação escalar.

17') Eu vou atrás das três princesas, filhas do rei. Eu pego aqueles dois camaradas que me **enganaram**.

Assim como os demais verbos pertencentes a este bloco, o verbo do exemplo 17 encontra-se no pretérito perfeito, desta vez na 3ª pessoa do plural. Embora este tempo flexional costume aparecer em contextos perfectivos, sinalizamos que a telicidade do verbo em destaque aponta para a imperfectividade. Note-se: o enunciado com o verbo estar acrescido do gerúndio do verbo que consideramos, "Eu pego aqueles dois camaradas que estão me enganando", implica o enunciado 17' que apresenta a mesma construção linguística com o pretérito perfeito, uma vez que estar enganando alguém, implica que o engano ocorreu em alguma medida. Em decorrência desse teste, podemos postular atelicidade para o verbo.

Tendo em vista o fato de os verbos atélicos normalmente indicarem situações durativas, já temos a indicação primeira da presença de tal noção. Por haver uma situação durativa com fases diversas de desenvolvimento, é possível tratá-la como dinâmica, processual, e ainda atividade, em razão de a agentividade mostrar-se presente. Tal marcação positiva para a duração, indicada pela atelicidade, bem como pela não coincidência das fases da ação, supõe que a pontualidade é menos patente e tende à marcação negativa (-), e se esta noção parece estar presente, isso se justifica pelo fato de a duração estar abstraída.

É interessante notar que a abstração da duração pode facilitar a visualização da situação como um globo, acentuando o completamento que já diríamos presente, por esse motivo, bem como pelo fato de o perfectivo de um verbo atélico exemplificar casos em que o completamento está presente, quando a oposição acabado ou inacabado é suprimida. Estes fatores, por sua vez, implicam a presença da noção de completamento e a ausência do acabamento. Esta última

noção não é identificada também pelo fato de a estrutura linguística com o pretérito perfeito e o verbo atélico não denotar a finalização necessária de uma situação, asseverando, inclusive, a duração que assinalamos antes.

Conseqüentemente, não precisamos dos conceitos de situação narrada e referencial para apontar a configuração das noções aspectuais para 17'. A duração tem marcação positiva (+) ressaltada pela atelicidade do verbo, que indica sua presença, mesmo que abstraída, e pela marcação negativa (-) para o acabamento. Com a presença de duração, a pontualidade recebe a marcação (-), posto que não pode se sustentar na coincidência das fases ou no evento télico. Por último, o completamento é colocado como presente, positivo (+), segundo a apresentação global com a qual o evento é enunciado. O esquema com estas noções pode ser observado a seguir:

**Esquema 13:** Noções aspectuais para o exemplo 17'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	+	-
Pontualidade	-	-
Completamento	+	+
Acabamento	-	-

Fonte: Própria autora.

Ainda que a atuação das noções denote 2 marcações de presença, a duração não conduz à transitividade, já que este fundamento funcionalista é patente em situações perfectivas. Por isso, apenas o completamento aponta para transitividade, de modo que o nível dela na tabela escalar para o aspecto é baixo, registrando o menor potencial de transferência da ação no que diz respeito ao critério aspecto, o que vale também para o critério pontualidade.

Em virtude de tais fatores, 17', se considerado de forma escalar quanto ao aspecto, diverge do resultado de Vanderlei (2014) que citamos antes, baseado na visão binária de Hopper e Thompson. Portanto, os 9 critérios elencados como presentes anteriormente passam a 7, retificando o nível de transitividade de muito alto para alto.

O exemplo 18 seguir mostra-nos um resultado parecido com o que obtivemos em 17. Note-se o exemplo:

18) Agora eu vou na cidade onde mora o meu vizinho que **me** traiu com minha mulher.

Cr�terios/Tra�os	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da ora�o	+
7. Modalidade da ora�o	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individua�o do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 46).

Nossos comentários relativos   análise de Vanderlei (2014) para 18 são basicamente os mesmos que fizemos em 17. Assim, têm também aqui estão marcados como presentes 9 cr terios de transitividade, bem como o decorrente alto nível na tabela gradiente de Matos (2008). Embora os verbos não sejam os mesmos, ambos estão no pretérito perfeito, com a diferença de que o exemplo 18 denota a 3  pessoa do singular. Para analisar o cr terio aspecto, destacamos o verbo “trair” em 18:

18’) Agora eu vou na cidade onde mora o meu vizinho que me **traiu** com minha mulher.

*A priori*, o verbo no pretérito perfeito causa uma impressão de perfectividade. Contudo, a telicidade do verbo não assevera essa conclusão. O teste de telicidade demonstra que o verbo estar + o gerúndio de “trair” implica o pretérito perfeito colocado no exemplo 18’. Isto  , dizer “O meu vizinho está me traindo” implica dizer algo como 18’, com o pretérito perfeito. Daí, percebemos que o verbo funciona como atélico.

Em virtude dessa classifica o, afirmamos a presença da dura o comum a este tipo de verbo. Isso significa que a situa o tem fases não idênticas por ser dinâmica, em detrimento de est tica. Enquanto situa o dinâmica estendida, “trair”

pode ser colocado como processo e atividade, em virtude da marcação positiva para a agentividade.

Vale salientar que as fases, além de não serem idênticas, não são coincidentes, no que fica assegurado o fato de se tratar de um processo durativo e não de uma ação pontual, motivo pelo qual a noção de pontualidade está ausente. Todavia, podemos dizer que, mais uma vez, a duração não se dá de forma plena, como ocorreria em uma situação com um imperfectivo cursivo. A duração aparece abstraída, podendo ser confundida com a pontualidade.

Como afirmamos em 17', a duração abstraída, por apresentar tênue diferença em relação à pontualidade, parece não enfatizar qualquer uma das fases de desenvolvimento, enunciando a situação com todas as fases em conjunto, mesmo que elas não coincidam. Essa apresentação da situação como um todo demonstra a presença de completamento, assim como comprova o pretérito perfeito unido ao verbo atético.

Quando Travaglia (2006) salienta que esse tipo de expressão linguística exemplifica os casos em que a língua apresenta a situação como completa e abstrai as marcações referentes ao acabamento, vemos que o completamento em casos como 18' está presente, além de percebermos a ausência do acabamento.

Como 18' não apresenta mais de uma situação no processo verbal em destaque, não é necessário tecer considerações pautadas nos conceitos de situação narrada e referencial.

Isto posto, percebemos que o exemplo analisado apresenta a duração presente, positiva (+), em decorrência de fatores como a atelicidade, além da ausência do acabamento; com a ausência de coincidência entre as fases e a presença de duração significativa, a pontualidade é negativa (-); o completamento está presente, positivo (+), justificado na apresentação global da situação; como a oposição acabado e não acabado foi abstraída, a noção de acabamento tem marcação de ausente, negativa (-). Daí, o esquema de atuação das noções aspectuais para 18' tem a seguinte sistematização:

**Esquema 14:** Noções aspectuais para o exemplo 18'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	+	-
Pontualidade	-	-
Completamento	+	+
Acabamento	-	-

Fonte: Própria autora.

Também em 18' são 2 as noções que, marcadas como ausentes, atestam a imperfectividade, a saber, a pontualidade e o acabamento. Na mesma direção, a interpretação da duração como noção que não designa eventos transitivos soma-se a ausência das demais. A única exceção baseia-se no completamento que, como única noção presente, aponta para o baixo nível de transitividade na tabela gradiente para o aspecto. Por essa razão, sugerimos que os critérios aspecto e pontualidade tenham marcação negativa (-) em 18', no que divergimos do resultado da análise binária inicial.

A ação torna-se menos transferível, ou seja, menos transitiva. Registra-se esta conclusão, quando os 9 critérios de transitividade sofrem a subtração dos dois que analisamos, de modo que o nível de transitividade, antes considerado muito alto, sofre uma pequena redução e torna-se alto, segundo as indicações da tabela gradiente de Matos (2008) assinalam para a marcação de 7 critérios presentes. Agora, vejamos 19.

19) Eu nasci e **me** criei aqui. Morreram meu pai e minha mãe. Morreu toda a minha família.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+(-)
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	-
5. Intencionalidade do Sujeito	+(-)
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+(-)
9. Afetamento do objeto	-
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 46).

Primeiramente, devemos salientar que, como o verbo “criar” citado não apresenta o sentido mais prototípico de “fabricar”, “elaborar”, ou “produzir”, segundo o contexto oracional, entendemos que se fala sobre o lugar onde o enunciador cresceu. Por isso, faremos a nossa análise seguindo este sentido.

Isto posto, ressaltamos que, no exemplo 19’, observamos uma configuração de transitividade um pouco diferente destas últimas que analisamos. Na tabela gradiente de Matos (2008), Vanderlei (2014) sustenta o alto nível de transitividade da oração que considera, uma vez que 7 critérios de transitividade estão presentes. Concordamos com a estudiosa em todas as suas marcações de critérios ausentes.

A ação em questão não apresenta qualquer potencial de transferência com condições de modificar ou causar afetamento em outro participante. Daí o fato de a cinese e o afetamento serem marcados como ausentes. Entretanto, devemos acrescentar as nossas sugestões de marcações negativas (-) para os critérios participantes, intencionalidade e agentividade.

Explicamos as razões: no que se refere aos participantes, a oração que destacamos tem apenas um indivíduo envolvido, o que salienta que o critério está ausente, já que o contexto de menos de dois participantes inviabiliza a transferência da ação; quanto à intencionalidade, como estamos considerando o sentido de “crescer”, não podemos indicar que há uma intenção do indivíduo ao fazê-lo. Inclusive, o crescimento, em geral, é algo que independe da vontade do ser; por último, no que diz respeito à agentividade, notamos que a ação em crescer é

reflexiva, de forma que não se pode identificar um agente praticante de uma ação transferível em relação a outro participante.

Por esses motivos, acreditamos na retificação na marcação destes critérios. Dado o exposto, identificamos a presença de apenas 4 critérios de transitividade, sinônimos do baixo nível para este fundamento, segundo a tabela de Matos (2008).

Quanto à marcação da autora sobre a ausência de pontualidade, veremos como se configura em conformidade com a análise aspectual, recuperando 19' seguir:

19') Eu nasci e me **criei** aqui. Morreram meu pai e minha mãe. Morreu toda a minha família.

Assim como nos demais exemplos deste bloco, o verbo em destaque encontra-se no pretérito perfeito, mas, desta vez, na 1ª pessoa do singular, o que nos remete a uma frase do tipo “Eu nasci e cresci aqui”. Mesmo que o verbo aparente finalidade, notamos que a telicidade do verbo pode não corroborar este resultado. Em um enunciado como “Eu estou crescendo”, entende-se a implicação do verbo “crescer” no pretérito perfeito, dado que o processo de crescimento demonstrado na oração com o verbo “estar”, acrescido de gerúndio, implica que houve crescimento em alguma proporção.

Em consequência disso, apontamos para a atelicidade do processo verbal, que, por ter essa configuração, tende às situações com alguma extensão, afirmando a presença de duração, mesmo que abstraída. Salientamos que em 19', o processo de crescimento em si é indicativo de uma passagem pelas fases de desenvolvimento humano, até a chegada da vida adulta, o que denota um sentido durativo, pois o desenvolvimento de uma pessoa, no sentido que especificamos, não é o tipo de ação que se mostra momentânea.

Isto significa dizer que as fases de duração não são tão irrelevantes ao ponto de coincidirem e denotarem uma ação pontual. Por conseguinte, a duração está presente, em detrimento da noção de pontualidade. Como a situação supõe diferentes fases, isso acarreta o fato de ser dinâmica, do tipo processo, mas não uma atividade já que não há agentividade presente.

Todavia, a apresentação do processo verbal não denota que ainda há crescimento, visto que esse processo foi apresentado no conjunto de suas fases.

Isto se dá pelo fato de a situação de crescimento, no sentido de desenvolvimento humano a pouco especificado, ter sido apresentada como completa. Portanto, o completamento está presente no exemplo analisado.

Diferentemente, o acabamento está ausente, em mais um caso em que uma situação linguística é apresentada como completa, enquanto o acabamento é abstraído, segundo comprova a expressão linguística com o pretérito perfeito e um verbo atélico. Acresce ainda o fato de a união destas estruturas da língua apontarem para a não finalização de um processo, comprovando-o como durativo.

Visto que “crescer” denota uma situação única, não precisaremos nos remeter aos conceitos de situação narrada e referencial para resumir a atuação das noções aspectuais em 19’. Dessarte, a duração possui a marcação positiva (+), por se tratar de um evento atélico, com lapsos durativos relevantes que marcam a ausência da pontualidade, que marcamos como negativa (-). Por outro lado, o processo de “crescer” é apresentado como um todo, completo na enunciação e, por isso, ressaltamos a presença desta noção marcada como positiva (+). Já o acabamento, por ter sido abstraído, segundo denota o pretérito perfeito unido à estrutura atélica, está ausente em 19’, o que explica a sua marcação negativa (-). O esquema da atuação destas noções é o mesmo que postulamos para 18’.

**Esquema 15:** Noções aspectuais para o exemplo 19'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	+	-
Pontualidade	-	-
Completamento	+	+
Acabamento	-	-

Fonte: Própria autora.

Como a duração concorre para a imperfectividade, mesmo que esteja marcada positivamente, em relação à transitividade, tem interpretação negativa (-), unindo-se à pontualidade e ao acabamento negativos (-). Como apenas o completamento está presente e concorre para a transitividade, 19' tem nível baixo na tabela gradiente de análise do aspecto. Neste contexto, a proposta de análise escalar para o critério aspecto, diverge da proposta binária utilizada por Vanderlei (2014). Porém, concordamos com a marcação de ausente que a autora postula para o critério pontualidade, assinalada da mesma forma por nós, embora como noção aspectual.

Como comprovamos uma tendência aspectual imperfectiva, a ação expressa em 19' é menos transferível, ou seja, menos transitiva. Após as retificações que sugerimos, apenas 4 critérios de transitividade estavam presentes, segundo a análise binária respaldada em Hopper e Thompson. Agora, com o critério aspecto também ausente, somente 3 critérios têm marcação positiva (+). Ainda assim, o nível de transitividade se mantém baixo, posto que tal nível supõe a presença de 3 ou 4 critérios, segundo indica a tabela gradiente de Matos (2008).

Note-se que o exemplo seguinte, por outro lado, proporciona resultados perfectivos. Observemos como ele se configura.

20) Ah! Agora muito bem! Agora, tu **me** soltaste, eu vou fazer teu marido te matar e ganhar a alma dele.

Critérios/Traços	Transitividade
1. Participantes	+
2. Cinese	-
3. Aspecto do verbo	+
4. Pontualidade do verbo	+
5. Intencionalidade do Sujeito	+
6. Polaridade da oração	+
7. Modalidade da oração	+
8. Agentividade do sujeito	+
9. Afetamento do objeto	+
10. Individuação do objeto	+

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 46).

O quadro de critérios de transitividade formulado por Vanderlei (2014) para 20' sugere um nível muito alto de transitividade, seguindo a gradiência proposta por Matos (2008) para a presença de 9 critérios. Devemos apontar a nossa concordância com análise da autora, indicando para 20 a mesma justificativa que ocorre em 12, 14 e 17 para a marcação negativa da cinese, não acompanhada pela mesma marcação de ausência para o afetamento.

Quanto ao aspecto e à pontualidade, também seguiremos o raciocínio de Vanderlei (2014). Primeiramente, isolemos o exemplo:

20') Ah! Agora muito bem! Agora, tu me **soltaste**, eu vou fazer teu marido te matar e ganhar a alma dele.

O verbo “soltaste” é a última forma de pretérito perfeito neste último bloco analítico. Diferentemente do que ocorreu em 19', este tempo flexional está relacionado a um processo verbal télico, pois o teste de telicidade revela que o verbo “estar”, acrescido do gerúndio do verbo em questão não implica o pretérito perfeito de “soltar”. Ou seja, enunciar algo com “Tu estás me soltando” não implica a situação linguística com pretérito perfeito apresentada em 20'. Diante disso, podemos dizer, segundo salienta Travaglia (2006), que o verbo em questão é telico, isto é, supõe finalidade para a ação.

Como as situações télicas tendem à pontualidade, podemos desde já salientar que “soltaste” não denota lapsos significativos de duração, de modo que as

fases da situação foram enunciadas como coincidentes, como é pertinente às situações pontuais. Logo, a noção de pontualidade pode ser marcada como presente, enquanto a duração tende à ausência, posto que não é apresentada no enunciado de modo significativo.

Ressalte-se ainda as classificações de situação dinâmica, evento e ato, esta última decorrente da presença do sujeito agente “Tu”, registrado no critério agentividade. Essas classificações são comprovativas da pontualidade expressa pela forma como o processo verbal foi enunciado.

O completamento, por sua vez, pode ser identificado com menor dificuldade, já que a coincidência das fases de desenvolvimento, típica do evento pontual, possibilita a melhor visualização da situação como um todo, num efeito semelhante ao que resulta da apresentação da duração como abstraída. Daí, acentuamos a marcação de presente para o completamento que, neste exemplo, está em harmonia com o acabamento, também tido como presente, segundo indica a união do pretérito perfeito com um verbo télico, denotando que o evento foi finalizado.

Também nesta posição sobre o acabamento fica implícita a menor relevância da duração, embora não desconsideremos a existência de duração limitada, ou seja, quando se indica um ponto específico da constituição do evento ou quando ele é simplesmente sentido como finito.

Sem precisar recorrer aos conceitos de situação narrada e referencial, podemos postular que a duração em 20' é marcada como ausente, negativa (-), em decorrência da telicidade do evento, dos lapsos pouco significativos de duração e consequente coincidência das fases, motivos estes que também justificam a pontualidade presente, positiva (+). O completamento mais uma vez, está presente, tendo em vista a visualização do todo das fases de desenvolvimento, segundo o qual o evento foi enunciado. Por último, o conjunto perfectivo télico justifica a marcação positiva (+) para o acabamento. O quadro a seguir esquematiza as noções aspectuais citadas, apontando para a perfectividade:

**Esquema 16:** Noções aspectuais para o exemplo 20'

Noção aspectual	Atuação da noção	Transitividade
Duração	-	+
Pontualidade	+	+
Completamento	+	+
Acabamento	+	+

Fonte: Própria autora.

A indicação da duração ausente revela a maior tendência à perfectividade, de forma que a interpretamos como positiva para o evento transitivo. Com essa interpretação associada à marcação de presença para a pontualidade, o completamento e o acabamento, chegamos ao resultado de 4 noções aspectuais presentes. Portanto, o nível de transitividade para o critério aspecto é muito alto na tabela de análise gradiente para tal traço transitivo. Nesse contexto, a ação mais perfectiva denota que o evento de “soltar” é mais transferível, tal como ocorre nas situações mais transitivas.

Desse modo, com uma perspectiva escalar sobre o aspecto, corroboramos o resultado da análise binária, na qual Vanderlei (2014) pautou-se. Reiteramos, por conseguinte, o nível muito alto de transitividade, registrado nos 9 critérios listados como presentes em 20, segundo Matos (2008).

Visto que finalizamos a observação do segundo bloco de análise de Vanderlei (2014), desta vez focado na função objetiva direta do pronome “me”, vejamos a configuração da tabela geral da autora para os critérios de transitividade e, na sequência, a repetição desta tabela com as nossas marcações a partir da análise escalar:

**Tabela 5:** Análise do Objeto direto<sup>17</sup>

Ex:	Partic.	Cinese	Aspecto do Verbo	Punctualidade do verbo	Inten. Do Sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade sujeito	Afetamento do objeto	Indiv. do objeto	Total
11	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>8</b>
12	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	<b>9</b>
13	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>8</b>
14	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	<b>9</b>
15	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>8</b>
16	+	-	+	+	(-)	+	+	+	+	+	<b>(8)</b>
17	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	<b>9</b>
18	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	<b>9</b>
19	(-)	-	+	-	(-)	+	+	(-)	-	+	<b>(4)</b>
20.	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	<b>9</b>
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	

Fonte: (VANDERLEI, 2014, p. 50).

**Tabela 5.1:** Resultados após análise escalar do aspecto<sup>18</sup>

Ex:	Partic.	Cinese	Aspecto do Verbo	Punctualidade do verbo	Inten. Do Sujeito	Polaridade da oração	Modalidade da oração	Agentividade sujeito	Afetamento do objeto	Indiv. do objeto	Total
11	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+	<b>8</b>
12	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	<b>9</b>
13	+	-	(-)	(-)	+	+	+	+	-	+	<b>(6)</b>
14	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	<b>9</b>
15	+	-	(-)	(-)	+	+	+	+	-	+	<b>(6)</b>
16	+	-	+	+	-	+	+	+	+	+	<b>8</b>
17	+	-	(-)	(-)	+	+	+	+	+	+	<b>(7)</b>
18	+	-	(-)	(-)	+	+	+	+	+	+	<b>(7)</b>
19	-	-	(-)	-	-	+	+	-	-	+	<b>(3)</b>
20.	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	<b>9</b>
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>0</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>9</b>	<b>6</b>	<b>10</b>	

Fonte: Própria autora.

Na tabela 5, Vanderlei (2014) anota que a transitividade está entre os níveis alto e muito alto. Os exemplos 11, 13, 15 e 16, com 8 critérios presentes, denotam o

<sup>17</sup> Os parênteses salientam as marcações para as quais sugerimos modificações na análise de transitividade realizada por Vanderlei (2014).

<sup>18</sup> Os parênteses indicam as marcações que sofreram modificações, segundo uma proposta de análise escalar para o aspecto.

primeiro nível assinalado, enquanto 12, 14, 17, 18 e 20, exemplificam o segundo, cada um com 9 critérios positivos. Neste bloco, apenas o exemplo 19 tem baixo nível de transitividade, com 3 critérios marcados como presentes.

Diferentemente do que ocorreu com o primeiro bloco de análise de Vanderlei (2014), mesmo após uma observação escalar, a eventual marcação negativa para o aspecto e a pontualidade não influencia os níveis de transitividade neste segundo bloco, a ponto de reduzi-los significativamente, segundo fica perceptível a partir da observação da tabela 5.1.

A partir das indicações entre parênteses, observa-se que os exemplos 13, 15, 17, 18 e 19 são influenciados pela observação escalar do aspecto. Os exemplos 13 e 15, com a marcação de ausente para os critérios pontualidade e aspecto, perdem o nível alto de transitividade, passando a indicar transitividade média. Já 17 e 18, mesmo com tais indicações, mantêm um nível relevante de transitividade, visto que passam do nível muito alto para alto, tendo em vista o fato de, mesmo com a ausência do aspecto e da pontualidade, apresentarem 7 critérios de transitividade.

Note-se que 19', com a ausência do aspecto, apenas diminui a quantidade de critérios presentes de 4 para 3, o que não o rebaixa mais na tabela gradiente de transitividade de Matos (2008). Ressaltamos, diante disso, que a influência de uma perspectiva escalar chegou à modificação dos resultados finais da perspectiva binária na qual Vanderlei (2014) se baseou.

Contudo, o bloco 2 em si, continua mais transitivo, em detrimento do conjunto de exemplos apresentado primeiramente, no qual a análise escalar do aspecto implicou níveis medianos de transitividade, já que 6 dos exemplos do bloco 1 são mais imperfectivos e menos pontuais. Acreditamos que a manutenção dos altos níveis de transitividade no bloco 2 decorre da presença significativa desta propriedade antes mesmo de considerarmos os exemplos de maneira escalar.

Isto posto, desejamos fazer algumas considerações gerais que acabam envolvendo ambos os blocos apresentados.

### 4.3 Apontamentos gerais a partir da análise da exemplificação proposta

Primeiramente, devemos destacar o pensamento de Travaglia (2006) sobre o tempo flexional pretérito perfeito que, embora possa ser encontrado em situações perfectivas, não é um critério que as determina. Como vimos, o pretérito perfeito de um verbo atélico aponta para o fato de a situação não ter um fim alcançado, o que é um indício de um processo estendido, em detrimento de mais perfectivo.

Outro fator que precisa ser destacado é a presença da noção de completamento em todos os exemplos de ambos os blocos, independentemente das configurações de presença ou ausência das demais noções. Assim, acreditamos que, mesmo sendo uma noção pertinente ao perfectivo, o completamento não se opõe à duração, sendo a única noção que permanece presente, mesmo diante dela.

Nessa ambiência reflexiva, entendemos também que a duração afeta diretamente a pontualidade e o acabamento, que estiveram presentes sempre que a duração era marcada negativamente. Contudo, devemos esclarecer que essas conclusões são referentes à exemplificação que utilizamos, pois não podemos, por exemplo, dizer que o completamento estará presente em perífrases, como a que vemos no enunciado “Ele está correndo”.

Acrescentamos ainda a estes apontamentos gerais que duas configurações do quadro de noções aspectuais podem ser identificadas. A primeira refere-se às situações que tendem à imperfectividade e a menor transitividade, isto é, as marcações positiva (+) para a duração; negativa (-) para a pontualidade; positiva (+) para o completamento e negativa (-) para o acabamento. É o caso dos exemplos 2, 3, 4, 7, 8 e 10, do primeiro bloco, e 13, 15, 17, 18 e 19, do segundo.

A segunda configuração, por seu turno, está relacionada às situações mais perfectivas e transitivas, ou seja, as marcações negativa (-) para a duração; positiva (+) para a pontualidade; positiva (+) para o completamento e positiva (+) para o acabamento. Os exemplos desta configuração são 1 e 9, do primeiro bloco, e 11, 12, 14, 16 e 20, do segundo bloco. Os exemplos 5 e 6 não foram considerados por não atualizarem aspecto em decorrência do modo imperativo em que estão desenhados.

Podemos postular em acréscimo que a primeira configuração caracteriza uma ação prototipicamente imperfectiva e menos transitiva, pois a duração marcada como presente, não concorre para a transitividade, de forma que se une à marcação

negativa da pontualidade e do acabamento. Portanto, o imperfectivo prototípico tem 3 noções negativas (-), e apenas uma presente, o completamento.

O perfectivo prototípico, por sua vez, pode ser caracterizado na segunda configuração. Daí, a marcação negativa (-) da duração, interpretada como algo que concorre para a transitividade, junto com a marcação positiva da pontualidade, do completamento e do acabamento, denota que o perfectivo prototípico tem 4 noções marcadas com presentes.

Repare-se que especificamos acima a configuração da atuação das noções aspectuais que caracteriza prototipicamente cada um dos aspectos da principal oposição aspectual, imperfectivo e perfectivo, que nos propusemos a investigar para embasar nossa proposta escalar do critério de transitividade aspecto.

Munidos dessa caracterização e da metodologia relativa às noções aspectuais que a construíram, pudemos analisar o aspecto de maneira escalar e não somente binária, apreendendo a dimensão da influência daquela metodologia sobre os resultados desta. A saber, a modificação nos resultados de 6 exemplos do primeiro bloco e em 5 exemplos do segundo, o que implica falar de 60 % de influência para o primeiro caso e 50 % para o segundo.

Devemos postular também que a telicidade do verbo teve uma participação relevante para a marcação positiva ou negativa das noções que implicaram esses resultados e, como o completamento apresentou uma configuração estável em todos os exemplos, acreditamos que sua influência, *a priori*, esteja restrita às três demais noções.

Todavia, como os nossos objetivos não estão relacionados a mensurar a ação da telicidade, vamos nos ater aos resultados para os quais ela contribuiu. Como a análise escalar diminuiu o alto nível de transitividade indicando o nível médio, através da marcação de ausência para o aspecto e para a pontualidade, compreendemos que a análise escalar sugeriu mais imperfectividade e, conseqüentemente, mais duração. Esse movimento pode se justificar pelo fato de a língua tender a apresentar as situações como durativas, como comprova o fato de os verbos atélicos “serem mais numerosos do que os télicos” (TRAVAGLIA, 2006, p. 58).

Mesmo assim, quanto ao bloco 2, não podemos fazer as mesmas afirmações, pois as modificações causadas pela observação escalar em 5 exemplos não permitem indicar a duração necessariamente, uma vez que a transitividade continua

alta, indicando menos imperfectividade. Os exemplos 13, 15 e 19, após análise escalar, realmente registram transitividade de nível médio, no caso dos dois primeiros, e baixa, no caso do terceiro. Porém, os dois demais exemplos influenciados, 17 e 18, mudam o nível de muito alto para alto, indo de 9 a 7 critérios presentes. Se unirmos esses dois últimos aos cinco critérios que continuam com transitividade elevada, veremos que a influência da análise escalar para o aspecto é ligeiramente menor sobre os exemplos do bloco 2 que tende a ser mais perfectivo que o primeiro.

Acreditamos que estes raciocínios que formulamos descrevem apenas uma possibilidade de caracterização do perfectivo e do imperfectivo, objetivando a proposição de escalaridade em um traço da transitividade funcionalista. Possivelmente, a exemplificação usada restringe algumas dessas considerações ao contexto dessa pesquisa. Mesmo assim, acreditamos que nossos principais objetivos foram alcançados em alguma medida, já que foi possível propor uma caracterização para a principal oposição aspectual, bem como apresentar uma sugestão de observação escalar do critério aspecto diante da perspectiva binária de Hopper e Thompson, exemplificada no trabalho de Vanderlei (2014) que retomamos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observarmos os diferentes compêndios gramaticais, vimos que três pontos principais se destacam quanto ao aspecto: a existência de compêndios que não o listam entre as categorias do verbo, tais como Cegalla (2000) e Rocha Lima (1992), outros que o tratam subsidiariamente, tais como Luft (1989), Nicola e Infante (1997) e Pasquale e Infante (2008) e os que fazem colocações com maior sistematização, como ocorre com Cunha e Cintra (2001) e (2008), Sacconi (1994) e Bechara (2009).

Nas gramáticas que podem ser relacionadas aos dois primeiros pontos, podemos observar uma progressão que vai da ausência de menção da categoria aspectual até a situação em que é trabalhada com eventuais enganos quanto à ênfase para a distinção básica entre os aspectos perfectivo e imperfectivo, segundo situações consideradas acabadas ou inacabadas.

As gramáticas de Cunha e Cintra (2001) e (2008), Sacconi (1994) e Bechara (2009) propõem maior sistematização na análise do aspecto, com destaque para a forma de apresentação realizada pelo segundo gramático, tendo em vista o fato de elencar uma conceituação para o aspecto, listar os aspectos que considera presentes no português, além de ressaltar alguns recursos de sua expressão. Mesmo com este ponto positivo, o autor apresenta problemas quanto aos aspectos que lista, bem como na maneira como os define, além de não comentar a principal oposição aspectual.

Com os conceitos de aspecto e quadros aspectuais, vimos primeiramente o quadro aspectual de Castilho (1968) que supõe as noções de acabamento e não acabamento, segundo comentado por Travaglia (2006). O conceito de aspecto colocado por Travaglia (2006) é bastante completo e, embora o autor tenha escolhido um quadro aspectual composto por aspectos simples, fez afirmações importantes sobre a caracterização do perfectivo e do imperfectivo, que nos levaram a considerar o critério de transitividade aspecto, buscando complementaridade e abrangência para a visão binária de observação.

Salientamos que a hipótese de que os conceitos de situação narrada e situação referencial são primordiais para a análise aspectual não foi relevante para a exemplificação apresentada neste trabalho, pois nenhum dos exemplos destacados apresentou duas situações que justificassem uma análise baseada em tais

conceitos. Embora não tenham sido conceitos relevantes para a nossa exemplificação, mesmo assim, assinalamos a sua importância na apresentação da problemática sobre a caracterização do perfectivo e do imperfectivo.

Quanto aos estudos de Câmara (1980), temos os aspectos em destaque caracterizados basicamente segundo ações que duram, para o imperfectivo, ou acabam, para o perfectivo, com a possibilidade de permanência de efeitos neste último caso.

Em Costa (1990), o conceito de aspecto como ligado à constituição interna de uma ação determina um quadro aspectual que prioriza o imperfectivo, como aquele que realmente possibilita a análise aspectual, de forma que o perfectivo, de certo modo, tem sua análise relegada por não conter lapsos de tempo significativos para análise. Nessa autora e em Travaglia (2006) temos indicações específicas sobre a complexidade da caracterização do perfectivo e do imperfectivo e sobre a possibilidade de cometer enganos quanto às noções que os caracterizam, o que pode implicar em classificações somente binárias que nem sempre são suficientes para analisar o fenômeno linguístico.

Claramente, não podemos deixar de destacar a importância do trabalho de Castilho (1968) para a formação dos estudos sobre aspecto no português brasileiro, mas ressaltamos algumas impropriedades na observação de fenômenos, como os exemplificados anteriormente, a partir de Travaglia (2006).

O estudo de Travaglia (2006), por seu turno, pôde observar com maior abrangência as noções que estavam em questão na caracterização dos aspectos citados, vindo com mais clareza a construção de um quadro aspectual para o português.

Acresce ainda que sua discussão sobre as noções de duração, pontualidade, acabamento, não acabamento, completamento e não completamento denotam a complexidade do fenômeno aspectual representado pelo perfectivo e pelo imperfectivo, considerados por meio das várias noções citadas e não apenas pelo par acabado e inacabado. Essa configuração permitiu um olhar escalar no interior do critério de transitividade aspecto, incluindo neste o critério de pontualidade.

Devemos salientar que a observação escalar sobre o aspecto, enquanto parâmetro funcionalista, modificando ou não de forma significativa o nível de transitividade, se mostrou influente nos resultados de uma perspectiva binária, sugerindo, por vezes, conclusões diferentes das que tal procedimento implicaria.

Acreditamos que isso indica que o estudo aspectual escalar pode anteceder produtivamente a análise binária, de forma que torne mais embasados os seus resultados.

Nota-se que o nosso estudo tem uma motivação teórica, posto que proporciona reflexões sobre um dos traços de um dos princípios teóricos de uma teoria maior, o funcionalismo. A validade da proposta escalar de análise se configura na possibilidade de complementar a perspectiva binária de Hopper e Thompson (1980), à proporção que sugerimos a aplicação de um experimento anterior à postulação de seus resultados. Acreditamos que desta maneira é possível fazer com que o estudo de transitividade oracional proposto por estes autores seja adaptável às particularidades da categoria aspecto no português brasileiro, propondo a adaptação da teoria ao fenômeno linguístico e não o contrário, objetivado a melhoria das relações entre o critério funcionalista e a categoria verbal.

Sabemos necessário um histórico maior dos aspectos que destacamos para observar se a sua formação justifica a complexidade de sua caracterização. Além disso, seria importante também um estudo teórico que especificasse detalhadamente a influência da telicidade na análise aspectual, bem como uma maior exemplificação da proposta escalar frente ao estudo baseado somente no binarismo da proposta de Hopper e Thompson. Mas, diante da inquietação que desejamos expor, por agora, bastam os apontamentos colocados acima.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BERLINCK, Rosane Andrade; AUGUSTO, Marina Rosa Ana & SCHER, Ana Paula. Sintaxe. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 9<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2011, Vol. 1, p. 207-244.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**. 4<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1980.

\_\_\_\_\_. **História da linguística**. Trad. De Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. Petrópolis: Ed. Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Linguística e Gramática**. 18<sup>a</sup>. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa**. Marília: Alfa, v. 12, 1968, p. 7-135.

\_\_\_\_\_ e ELIAS, Vanda Maria. **Pequena gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

CEGALLA, Domingos Pasquale. **Novíssima gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Nacional, 2000.

CIPRO NETO, Pasquale e INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Scipione, 2008.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português**. São Paulo: Contexto, 1990.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

\_\_\_\_\_. **Breve gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2001.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FURTADO DA CUNHA, Maria. Angélica. & SOUZA, Maria Medianeira. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOPPER, Paul J. & THOMPSON, Sandra. Transitivity in Grammar and Discourse. **Language Journal of the Linguistic Society of America Baltimore**, Md 56, 1980, p. 251-299.

LUFT, Celso Pedro. **Moderna Gramática Brasileira**. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

MARTELOTTA, Mário Eduardo & AREAS, Eduardo Kenedy Nunes. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO DA CUNHA, Maria. Angélica; RIOS DE OLIVEIRA, Mariângela; MARTELOTTA, Mário Eduardo. (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 17-28.

MATOS, Denilson Pereira de. Transitividade: de uma perspectiva categorial /formal para uma perspectiva oracional/funcional. In: SILVA, Camilo da. e Matos, Denilson Pereira de. (Orgs). **Sintaxe do Português: abordagens funcionalistas**. 1ª ed. João Pessoa: Editora da UFPB/UFPB Virtual, 2011, v. 1, p. 33-64.

NEVES, Maria Helena de Moura. Gramática Funcional e cognitivismmo. In. \_\_\_\_\_. **A Gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 99-112.

NICOLA, José de & INFANTE, Ulisses. **Gramática contemporânea da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

Projeto AC/DC: corpo Corpus Brasileiro. Disponível em: «<http://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>». Acesso em 15 junho de 2015.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática: teoria e prática**. São Paulo: Atual, 1994.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 1ª Ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

VANDERLEI, Delma de Melo. **Transitividade Oracional: Reflexões sobre a função textual-discursiva dos pronomes o(s), a(s), me, te.** 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2014.